



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE ARTES – IdA

DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS – CEN

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

ROSA PIRES FERNANDES

**HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA VOLTADA À EDUCAÇÃO
DE SURDOS: A ARTE COMO MEIO DE PROMOVER O PROTAGONISMO
DO SUJEITO SURDO**

**Brasília
2023**

ROSA PIRES FERNANDES

**HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA VOLTADA À EDUCAÇÃO
DE SURDOS: A ARTE COMO MEIO DE PROMOVER O PROTAGONISMO
DO SUJEITO SURDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional do Instituto de Artes da Universidade de Brasília - UnB, realizado sob orientação do Prof. Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro a ser apresentado à banca examinadora como requisito à obtenção do título de Mestre em Artes na área de concentração de Ensino de Artes – Artes Cênicas, na linha de pesquisa em Processos de Ensino Aprendizagem e Criação em Artes.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fh Fernandes, Rosa Pires
HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA VOLTADA À EDUCAÇÃO DE
SURDOS: A ARTE COMO MEIO DE PROMOVER O PROTAGONISMO DO
SUJEITO SURDO / Rosa Pires Fernandes; orientador José Mauro
Barbosa Ribeiro. -- Brasília, 2023.
130 p.

Tese(Mestrado em Artes) -- Universidade de Brasília,
2023.

1. Surdos.. 2. Arte-Educação. 3. Cultura Surda. 4.
Protagonismo. 5. Inclusão. I. Ribeiro, José Mauro Barbosa ,
orient. II. Título.

ROSA PIRES FERNANDES

**HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA VOLTADA À EDUCAÇÃO DE
SURDOS: A ARTE COMO MEIO DE PROMOVER O PROTAGONISMO
DO SUJEITO SURDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional (PROFARTES) do Instituto de Artes da Universidade de Brasília - UnB, realizado sob orientação do Prof. Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro a ser apresentado à banca examinadora como requisito à obtenção do título de Mestra em Artes.

Prof. Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro – Orientador
PROFARTES/CEN/IdA/UnB

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso
PROFARTES/CEN/IdA/UnB

Profa. Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos
PROFARTES/UFU/MG

Aprovado em: 10/08/2023

Assinado Eletronicamente em: 23/08/2023.

*ao meu filho Rafael e à minha mãe do
coração, Catarina (in memoriam),
responsáveis por toda minha força e
determinação.*

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão à espiritualidade e ao Universo que regem, guiam e amparam toda minha vida e trajetória. Grata por estar nesse processo de crescimento intelectual e profissional.

À toda energia de amor, colaboração e solidariedade emanada por tantas pessoas que estiveram comigo nesse momento tão importante da minha vida, que sempre vibraram e torceram por mim. Pessoas que me inspiraram a investir nessa pesquisa e contribuíram de alguma forma para realização de um sonho. Destaco o apoio e carinho das minhas primeiras amigas surdas, Adriana Gomes e Mayrla Sales. Meu sincero agradecimento a todos os alunos surdos que fizeram parte do meu aprendizado.

Agradeço imensamente a todos os profissionais da Escola Bilíngue Libras Português Escrito de Taguatinga, desde os auxiliares de serviços gerais, à direção e aos professores, que sempre abraçaram minhas ideias e projetos com plena confiança em meu trabalho.

Aos amigos que prontamente aceitaram participar das entrevistas: Alessandro de Araújo, Edmar Oliveira, Rosana Mariz, Eldenir Costa e Edileusa dos Santos. O apoio de outros queridos como Ricardo Costa, Francine Baliza e Lígia Perdigão. Meu agradecimento a minha amiga que gentilmente aceitou revisar este trabalho, a professora Janaína Almeida. Meu agradecimento a querida Rachel Ferro por estar presente em minha defesa como intérprete de Libras.

Ao meu orientador que aqui vou chamar respeitosamente de Zé Mauro, minha admiração por seu empenho, paciência e dedicação na condução desse trabalho. Sempre disposto a ajudar e com palavras de carinho, incentivo e pela forma tão respeitosa que me conduziu nesse processo de aprendizagem.

Que os bons frutos desse trabalho sejam conduzidos *in memoriam* aos meus alunos Rafael Silva e Gabriel, agora estrelinhas em outras esferas.

Ao Programa de Mestrado Profissional Stricto Sensu em Artes – PROFARTES – UnB e à banca de avaliação: Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB/DF) e Profa. Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos (UFU/MG), gratidão pela oportunidade. Para mim esse é um momento honroso de reencontro com meus professores que estiveram comigo há mais de 20 anos na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, responsáveis por semear em mim o amor pela Arte.

"Não guardes mais o segredo de tua surdez, nem
mesmo em tua Arte".

(Beethoven, Esboços do Quarteto n. 9, 1806)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a importância da Arte na educação inclusiva de pessoas surdas e o estímulo do protagonismo do indivíduo surdo, bem como contribuir para a construção da sua identidade e cultura. A escolha do tema ocorreu após uma imersão na cultura surda enquanto professora de Artes numa escola da rede pública da SEEDF voltada à educação de surdos, a Escola Bilíngue Libras Português Escrito de Taguatinga. Esse contato e vivência pedagógica ocorreram entre 2017 a 2023, momentos que aguçaram minha vontade de melhor conhecer o povo surdo e, então, contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, no contexto de uma educação inclusiva, na qual a ferramenta mediadora é a Arte. Nessa sistematização dessas vivências, pesquisa e estudo, apresento importantes discussões referentes ao povo surdo e à sua cultura, bem como observações em consonância com um olhar enquanto professora de Artes Cênicas e Visuais. No que se refere aos instrumentos metodológicos, além da revisão bibliográfica em observância às dissertações de Araújo, Fernandes e Rodrigues, outros autores trazem sustentação teórica à pesquisa, como os apontamentos de Gesser e Strobel sobre a cultura surda. No que se refere ao ensino das Artes, as referências foram Ostrower, Spolin e Stanislavski, também úteis na dinâmica das oficinas teatrais e na construção da personagem performática da Vovó Rosalinda. Quanto à sustentação ao pilar educativo e a seus princípios, busquei, nas pesquisas de Alves e Freire, o referencial mais clássico em educação que dá ao aluno seu devido protagonismo. A pesquisa de campo se consolida na imersão cultural junto aos surdos na escola mencionada e culmina na performance construída como produto artístico, resultante das interações entre sujeito surdo e ouvinte, professor e aluno, além da evolução da prática teatral para a performance sustentada nos conceitos de Cunha. Essa performance será apresentada nos meios midiáticos no ciberespaço. Em diálogo com os estudos de Tardif, a metodologia de referência busca, na prática pedagógica, o saber que provém da atuação do educador e de suas vivências nesse ambiente. A coleta de dados desta pesquisa contou com entrevistas, questionários *online*, análises qualitativas e produção de vídeos sobre eventos culturais e artísticos. O uso da língua de sinais foi um diferencial para entrar no universo e na cultura do indivíduo surdo, foi um facilitador para a sistematização e a consolidação da pesquisa, devido à fluidez na comunicação, na vivência e na interação entre os participantes que ela permite.

Palavras-chave: 1. Surdos. 2. Arte-Educação. 3. Cultura surda. 4. Protagonismo. 5. Inclusão.

ABSTRACT

This research aims to understand the importance of Art in the inclusive education of deaf learners and stimulate the protagonism of the deaf individual, as well as to contribute to the construction of their identity and culture. The theme was chosen after my immersion in the culture of the hearing impaired as an art teacher in a public school focused on the education of the deaf, the Bilingual School of Sign Language and Written Portuguese in Taguatinga. This contact and pedagogical experience took place between 2017 and 2023, moments that have increased my desire to better understand the deaf people and thus contribute to the teaching-learning process through an inclusive education in which the mediating tool is Art. As part of the systematization of my experiences, research, and study, I present important discussions regarding the deaf people and their culture, as well as observations related to my view as a teacher of Theater and Visual Arts. In terms of methodological tools, in addition to the literature review in compliance with the thesis by Araújo, Fernandes and Rodrigues, other authors bring theoretical support to the research, such as the notes by Gesser and Strobel on deaf culture. In terms of teaching the arts, the references were Ostrower, Spolin and Stanislavski, also useful in the dynamics of the drama workshops and construction of the performing character of Grandma Rosalinda. As for the support to the educational principles, I sought in Alves and Freire the most classical references in education that, in my perception, grants the students their due protagonism. The field research is consolidated in the cultural immersion with the hearing impaired in that school and culminates with the performance developed as an artistic product resulting from the interactions between hearing and deaf subjects, teacher, and student, in addition to the evolution of the theatrical practice for the performance supported by the concepts of Cunha, to be shown through mediatic means in the cyberspace universe. In line with Tardif, the methodology of reference seeks, in pedagogical practice, the knowledge that comes from the educator's place of action and his or her experiences in this environment. Form for data collection in this research also relied on interviews, online questionnaires, qualitative analyses, and the creation of videos about cultural and artistic events. The use of sign language was a differential to enter the universe and culture of the deaf individual, it was a facilitator to systematize and consolidate the research given the fluid communication, experience, and interaction it allows among participants.

Keywords: 1. Deaf. 2. Art education. 3. Deaf culture. 4. Protagonism. 5. Inclusion.

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	11
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	12
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	14
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I - Trajetória e imersão na cultura surda	24
1.1 Trajetória na Arte: primeiros passos	29
1.2 Primeiros contatos com os surdos	42
1.3 Artesanato na educação do surdo	44
1.4 Festa Cultural de Halloween	49
1.5 Meu contato e aquisição da Língua de Sinais (Libras)	56
1.6 A Vovó Rosalinda	57
1.6.1 Era uma vez, a Vovó Rosalinda:	63
1.7 A presença da música nos projetos e sonoplastia	66
METODOLOGIA.....	69
Entendendo o surdo sob sua própria perspectiva	71
Identidade e cultura surda	78
Luta e trajetória do povo surdo	85
CAPÍTULO II - Oficina teatrais: laboratório e construção da performance	88
2.1 Dinâmica das oficinas:	90
2.2 Análise de dados da pesquisa qualitativa:	92
2.3 A Arte como facilitadora do protagonismo surdo	106
3.1 A performance “O Silêncio que vos fala”:.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	122
APÊNDICE A – CARTAZ DA OFICINA TEATRAL DA EBT/SEDF	126
APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E NOME PARA ADULTOS	127
APÊNDICE C – MODELO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	128
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA.....	129
Pesquisa para professores comprometidos com a..... educação de surdos	129

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dados da pesquisa inédita sobre o quantitativo de surdos que fazem uso da língua de Sinais no Brasil - Libras.....	25
Gráfico 2 - Dados sobre o nível de fluência em Libras dos entrevistados.	92

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto divulgação da Peça Augusto Jantar em Taguatinga-DF, 2004.....	26
Figura 2 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo de vivências na forma de ensino na pandemia ..	39
Figura 3 - Fotografia do aluno Willyan Avelino sobre o que viu da pandemia.....	41
Figura 4 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo-entrevista da surda Maria Graziella Ribeiro em 2018, sobre minha evolução na aquisição da língua de sinais.....	44
Figura 5 - Pintura em tela da aluna Vanessa Barbosa de Araújo na EBT/DF, 2018. ...	46
Figura 6 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo-convite da exposição de Artesanato na educação de surdos, com janela em Libras, EBT/DF, 2018.....	48
Figura 7 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo da aluna Geicyane, surda e cega realizando a confecção de um colar durante projeto de artesanato na EBT/DF, 2018.	49
Figura 8 - <i>Thumbnail</i> para videoaula explicativa sobre o <i>Halloween</i> com imagens do projeto realizado na escola EBT/DF.....	49
Figura 9 - Personagem idealizado pelo aluno Wesley Vinícius Florentino Damacena do ensino médio na EBT/DF, 2018.	50
Figura 10 - Foto das professoras da escola com seus personagens na Festa Cultura de <i>Halloween</i> , realizada na escola EBT/DF, 2018.	51
Figura 11 - Foto da aluna Júlia Nascimento de Jesus, ganhadora do concurso da Festa Cultural de <i>Halloween</i> da EBT/DF em 2017. E foto do aluno Willyan Avelino ganhador do mesmo concurso em 2020 durante a pandemia.	53
Figura 12 - <i>Thumbnail</i> para vídeo do Baile de Carnaval na EBT/DF, 2020.	55
Figura 13 - Vovó Rosalinda em apresentação, 2018.....	58
Figura 14 - Vovó Rosalinda contando história na EBT/DF, 2021.....	59
Figura 15 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo da Vovó Rosalinda: Criação de Figurinos..	62
Figura 16 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo da Cantata de Natal na EBT/DF, 2021.....	67
Figura 17 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo com a meu sinal em Libras.	71
Figura 18 - Foto na formatura dos alunos na EBT/DF, realizada em 2017..	77
Figura 19 - Foto da visita dos alunos da EBT/DF na exposição de fotografia de profissionais surdos no Museu da República em Brasília-DF, 2018.....	83
Figura 20 - Foto da visita dos alunos da EBT/DF na exposição de fotografia do Centro Cultural do Banco do Brasil - CCBB, 2018.....	84
Figura 21 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo da oficina teatral com os alunos, 2022	91

Figura 22 - Doação de <i>kits</i> de pintura e desenho ao aluno Kauan e desenho feito pelo aluno com seu autorretrato com lápis de cor. Atividades da EBT/DF, 2021.	108
Figura 23 - Desenho do aluno Kauan de Sousa, ganhador do primeiro lugar no XI Concurso de Redação e Desenho do SINPRO-DF, 2021.	109
Figura 24 - Foto do aluno Kauan na sede do SINPRO-DF após a premiação. E <i>Thumbnail</i> para o vídeo do momento em que vê a premiação.	110
Figura 25 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo criado pelo aluno Kauan de cunho profissional onde divulga seu trabalho com desenhos.	111
Figura 26 - Fotos da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e o aluno Marlon Alves da Silva no Palácio do Planalto, em 2022, Brasília/DF.	112
Figura 27 - Desenho ilustrativo do aluno Marlon Alves da Silva em 2018, ganhador do concurso de desenho para ilustrar a camiseta do Festsurdo.	113
Figura 28 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo exemplificativo do aluno Marcos Gabriel Barteli Lustosa da EBT/DF, 2020.	115
Figura 29 - <i>Thumbnail</i> para o vídeo da performance “O Silêncio que vos fala” Filmagem em junho de 2023, no Teatro do CEM 3 de Taguatinga.	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
APADA	Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CCBB	Centro Cultural do Banco Brasil
CEF 4	Centro de Ensino Fundamental n. 4 de Taguatinga
CEF 15	Centro de Ensino Fundamental n. 15 de Taguatinga
CEM 3	Centro de Ensino Médio n. 3 de Taguatinga
CODA	<i>Child of deaf adult</i> (Filhos de adultos surdos)
COVID-19	<i>Corona Virus Disease - 2019</i>
DI	Deficiência Intelectual
DF	Distrito Federal
EAPE	Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação
EBT	Escola Bilíngue Libras Português Escrito de Taguatinga
ELS	Escrita em Língua de Sinais
EMAC	Escola de Música e Artes Cênicas
EUA	Estados Unidos da América
EVA	<i>Ethylene Vinyl Acetate</i>
FADM	Faculdade de Artes Dulcina de Moraes
FBT	Fundação Brasileira de Teatro

FEDF	Fundação Educacional do Distrito Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSF	<i>Langue des Signes Française</i>
MG	Minas Gerais
<i>Moodle</i>	<i>Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment</i>
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNS	Pesquisa Nacional de Saúde
PSL	Português como Segunda Língua
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SINPRO-DF	Sindicato dos Professores do Distrito Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
SW	<i>Signwriting</i>
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TGD	Transtorno Global de Desenvolvimento
TICs	Tecnologias da Informação e da Comunicação
TNT	Tecido não tecido
TO	Tocantins

TOD	Transtorno Opositor Desafiador
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como eixo constitutivo minha trajetória e imersão na cultura surda como professora de Artes Cênicas e Artes Visuais em uma escola voltada à educação de surdos na rede pública de ensino da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, a Escola Bilíngue Libras Português Escrito de Taguatinga – EBT, onde realizei esta pesquisa. Essa escola foi criada em cumprimento à Lei. 13.146 de 2015 em seu Art. 28 que garante no item IV “oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas”. Atualmente a EBT conta com o quantitativo de 82 alunos surdos, atendendo a comunidade nos três turnos, sendo alunos da região de Taguatinga e entorno de Brasília/DF. As aulas são ministradas por professores bilíngues, tendo um total de 49 professores que lecionam diversas disciplinas em Libras, da educação precoce ao ensino médio. Minha imersão junto ao povo surdo nessa escola começou em 2017, estendendo-se até a conclusão desta pesquisa em 2023. Esse processo de reflexão e escrita me possibilitou um melhor entendimento sobre a importância do ensino da Arte como facilitador da aprendizagem na educação do surdo, bem como um meio de promover a compreensão sobre a cultura e identidade da pessoa com deficiência. De acordo com a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, a Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência, no Art. 2º

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

A dissertação traz relatos relevantes sobre esse processo de ensino-aprendizagem por meio da Arte voltada à inclusão e destaca o protagonismo do sujeito surdo como manifestação de resistência contra o preconceito para com a pessoa portadora de necessidades especiais. Conceitos como cultura surda, povo surdo e a importância da visualidade na educação do surdo serão abordados.

A metodologia desta pesquisa está pautada na construção do saber com base na prática pedagógica segundo Tardif (2002), pois este autor dá a devida relevância aos saberes adquiridos durante as vivências pedagógicas. A forma de coleta de material para análise nesta pesquisa acontece por meio de relatos em Libras registrados em vídeos e pesquisa escrita disponibilizados por meio de formulários digitais em português escrito. Após sua coleta, segue a análise dos mesmos, bem como das experiências autobiográficas referente aos projetos artísticos e culturais desenvolvidos na escola e por mim vivenciados. Destaco também a análise qualitativa das entrevistas e do material etnográfico registrados em vídeos na oficina teatral, nas entrevistas e nos questionários escritos durante esse período de imersão cultural nessa comunidade.

Objetivando uma proposta mais inovadora ao ensino das Artes, a produção de vídeos e performance foi construída considerando o conceito sobre as novas possibilidades de ensino na cultura digital abordados por Fernanda Cunha, que tive o prazer de ser aluna de 2017 a 2019 no curso de pós-graduação em Arte Intermediática Digital da Universidade Federal de Goiás - UFG, na Escola de Música e Artes Cênicas - EMAC/GO. Sobre Arte Intermediática Digital entende-se como sendo uma linguagem artística que faz uso de recursos digitais e estão presentes no ciberespaço, normalmente são performances contemporâneas que incluem em sua composição recursos midiáticos. Esse conceito será abordado no capítulo III quando trato do processo criativo da performance em vídeo.

A performance é encenada pela personagem da Vovó Rosalinda que nasceu nesse berço cultural do surdo. Compôs também esse repertório entrevistas com pessoas da comunidade surda formada por alunos e professores surdos, ouvintes filhos de pais surdos e ouvintes comprometidos de alguma forma com a luta dos surdos. A Língua Brasileira de Sinais - Libras, usada na comunicação de pessoas surdas, foi um diferencial para que se estabelecesse uma comunicação efetiva com aquela comunidade e para aplicação das ações pedagógicas, porém foi a linguagem da Arte que abriu caminho para as

propostas pedagógicas e para o intercâmbio cultural durante essa imersão na cultura surda.

A pesquisa está voltada à temática do reconhecimento do sujeito surdo numa sociedade mais acolhedora às diversidades, que seja capaz de respeitar a cultura e formação identitária de cada indivíduo, tendo na Arte uma facilitadora desse processo, despertando neles uma maior autonomia como protagonistas da sua própria história. Para sustentação teórica desta pesquisa, considerei a revisão da literatura das dissertações de autoria de Araújo, Fernandes e Rodrigues. Os apontamentos de Gesser e Strobel contribuíram para compreensão das questões sobre a cultura e o povo surdo. Quanto ao ensino das Artes, as referências foram de Ostrower, tendo Spolin e Stanislavski na dinâmica das oficinas teatrais e construção da personagem performática. Alves e Freire foram teóricos de suma importância no que tange à educação.

Em diversos apontamentos, considero reflexões sobre a educação e o processo de acolhimento da diversidade, destacando a importância da Arte no processo de ensino-aprendizagem da pessoa com deficiência auditiva, a partir da minha vivência e imersão cultural em uma escola bilíngue para surdos. Acredito na Arte como um meio eficaz de promover uma educação de qualidade ao possibilitar a inserção dessas crianças e jovens ao convívio social de forma autônoma, livre e capaz. A Arte faz a integração entre as áreas do conhecimento e o desenvolvimento das habilidades de forma lúdica, em um ambiente de efetiva aprendizagem, onde o fazer cultural e a prática docente pode contribuir para a formação cidadã com indivíduos cada vez mais conscientes do seu papel na sociedade.

O campo de pesquisa e estudo abrangeu o espaço voltado aos alunos surdos da EBT durante a oficina de teatro e os anos que antecederam ao meu ingresso no mestrado, um período tão importante quanto aqueles voltados à pesquisa por terem contribuído para o meu entendimento em relação à cultura surda. A culminância do projeto acontece com a apresentação de uma performance em vídeo encenada em Libras. A performance em formato audiovisual é concebida para compor a cultura do ciberespaço e universo digital

onde será vinculado. O trabalho inclui também registros audiovisuais das atividades desenvolvidas tanto nas aulas da oficina quanto aquelas que fizeram parte da minha trajetória nesta escola junto aos surdos. O título da performance artística é “O Silêncio que vos fala”, uma produção cênica que além dos elementos teatrais também dialoga com elementos audiovisuais por meio de recursos digitais. A escolha dessa forma de registro e produção artística ocorre por acreditar na necessidade de inovação nas formas didáticas do ensino e inclusão digital, integrando as Artes ao universo digital. O conteúdo da performance é pautado na estética visual, gestualidade e expressividade, ausência da fala numa linguagem não-verbal e elementos da cultura surda, em conformidade com meus estudos em Teatro, Artes Visuais, Libras e em Arte Intermediática Digital. As falas na performance são voltadas à melhor compreensão da temática para os ouvintes que ainda não dominam a língua de sinais.

O hibridismo na Arte nos tem possibilitado perceber a linguagem cênica e teatral no nosso cotidiano mesclando áreas aparentemente tão diversas como o teatro, a língua de sinais e os recursos digitais. Todo material produzido na oficina e a performance em vídeo estão disponíveis no ciberespaço para compor esse amplo universo que é o ambiente virtual, tornando possível sua ampla divulgação para toda a comunidade surda e ouvintes. A ação tem como intuito divulgar diferentes formas de cultura e fazer artístico, aproximando povos tão diversos na forma de comunicação humana.

Não fará parte da metodologia para escrita desta dissertação o uso da linguagem neutra. Embora a temática perpassasse pela inclusão e ser sensível às pessoas marginalizadas e vítimas de qualquer forma de preconceito e discriminação, para o surdo que tem o Português escrito sua segunda língua e Libras como língua materna, a linguagem neutra dificultaria a compreensão textual. O Português escrito para ele é um desafio à parte, é alfabetizado numa língua que não fala e jamais a ouviu, sendo que o gênero na língua de sinais é marcado pelo masculino e feminino. O gênero neutro também não consta no acordo ortográfico da Língua Portuguesa assinado em 1990, em vigor desde 1º

de janeiro de 2006, o referido acordo abrange todos os países que têm a Língua Portuguesa como sua principal língua.

Diante do exposto, considere a estruturação da pesquisa em três capítulos conforme descritos nos parágrafos:

- **Primeiro capítulo:** apresento as primeiras impressões sobre educação e surdez por meio de exemplos, dados e relatos sobre meu primeiro contato com pessoas surdas em diferentes situações. O capítulo segue com a *Trajatória e Imersão na Cultura surda* quando apresento minha história de vida e início da trajetória na Arte, que contribuíram para melhor compreensão do motivo que me levou a adentrar na educação de surdos. Nos subtítulos *Primeiros Passos* e *Primeiros Contatos com os surdos*, conto como foi o início do meu trabalho e imersão na cultura surda, primeiro contato. Autores como Alves (2004) e Strobel (2008) contribuem para compreensão dos conceitos de educação e cultura surda nesses tópicos. Em sequência, apresento dois projetos desenvolvidos na escola e seus impactos na educação dos surdos, são eles: *Artesanato na Educação de Surdos* com base em conceitos de Ostrower (1986) e *Festa Cultural de Halloween* exemplificativa de projetos interdisciplinares, como o *Baile de Carnaval*. Em *Aquisição da Língua de Sinais* relato como aprendi Libras e a importância desse passo nos processos que se seguiram. A apresentação do nascimento da personagem da *Vovó Rosalinda* encerra o capítulo, dialogando com os conceitos de teatro de Stanislavski (2016), mas reaparece na performance mais à frente. Para explicar a presença da sonoplastia na apresentação da Vovó Rosalinda na performance, o subtítulo *A presença da música nos projetos e sonoplastia* esclarece com uma reflexão o som e a música no universo dos surdos, exemplificado pela Cantata de Natal;

- **Metodologia:** a forma metodológica que orienta a pesquisa dialoga com Tardif ao observar a construção de um pluralismo do saber baseado na prática pedagógica. Esse autor defende que esse saber profissional provém dos “lugares nos quais os próprios professores atuam, com as organizações que os formam e/ou nas quais trabalham, com seus instrumentos de trabalho e, enfim, com sua experiência de trabalho.” (2002, p. 63) E foi com base nessa prática e vivência onde atuei que me foi possível compreender como se deu a

construção do saber e o ensino/aprendizagem nesse processo educativo, explicando conceitos culturais e a própria cultura surda. Sobre esse universo cultural do indivíduo surdo, optei em realizar análises fílmicas de clássicos sobre o povo surdo, sua expressividade e comportamento com o objetivo implícito no próprio subtítulo intitulado de *Entendendo o surdo sob sua própria perspectiva*. As referências nessas análises são Fernandes (2021) e Strobel (2008), nos convidando a ver a surdez sobre a ótica do próprio indivíduo surdo. Em *Identidade e Cultura Surda* é possível mergulhar no universo do surdo entendendo-o como pertencente a uma cultura própria, segundo Strobel (2008). O capítulo encerra-se com um apanhado sobre a história de luta desse povo, o subtítulo é *Luta e Trajetória do Povo Surdo*;

- **Segundo capítulo:** reservado às atividades na oficina teatral, bem como o processo preparatório para construção da performance em vídeo. Realizou-se as aulas, registros do processo em vídeos e fotos, análise do material obtido com os alunos surdos durante o período de construção dessa dissertação. A *dinâmica das oficinas* não está em formato de proposta pedagógica, as atividades desenvolvidas transcorreram conforme método de preparação do ator e construção da personagem de acordo com Stanislavski (2016) e jogos teatrais de Spolin (2010). A coletânea das vivências nas oficinas teatrais pode ser apreciada resumidamente no vídeo produzido com material coletado que também serviu de apoio à construção da personagem na performance. Em *A Arte como Facilitadora do Protagonismo surdo* apresenta-se após a oficina para coroar o processo que em muito contribui para o desenvolvimento do exercício do protagonismo do sujeito surdo, tendo a Arte como facilitadora. Exemplos do protagonismo dos alunos surdos são trazidos em projetos que aconteceram em nossa escola;

- **Terceiro capítulo:** inicia com a *Apresentação e Análise da Performance: Vovó Rosalinda em “O Silêncio que vos fala”*: Traz o conceito de performance segundo Cohen (2002) e reflexões sobre cultura digital no ciberespaço com o objetivo de promover uma educação mais integrada com inovações tecnológicas e digitais apresentadas por Cunha (2008). Esses conceitos são importantes para a renovação metodológica do ensinar num

mundo cada vez mais interativo e dinâmico. É possível observar os resultados práticos da apresentação performática, a temática da personagem e correlação com as observações sobre a expressividade do sujeito surdo apreciadas nas oficinas. Essa etapa é relevante por considerar a importância da inserção digital na educação;

- **Considerações finais:** transcorro sobre as repercussões referentes a performance após sua disponibilização nos meios digitais e ciberespaço. Na oportunidade de desfecho, também disponibilizo uma síntese sobre minha trajetória na educação, a importância e relevância da Arte em minha vida como Arte-educadora. Pensar sobre esses pontos me levaram a entender minha proximidade com a educação inclusiva. Enfim, faço um apanhado geral sobre meu processo de imersão na cultura surda, as oficinas teatrais e seu impacto na construção da performance em vídeo e como a Arte pode contribuir para o efetivo exercício do protagonismo do sujeito surdo.

CAPÍTULO I - Trajetória e imersão na cultura surda

A oportunidade de experiência na cultura surda me ofertou uma troca rica de conhecimento nesse processo de ensino-aprendizagem, pois a educação não se apresenta de forma unilateral. A forma como acontece o processo de educar me levou a repensar a prática educativa na perspectiva do educador retrógrado, aquele que acredita ser seu papel ensinar e promover o saber. Se assim fosse, o educando seria um sujeito meramente passivo. Ledo engano, como já explicava Paulo Freire sobre o processo educar

... educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos... (FREIRE, 2013, p. 74-75)

Esse conceito sobre o processo educativo, eu direcionei para a comunidade em que estava inserida, o da inclusão e surdez. Nesse contexto, observa-se uma forma diferente de ver o mundo, um lugar sem som no qual a vida toma formas por meio de imagens. Outro aspecto observado foi a teatralidade inerente a esse grupo. E como profissional das Artes Cênicas eu tive a oportunidade de ensinar quanto de aprender. Tratava-se de uma forma expressiva e particular de se comunicar. Não era mímica, pantomima ou características restritas aos signos da língua deles. Era uma expressividade e força gestual que brotava da própria necessidade da comunicação daqueles indivíduos numa sociedade onde a maioria das pessoas são ouvintes. Atualmente no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE,

cerca de 5% da população é surda e, parte dela usa a Libras como auxílio para comunicação. De acordo com dados do IBGE, esse número representa 10 milhões de pessoas, sendo que 2,7 milhões não ouvem nada. (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, *site*, 2021)

E apesar desse quantitativo de pessoas com limitações auditivas e tendo no país a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que define a Libras como segunda língua oficial do país, ainda são poucos os surdos que fazem uso da língua de

sinais para se comunicarem. Neste gráfico disponibilizado pelo IBGE podemos observar essa peculiaridade da surdez no Brasil e comunicação dos surdos:

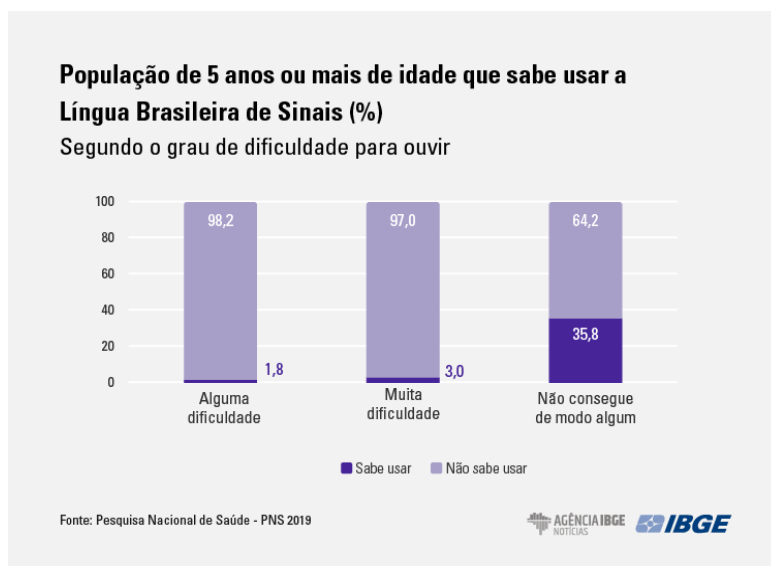


Gráfico 1 - Dados da pesquisa sobre o quantitativo de surdos que fazem uso da língua de Sinais no Brasil - Libras. Gráfico gerado pelo IBGE na Pesquisa Nacional de Saúde - PNS 2019, disponível no *Link* <https://desculpenaouvi.com.br/ibge-confirma-surdez-nao-e-sinonimo-de-libras/>, acesso em 30 de Dez. de 2022.

Tentando entender o motivo da Libras não ter a relevância merecida na sociedade brasileira, passei a ter outro olhar para o uso e importância da língua de sinais para a educação do surdo. Nesse período de imersão na cultura surda, também foi possível constatar o quanto a Arte contribuía para o desenvolvimento daqueles indivíduos, principalmente quanto à capacidade de inserção desse sujeito no convívio social, na construção identitária e efetivo protagonismo. Quanto ao uso da língua de sinais como forma de comunicação, devemos considerar, além dos indivíduos que nascem surdos, aqueles que adquirem a surdez ao longo da vida, por diversos fatores.

Um exemplo da aquisição tardia da surdez é do meu ex-aluno no Teatro de Bolso de Taguatinga em 2004, Alessandro de Araújo. Na época do curso, em 2004, ele não era surdo. Recentemente, tive a oportunidade de reencontrá-lo no Departamento de Artes da Universidade de Brasília – UnB, onde é aluno no curso de Artes Cênicas. Ele relatou suas dificuldades em acompanhar as aulas devido a sua condição atual de surdez parcial. Segundo ele, a acústica das salas

não ajuda muito, além disso os professores estavam usando máscaras para se protegerem da COVID-19, vírus que ocasionou uma pandemia que assolou o mundo, tendo provavelmente surgido na cidade de Wuhan na China em 2019. Mas apesar das dificuldades enfrentadas, reconhece o teatro como facilitador da sua expressividade, estando inclusive investindo na aquisição da Libras. Em depoimento sobre as dificuldades que ele tem enfrentado como aluno de Artes Cênicas na UnB no horário noturno, ele relatou,

Voltar aos estudos depois de 30 anos afastado, estar surdo de um ouvido com apenas 50% de audição, máscaras sendo usadas devido a COVID-19, acústica precária das salas de aula e ter só 3 horas e 30 minutos de sono diário são as dificuldades que estou passando agora. Quando comecei na UnB, não achei que teria essas dificuldades. Só tive consciência no primeiro dia de aula. Não ouvir na totalidade o que o professor e os colegas estão dizendo é frustrante, principalmente quando se abre uma roda de discussão. (ARAÚJO, 2022)



Figura 1 - Foto divulgação de Franca Vilarinho . Peça *Augusto Jantar* com Alessandro de Araújo como Frederico Augusto, direção de Rosa Pires em Taguatinga-DF, 2004.

Buscando contribuir para uma sociedade que acolha as diferenças de forma mais branda e humana, me propus à realização desta pesquisa e estudo sistemático do ensino da Arte como mediador para a formação de pessoas mais conscientes de seu papel social e reconhecimento da sua própria identidade. O estudo abrange também relatos de indivíduos que não se veem pertencentes à

comunidade surda por terem surdez parcial, fazerem uso de aparelhos auditivos ou possuir implante coclear. Esse implante é um dispositivo implantado de alta complexidade tecnológica, que é utilizado para restaurar a função da audição nos pacientes portadores de deficiência auditiva profunda que não se beneficiam do uso de aparelhos auditivos convencionais. Inclui a esse grupo os surdos oralizados, quando um indivíduo surdo é capaz de se comunicar através de alguma língua oral. Ao contrário do que muita gente imagina, muitos surdos são capazes de falar graças à técnica da oralização. O problema na audição não necessariamente compromete sua fala, o que explica ser incorreto o termo “surdo-mudo”. A Doutora surda Karen Strobel esclarece que

Dentro da comunidade surda, os sujeitos surdos não diferenciam um ao outro através de grau de sua surdez, e sim que o tal fulano é “surdo” ou “ouvinte”, pois isto demonstra as suas identidades culturais do pertencimento à comunidade surda. (STROBEL, 2008, p. 62)

Interessada em conhecer outros casos, entrevistei a professora Rosana Mariz, que atua na SEEDF desde 1995. Ela possui surdez parcial e faz uso de aparelho auditivo. Em seu relato, diz que não se considera uma pessoa surda e nem faz uso da língua de sinais. Mesmo nestes casos são comuns relatos descrevendo situações de algum tipo de preconceito ou sentimento de exclusão por sua deficiência, principalmente na escola.

Eu era tida como lerda. Algumas pessoas me chamavam de burra! Eu não era! Na verdade, meu diagnóstico de surdez parcial veio de forma tardia. Tive muita dificuldade por isso na alfabetização. Eu tive que me esforçar mais para aprender e ao mesmo tempo aprender a lidar com o preconceito. Eu escuto, mas não entendo tudo. Ninguém percebeu, nem eu mesma sabia que era surda. Até uma colega do ensino médio bater nas minhas costas e dizer: “Você é surda! Dá as costas e não nos ouve!” O resto eu fui me adaptando, por questão de sobrevivência. (MARIZ, 2022)

Chamou-me atenção neste relato o fato de ela admitir o preconceito sofrido ao longo da vida e todas as dificuldades ocasionadas pela deficiência auditiva, mas não se identificar como surda. Talvez o ato de negar sua condição lhe traga uma falsa sensação de distanciamento do problema. Situações de preconceito e discriminação para com as pessoas com deficiência são recorrentes em nossa sociedade, apesar de a Lei nº 13.146 de 2015 garantir em

seu art. 4º que “Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.” Outro relato interessante de não percepção da própria surdez foi da professora de geografia da SEEDF, atualmente aposentada, Eldenir Costa. Ela conta como descobriu sua deficiência auditiva e os impactos que isso lhe trouxe.

Percebi em sala de aula a dificuldade de ouvir os alunos. A princípio os próprios alunos repetiam as informações quando eu não ouvia e procuravam fazer silêncio. Era incômodo para mim ficar pedindo pra repetir. Foi incrível quando coloquei o aparelho pela primeira vez... estava no 8º andar e consegui ouvir o barulho dos carros lá embaixo quando coloquei... a chuva na janela... não tinha ideia do tanto que eu já não estava ouvindo. O aparelho foi bem caro. Difícil para assalariados comprarem. (COSTA, 2022)

Essas duas professoras usam aparelhos auditivos bem discretos. Apesar de conhecê-las há algum tempo, não havia percebido que elas tinham problemas auditivos. Somente depois que nossas amizades se estreitaram e elas souberam que eu trabalhava com surdos, é que me contaram sobre a própria surdez. Ambas enfatizaram que se tratava de uma surdez parcial e usavam aparelhos auditivos, o que não deixa de ser um privilégio! Pois, o exame para diagnóstico pelo SUS – Sistema Único de Saúde, é demorado e mesmo depois de feito e diagnosticado a surdez, outra saga se inicia para conseguir um aparelho auditivo de forma gratuita. Como disse, ninguém está isento de deparar-se com essas intercorrências impostas pela vida e circunstâncias adversas. Já pensou: “E se fosse com você?”

Em diversos momentos relato algumas intercorrências pessoais da minha história de vida, citações necessárias para melhor compreensão da minha trajetória identitária como artista, educadora e com fortes laços e afinidade às causas dos excluídos e invisíveis perante a sociedade. Optei por não escrever em um único capítulo sobre minha história por achar que a presença desses relatos só se justifica aqui por ser uma peça necessária à compreensão do contexto e interesse pelo tema.

1.1 Trajetória na Arte: primeiros passos

“Eu sempre me preocupei muito com aquilo que as escolas fazem com as crianças. Agora estou me preocupando com aquilo que as escolas fazem com os professores.”

(RUBEM ALVES, 2004, p. 17)

Eu sempre soube que a Arte seria minha vida. Até minhas brincadeiras de infância eram um verdadeiro jogo dramático

"Desde criança no interior de Goiás, ela organizava – para desespero da mãe! – apresentações no quintal de casa. Tinha apresentações de dança, música e teatro, com direito a figurino, cenário e tudo. “A qualidade eu não sei, mas o barulho era notícia sempre”, lembra a professora Rosa Pires. (MIRANDA, Revista Tablado, 2004, p. 13)

Mesmo não tendo a intenção de fazer Arte eu já compreendia a capacidade do lúdico em promover a transformação em minha vida. Em meio a tanta pobreza, em uma cidade do interior de Goiás, não havia espaço para sonhos altos e fantasias. Foram naquelas brincadeiras de criança que encontrei um alento a tantas ausências, fosse de afeto ou mesmo de privações materiais. E toda a alegria que me trazia aquele “brincar de fazer teatro” (sem nunca ter ido em um!), eu compartilhei com meus colegas que foram também personagens nessa história. Spolin nos explica como é possível aprendermos algo em uma brincadeira de criança mesmo sem nunca ter ido a curso ou se preparado para tal.

Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco.

Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém. Isto é válido tanto para a criança que se movimenta inicialmente chutando o ar, engatinhando e depois andando, como para o cientista com suas equações. (SPOLIN, 2010, p. 3)

Foi brincando que aprendi. Como disse Rubem Alves, “Aprender é muito divertido. Cada objeto a ser aprendido é um brinquedo. Pensar é brincar com as coisas. Brincar é coisa séria.” (ALVES, 2004, p. 61) Nesse ato de brincar aprendi que as privações podem ser de ordem material, mas que a abundância do saber liberta qualquer alma aprisionada na tristeza. Naquele momento, eu estava imersa na fantasia de um universo criativo, cheio de sonhos e imaginação. Entendi essa transposição da vida real para a fantasia muito tempo depois,

Spolin mesmo esclareceu sobre isso ao dizer que “Quando o artista cria a realidade no palco, sabe onde está, percebe e abre-se para receber o mundo fenomenal.” (2010, p. 13) Fiz da brincadeira meu palco, me conheci e descobri num mundo fantástico por meio do jogo dramático.

Essa intimidade com a Arte não poderia ter me levado a outro caminho profissional senão como artista. Fiz meu primeiro curso de teatro ainda adolescente, em 1991 no Serviço Social do Comércio (SESC/DF). Em 1996 tive a oportunidade de entrar na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes (FADM/DF) em Brasília, sempre trabalhando com Artes, mesmo antes da formação superior:

Acabou ingressando profissionalmente no teatro, cursando Artes Cênicas no Dulcina. “Como não tinha dinheiro nem pra pagar passagem”, recorda Rosa, “fiz milhares de outros cursos para conseguir realizar este sonho de criança: ser artista. “Trabalhou em parque de diversões, vendeu bolsas de barbante na Rodoviária do Plano Piloto e foi até cabeleireira. Tem muito mais história, como nos conta Rosa Pires. (MIRANDA, Revista Tablado, 2004, p. 13)

Os desafios estavam apenas começando. Para citar um deles, na época, a logística da periferia na Capital não favorecia aos estudantes que quisessem cursar Artes, muito menos em uma faculdade particular. Foram muitos os desafios, entre eles, minha condição socioeconômica, a distância entre a faculdade e minha residência, a oferta do curso no noturno e a violência de uma cidade grande, principalmente na periferia. Além do mais, por ser mulher, sempre havia mais risco no traslado de volta para casa após as aulas. Chegar em casa após a meia noite, sozinha e de ônibus, não era nada seguro desde aquela época. Mas o sonho de ser artista e de talvez ter uma vida melhor, me posicionar com mais dignidade numa sociedade elitista e patriarcal, falou mais alto. Embarquei no sonho de Dulcina, a primeira-dama do Teatro Brasileiro, também idealizadora da Fundação Brasileira de Teatro – FBT e FADM, onde fiz minha primeira graduação em Artes Cênicas. Dulcina de Moraes fez da Arte seu sonho e seus alunos deram continuidade a esse sonho. Sobre o seu sonho por meio do teatro, ela mesma esclarece:

E eu estou contribuindo, como tantas outras pessoas, para distribuir conhecimento, a noção da responsabilidade do teatro. O prazer do teatro. Estou dando a eles um ensinamento que vai possibilitar, eu estou certa, tenho certeza absoluta disso, que vai possibilitar a eles serem felizes como seres humanos. Você sabe o que é sentir que se

está distribuindo alguma forma de felicidade para essa juventude de hoje? Eles são tão cheios de problemas, de angústias, de perguntas sem respostas. [...] (VIOTTI, 1988, p. 39)

Em entrevista à Revista Urdimento (2010), o ex-aluno de Dulcina, André Amaro¹, conta o que ouvia de Dulcina:

O teatro é um exercício da espiritualidade”, dizia seguidamente. A frase ... servia-nos como um lema norteador e estava associada a um grau de envolvimento e dedicação inabalável àquela arte. Amor e respeito, disciplina e ética, humildade e coragem eram palavras que se desprendiam com frequência de suas lições diárias... [...] (TEIXEIRA, 2010, p. 67)

Nesta mesma entrevista, Dora Wainer², que também era sua ex-aluna, conta uma das inúmeras frases memoráveis de Dulcina: “A vitalidade, a doação, o prazer que ela tinha em ensaiar, em ensinar para nós a grandeza dessa Arte.” (2010, p. 67) Firme no que aprendi, segui convicta no meu propósito de continuar com seu legado na Arte: respeito, ética, amor pelo que se faz e sentir verdadeiramente o prazer em fazer a diferença. E, sem perceber, estava cada vez mais próxima de grupos menos favorecidos e à margem da sociedade.

Foram quatro longos anos de faculdade, apesar de ter amado o curso não foi um período fácil. Devo ter passado metade das horas cursadas dentro de ônibus lotado, em idas e vindas para a faculdade, casa e trabalho. Antes da formatura, em 1999, eu já havia passado no concurso para professor de Artes da extinta Fundação Educacional do Distrito Federal - FEDF/DF, atual SEEDF. Logo que concluí o curso, tomei posse. Foram muitos trabalhos, projetos e desafios que me fizeram repensar sobre a expectativa em relação ao “sonho de ser artista”.

Em 2002, após coordenar um projeto de teatro na escola em que trabalhava, decidi que era hora de viver da Arte e por ela. Naquele momento, acreditava que embora fosse professora de Arte, eu não era artista. Assim,

¹ André Amaro: formado pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, é ator e diretor de teatro. Mestre em Artes pela Universidade de Brasília - UnB, e autor do livro *Teatro Caleidoscópico: o Teatro Por-Fazer*.

² Dora Wainer: formada em biblioteconomia pela UnB, dividiu seu trabalho como servidora pública enquanto Analista na Procuradoria-Geral da República, com sua paixão pelos palcos.

resolvi investir em um espaço de Arte em Taguatinga, uma empresa que funcionava como produtora e escola de teatro. Lá eu ministrava diversos cursos na área artística, tendo como principal atividade um *Teatro de Bolso* para 50 pessoas. Entenda como *Teatro de Bolso* um pequeno espaço onde acontecem apresentações teatrais, normalmente tem uma proposta mais intimista que promove uma maior interação entre o público e os artistas devido a própria proximidade imposta pelo espaço reduzido do ambiente. Naquele pequeno espaço eu sonhava proporcionar a outras pessoas da periferia o que a Arte havia me proporcionado: sonhar, acreditar em si mesmo e viver com dignidade. Acreditava estar contribuindo para o combate a essa cultura elitista que impera na nossa capital.

Quem mora longe do Plano Piloto se cansa de dar desculpas por excluir espetáculos teatrais do roteiro. Basicamente, é tudo distante e caro. Ao menos este mês, moradores de Taguatinga têm um leque variado de peças bem perto de casa. É o projeto *Cultura para Todos*, oferecido pela Escola de Teatro Rosa Pires, que fica no Pistão Sul. (CALDAS, Correio Braziliense, 2004, p. 19)

Com árduo trabalho e dedicação, essa escola funcionou até 2007. Infelizmente, a realidade da vida de artista é cruel em um país como o nosso, que não oferece condições de trabalho, dignidade e concorrência justa para a seleção de projetos junto às iniciativas governamentais para artistas que estão iniciando, bem como o acesso às Leis de incentivo à cultura. Mais uma vez, foi preciso interromper o sonho. Mas a persistência em fazer a diferença sempre fez parte da minha essência.

Como professora, me vi várias vezes tendo que atuar com polivalência nas escolas e projetos, pois faltam nas escolas profissionais das diversas linguagens artísticas que garantam o direito do estudante ao acesso a outras linguagens artísticas, como define a própria Base Nacional Curricular Comum - BNCC:

... propõe que a abordagem das linguagens articule seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística. Tais dimensões perpassam os conhecimentos das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro e as aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural. [...] (BNCC, 2018, p. 194)

Tentando suprir mais essa lacuna na educação, muitas vezes me vi ministrando aulas sobre linguagens às quais não estava devidamente habilitada. No entanto, percebi que o aluno precisava daquela experiência e conteúdo. Sempre tentei fazer o meu melhor com o amor que um dia aprendi. Penso que de algum modo, sempre me sensibilizei com as causas dos excluídos e menos favorecidos, vítimas de preconceitos e rechaçados pelo sistema tão desigual, provavelmente por ter me visto em diversas situações que me fizeram sentir o peso da exclusão. Um desses momentos, me marcou muito, acredito até que tenha sido o cume para minha decisão em ser artista e optar profissionalmente pelo teatro. Acho que foi por volta do ano de 1985, quando cursava a antiga 4ª série primária, numa escola pública em Planaltina de Goiás. Teria uma apresentação na escola em celebração à abolição da escravidão, era 13 de maio. Essa data marca a Abolição da Escravidão no Brasil, quando a Princesa Isabel assina a Lei Áurea em 13 de maio de 1888. Esse fato histórico que garantiu a abolição da escravidão dos negros aconteceu depois de uma grande pressão popular. De certa forma, a escravidão já não era mais tão lucrativa a quem ela interessava. Achei o momento oportuno para participar das apresentações, uma vez que já estava familiarizada com os jogos teatrais nas minhas brincadeiras de crianças. Pensava na minha inocência que poderia representar a Princesa Isabel. Mas a professora me apresentou uma lição sobre a vida que até então eu desconhecia: o preconceito. Ela vetou minha participação como princesa na peça simbólica que seria encenada na escola sob a alegação de que eu não tinha os atributos de uma princesa. Outra aluna se encaixava melhor no papel, pois tinha todo o estereótipo necessário para representar a princesa: loira, cabelos longos, alta, magra e olhos claros. Eu não entendia porque ser baixinha, gordinha e ter cabelos escuros poderiam interferir na minha desenvoltura no palco como princesa. Situação que me fez compreender Rubem Alves, quando fala sobre o desafio de “educar uma criança, uma única criança, que ainda não tivesse sido deformada pela escola.” (ALVES, 2004, p. 10) Até aquele momento eu acreditava na minha capacidade de atuar, ser protagonista da minha própria vida e mais, não sabia que era tão menos que não poderia ser uma princesa.

Não culpo a professora pela dura lição. Afinal, ela seguia o que achava saber sobre Arte. E ainda havia um programa a ser seguido na forma de conteúdos curriculares. De alguma forma, eu também aprendi! Aprendi o que não queria ser e que, se um dia fosse professora, a minha lição seria outra. Meus conteúdos não seriam mais importantes que as lições da vida. Sobre esses “programas escolares” Rubem Alves já fazia sua crítica: “Fiquei a imaginar ... quando, na escola, os seus olhinhos curiosos forem subtraídos do fascínio das coisas do mundo que a cerca, e forem obrigados a seguir aquilo a que os programas obrigam.” (ALVES, 2004, p. 12)

Um dia a aprendizagem sobre beleza e Arte seria entendida como deveria. Foi então que, em Denis, tive a confirmação sobre o verdadeiro sentido da beleza na Arte, que em nada se assemelhava às definições que a professora nos trouxe naquela fatídica aula:

A beleza é um dos atributos divinos. Deus pôs nos seres e nas coisas esse encanto misterioso que nos atrai, nos seduz, nos cativa e enche a alma de admiração, às vezes de entusiasmo. A Arte é a busca, o estudo, a manifestação dessa beleza eterna da qual percebemos, aqui na Terra, apenas um reflexo. Para contemplá-la em todo o seu esplendor, em todo o seu poder, é preciso subir de grau em grau em direção à fonte de onde ela emana, e isso é uma tarefa difícil para a maioria entre nós. (DENIS, 2015, p. 8)

Gostaria de voltar no tempo e abraçar essa criança que eu era e dizer que ela não estava errada no seu desejo e encanto pela Arte. E sim, ela era linda! A professora não estava pronta para ver a beleza sublime no entusiasmo daquela criança. Uma situação que faltou empatia e afeto no ato de ensinar, pois “afeto é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome”. É o eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado.” (ALVES, 2004, p. 21) Mas por outro lado, talvez, se meu desejo em ser a princesa tivesse sido satisfeito naquele momento, minha “fome” teria sido saciada e eu não teria me enveredado para o universo das Artes. Não há como saber se o “se” será sempre uma vaga proposição num passado que não se modifica mais. Me conformo então em contar como tudo aconteceu e refletir sobre as consequências e resultados reais.

Naquele momento, não reagi, fui vencida pela vergonha, pelos muitos risos e piadas dos colegas na sala em aprovação às atitudes da professora. Mas ainda havia esperança de um papel coadjuvante, o de uma escrava talvez. Afinal, para mim, o mais importante era participar. No entanto, mais uma vez fui excluída do fazer artístico. Segundo ela, eu não me encaixava no papel de escrava porque não era negra o suficiente, ou tão escura quanto o papel exigia. O que eu era então? Não era negra, nem branca, mas sempre ouvi que meu nariz era de preto! Que papel a escola tinha para mim? Nenhum. A escola, assim como a sociedade, não está preparada para lidar com as diferenças e os sonhos daqueles que acreditam na transformação. Mas eu que cresci apreciando a metamorfose da lagarta em borboleta, estava convicta da minha capacidade de ser a protagonista da minha própria história. Um dia eu iria apresentar para a escola toda, qualquer papel, o que eu quisesse. Um dia!

Muitos anos se passaram e demorou esse meu processo de transformação até estar apta a sair do casulo. Aprendi muita coisa desde aquela lição sobre preconceito. Muitos outros momentos de aprendizagem vieram. Um desses momentos inesquecíveis de aprendizagem, aconteceu na EBT/ SEEDF. Certa vez, em uma conversa informal, uma professora surda me contou por meio da língua de sinais, com bastante alegria, que havia adotado um cachorro. Eu disse: “Que legal!” Percebendo que eu não havia compreendido o entusiasmo e a grandiosidade do que ela acabara de contar, completou: “Ele é surdo. Meu cachorro é surdo!” Realmente, eu nunca tinha ouvido falar de um cachorro surdo. Fiquei surpresa e quis saber como se comunicavam. Ela disse “normal, faço gestos, aponto e assim nos entendemos”. De fato o carinho, o afeto e o amor são linguagens universais. Mesmo assim, aquele gesto não estava claro no meu repertório limitado de reciprocidade. Indaguei porque o havia adotado, afinal o cachorro era surdo! De pronto ela respondeu contando a história do cachorro que se parecia com a de tantos alunos surdos daquela escola, inclusive com a minha própria história de rejeição e adoção. O cachorro havia sido abandonado, a antiga dona dele não o quis porque ele era surdo. E apesar de também amar os animais, naquele contexto, não sei se o adotaria. Foi preciso uma pessoa

igualmente surda para acolher aquele bichinho. Eu descreveria essa experiência como sendo uma aula sobre empatia.

Foram experiências assim que vivenciei ao longo da minha vida, que mudaram minha visão sobre o mundo e as pessoas. Poder conviver com jovens tão cheios de energia e vontade, ao mesmo tempo que tão subestimados e excluídos, me faz acreditar ainda mais no poder da transformação por meio da Arte. Vejo-me em cada jovem dali, e, mesmo que por muitas vezes tenha cogitado desistir dos projetos em educação e na Arte, eu persisto. Há momentos em que sinto mais as dificuldades, como quando meus pais faleceram, no intervalo de 2002 e 2004, cheguei a me afastar do trabalho com depressão. Em entrevista para a Revista Pense Leve, convidada para falar sobre superação, pude contar minha história:

Fui achada no lixo! Meus pais eram muito pobres e deram-me para uma senhora, que sem poder cuidar de mim, me jogou no lixo. Resgatada, acabei sendo adotada por um outro casal. Muito desnutrida e doentinha, fui desenganada pelos médicos no hospital, mas meus pais adotivos não perderam as esperanças. Mudamos para o interior de Goiás, onde fui criada. (REVISTA PENSE LEVE, 2007, p. 63)

Aceitar que o único caminho viável era um subemprego, que há coisas que não mudam, principalmente se você aceita a divisão de classes e condição de exclusão que nos é imposta injustamente por esta sociedade, parece ser normal e o ciclo natural da vida a percorrermos. Mas minha formação foi constituída com solidez e esse pensamento não cabia em mim. Tive todas as razões para desistir, mas eu escolhi lutar. Essa escolha me alimenta todos os dias quando revejo a menina que fui um dia, projetada na desesperança como tantos dos meus alunos.

O teatro me ajudou na busca pelo autoconhecimento. Morava no teatro, dormia sobre o palco e era feliz na medida do possível, pois imaginava ser quem eu sonhava e não quem eu via no espelho: um monstro. Sei hoje que não era tudo isso, mas minha mente estava mais doente que meu corpo. (REVISTA PENSE LEVE, 2007, p. 63)

Fiz da Arte-educação mais que uma mera profissão, era um projeto de vida. Levar a outros jovens oportunidades por meio da Arte foi a forma que encontrei de retribuir tudo que um dia recebi da vida e me fez mudar minha

história. Com muito esmero e dedicação, consegui algumas vitórias. O resultado do meu trabalho chegava até mim de diversas formas, como o depoimento deixado no meu *Facebook*³ por um ex-aluno do CEF 15 de Taguatinga em 2001. Esse aluno, Edmar Oliveira, atualmente formado em Pedagogia e Licenciado em Artes Cênicas, é professor de Artes na SEEDF e mestrando pela UnB, egresso em 2023.

Lembro como se fosse há alguns poucos anos atrás. Rs. Aquela professora simpática e divertida chegando no CEF 15 de Taguatinga e avisando que era professora de Arte, Artes Cênicas! O brilho no meu olhar já havia mudado. Como Rosa não deixou de engrandecer todas as aulas e por vezes espetar meu sonho de tipo “você consegue”. Lembro que fiquei bobo quando levei o primeiro carimbo no caderno. Carimbo pela atividade realizada. Lá constava: “Profa. Rosa Pires, Licenciada em Artes Cênicas.” Não tenho a certeza se eram essas palavras, mas o nome associado a licenciatura me deixou bobo. Lembro que, ingenuamente, disse pra mim mesmo que teria um carimbo como aquele, com aqueles mesmos dizeres... Rs. Coisas de adolescente? Coisas de sonhadores? Não sei ao certo, mas hoje assumi essa função. Obrigada Rosa Pires. A primeira entre meus muitos mestres de Teatro. (OLIVEIRA, 2013)

Segui me reinventando, quando me dei conta, mais de duas décadas já haviam se passado. Senti que era o momento de me reinventar. Às vezes, o tempo passa rápido demais e não nos damos conta do quão rotineira a vida se tornou. Eu precisava ir além da “vontade” de promover mudanças, era preciso mais conhecimento e dedicação para acompanhar essa geração tão atendida com as mudanças tecnológicas e distantes daquele modelo em que eu aprendi e há tanto tempo ensinava. Tenho um exemplo em casa da ineficácia do ensino, principalmente com as crianças com algum tipo de transtorno ou deficiência. Refiro-me ao meu filho Rafael, diagnosticado com TDAH, completamente negligenciado pela fórmula pronta de uma educação que exclui o diferente. As dificuldades dele em se adequar ao sistema regular de ensino me fizeram repensar sobre os padrões educacionais que há tanto tempo se mantêm o mesmo.

³ *Facebook*: rede social fundada por Mark Zuckerberg e Andrew McCollum em 2004 na Califórnia, EUA. Atualmente tornou-se uma grande empresa de mídia social e tecnologia pertencente a *Meta Platforms, Inc.*

Na busca por respostas, busquei algumas qualificações profissionais. Em 2017 ingressei no curso de pós-graduação em Arte Intermediática Digital na UFG/GO. Tinha interesse em aprender sobre novas metodologias no ensino, principalmente as possibilidades midiáticas no contexto do ensino das Artes. Logo, um ano antes de terminar o curso, surgiu outra oportunidade na mesma universidade para cursar Artes Visuais. Essa segunda graduação agregou bastante na minha atuação como professora polivalente em outras linguagens, bem como professora de Artes na educação de surdos. A cada aprendizagem eu queria mais, outras dúvidas e inquietações iam surgindo. Busquei em seguida uma pós-graduação em Libras na Faculdade de Tecnologia de Palmas – TO, além de outros cursos dessa língua que participei. Estava a todo vapor, quando “no meio do caminho, tinha uma pedra”, como bem disse Drummond (1928, p. 1) em um dos seus poemas mais conhecidos do século XX. A pedra em nosso contexto foi bem maior que os problemas que até então tínhamos vivenciado, era um vírus. Em Brasília, uma das primeiras medidas para conter a disseminação do vírus veio com o fechamento das escolas em março de 2020. No entanto, as mudanças no ensino ocorreram em todo o mundo com o impedimento do funcionamento das escolas na forma presencial devido às medidas sanitárias ocasionadas pela pandemia mundial da COVID-19. Ainda estamos vivenciando esse processo de mudanças em meio ao caos, sem previsões para o término ou a volta ao “novo normal”. Todos ainda tentamos entender tudo o que vivemos ou como as coisas ficarão no pós-pandemia. Aliás, com o aparecimento de novas cepas, fica até complicado já falarmos em “pós”. Em outro momento, quero relatar outras experiências vividas nesse período como professora atuante na educação do ensino especial durante a pandemia.

A pós-graduação em Arte Intermediática Digital e a faculdade à distância no curso de Artes Visuais, ambos na UFG, me possibilitaram adentrar no universo da tecnologia e ter adquirido uma maior compreensão sobre o hibridismo na Arte e a migração dessas performances para o ciberespaço. Graças a essas vivências e aprendizagens não tive tanta dificuldade em promover aulas na plataforma digital. Passei a usar diversos aplicativos e

continuei com as atividades da faculdade no *Moodle*⁴ no momento em que a pandemia demandava novas possibilidades para continuar as aulas, mesmo que à distância. Estava bem familiarizada com um, digamos, modo diferenciado na didática e na metodologia da educação. Diferente dos meus demais colegas de trabalho, tive uma certa agilidade em me adaptar às aulas híbridas no ensino regular. A dificuldade foi promover condições de equilíbrio mental para a construção do conhecimento e efetiva aprendizagem. Foram muitos os intercursos da pandemia. Outro fator que dificultou o ensino nesse período foi a falta de equidade na educação. Um exemplo foi a ausência de computadores e acesso à internet para a maioria dos alunos da rede pública de ensino.

De um dia para o outro me vi em situações inimagináveis. Tinha que ser dona de casa cuidando de todos os afazeres domésticos, continuar o trabalho da escola de forma remota na sala da minha casa, onde dividia a mesa com meu filho que também passava a ter a mãe como sua professora. Para melhor ilustrar o que vivemos durante o ápice da pandemia nos anos de 2020 e 2021, fiz um vídeo como proposta avaliativa do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFG. Neste recurso audiovisual consigo expor com mais dinamismo e clareza todas as nuances que vivemos nesse período de pandemia com foco em meu trabalho como educadora.

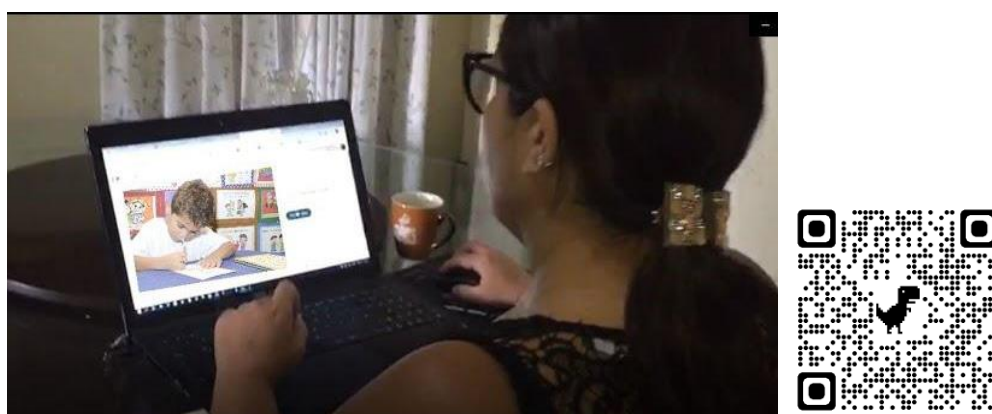


Figura 2 - *Thumbnail* para o vídeo explicativo sobre as vivências e mudanças na forma de ensino durante a pandemia. *Link* disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=q0uE89iLa1k>.

⁴ *Moodle* - é o acrônimo de *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*, um *software* livre, de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual. É muito usado em todo o mundo e significa também “sistema de gestão de aprendizagem”.

As deficiências na educação e o despreparo em lidar com as adversidades ficaram mais evidentes durante a pandemia. Problemas antigos vieram à tona, como o analfabetismo digital e mesmo a falta de recursos para a inclusão digital. Problemas que foram agravados quando somados às parcas e lentas ações tomadas por nossos governantes para a contenção e disseminação do vírus. Houve de tudo, da dificuldade em manter a economia estável à demora para a chegada da vacina à população. Por fim, o mais difícil de todos os abalos foi lidar com a dor da perda. Receber notícias da morte de amigos, conhecidos, parentes e mesmo de quem sequer conhecíamos foi desestabilizante. Retornar às aulas presenciais foi uma situação de luto difícil para todos, porém uma hora deveria acontecer esse retorno. Não sabíamos como seria, apenas seguimos as determinações do governo e fomos. Como acolher de forma confortável e segura quando ainda buscamos nossa própria estabilidade emocional? Nessa situação de incertezas, acabamos por repensar sobre a real importância de cada conteúdo e atividade que estamos fazendo nesse retorno, havia uma importância latente de fazer uma adequação curricular que humanizasse a educação e a própria forma de avaliar, aprovar ou reprovar um aluno. Parece algo óbvio no que tange à educação, mas na prática isso estava longe de acontecer.

Espero que cada um de nós tenha aprendido com tudo que vivemos neste momento e que ressignifiquemos cada um a sua própria existência, sem deixar de pensar no outro. Entendo que, do jeito que está, a escola não é o melhor lugar para se aprender. As transformações batem à porta cansadas de esperar por um convite efetivo para iniciarmos a construção de um lugar melhor para aprendermos. Tal mudança, acredito ter na Arte um diferencial no processo de transformação. Para ilustrar esse trágico momento pandêmico que vivemos, escolhi uma foto feita por meu aluno autista e surdo, proposta de atividade dada na disciplina de Arte sob o título *Da Minha Janela, o que vejo da pandemia*.



Figura 3 - Fotografia do aluno Willyan Avelino ilustrando o que ele viu da pandemia, proposta da disciplina de Artes na EBT/DF, em 2020.

Nesta imagem, o aluno mostra como milhares de crianças e jovens se perceberam, durante a pandemia em situação de isolamento, muitos em condições precárias e privações. Se para nós foi difícil, se coloque na condição do aluno surdo que, muitas vezes, tinha na escola seu único contato social e interação, pois a maioria das famílias com crianças surdas se quer sabem Libras. É como ser estrangeiro em seu próprio país, quando a maioria fala uma língua estranha à sua. Imagine passar quase dois anos recluso em casa sem “conversar” com ninguém, em completo silêncio! Supõe-se que tal sugestão é abstração demasiada, mas Read nos esclarece sobre o entendimento da compreensão da forma nas Artes ao dizer que “Não temos meio de saber, mas temos o direito de interpretar os indícios, de acordo com nossos princípios gerais...” (READ, 1981, p. 100) Então, se ainda não consegue visualizar a situação, veja a infinitude de coisas que há atrás da imagem desse muro sobreposto aos pensamentos dessa criança. Dou-lhe então outro exemplo ainda mais estarrecedor: alunos na condição de surdocegos que estiveram em completo silêncio e escuridão durante esse isolamento. É disso que quero

lembrar sempre que mencionar a importância do acolhimento empático para a educação aos alunos com necessidades especiais.

1.2 Primeiros contatos com os surdos

Esse primeiro momento junto aos surdos aconteceu em 2013, quando fui trabalhar no CEF 4 de Taguatinga/DF – SEEDF. Para minha surpresa, me informaram que teriam vários alunos surdos em duas turmas voltadas à inclusão. As turmas eram mistas, havia ouvintes e surdos. Tinha uma intérprete de Libras, o que me deixou mais tranquila. Achei que isso bastaria, mas ainda tinha muito a aprender sobre o termo “inclusão” e como acontecia esse processo na prática nas aulas de Artes.

Os alunos demonstravam dificuldade de socialização com os ouvintes e vice-versa, cada um isolado em seu grupinho. Percebi também que não bastava apenas a presença da intérprete, eu precisava tornar as aulas mais atrativas para eles, inclusive com imagens ilustrativas e dinâmicas. Os textos, por exemplo, não surtiam efeito com os alunos surdos. Eles tinham muita dificuldade com o português escrito e alguns nem sabiam ler. Havia algo errado naquela metodologia e a resposta para esse problema viria mais tarde com minha experiência. É verdade “Que as crianças querem aprender, disso não tenho a menor dúvida.” (ALVES, 2004, p. 15) Porque elas são curiosas e sedentas em desbravar o mundo, mas era necessário despertar nelas a curiosidade.

No decorrer daquele ano letivo, me encantei pela forma de comunicação desses alunos surdos e a maneira que a intérprete traduzia minhas explicações em Libras. Quis também aprender alguns cumprimentos e palavras relacionadas ao contexto da aula, não saber me comunicar com eles me angustiava. Era como se, durante todo o ano letivo, eles estivessem sendo ignorados por mim. Na minha limitação como educadora atuante na inclusão, leiga em Libras, eu tentava outras formas de interagir com eles. Eu esboçava sorrisos, saudações e olhares, na esperança que assim eles compreendessem que eram muito bem-vindos ali. Não surtiu muito efeito. Sem a aquisição da língua não seria possível adentrar naquele universo cultural, como explica Strobel “O segundo artefato cultural do

povo surdo é o linguístico, a língua de sinais é um aspecto fundamental de cultura surda.” (2008, p. 44) O primeiro artefato seria a experiência visual, essa estava sendo contemplada durante as aulas de Artes Visuais. Os surdos percebem o mundo de uma forma diferente dos ouvintes, “com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele...” (STROBEL, 2008, p. 39) Situações adversas do cotidiano são transcritas em imagens que devem ser percebidas e, entendidas de acordo com o repertório de vivência de cada um. E eu não estava pronta para entender essa forma diferente de perceber o mundo, pelo menos naquele momento.

O ano chegou ao fim, mas meu interesse pela língua não. Queria saber mais sobre aquela experiência que vivenciei junto aos alunos surdos, mas no ano seguinte perderíamos o contato. Eles foram transferidos para uma escola especialmente idealizada para eles com professores bilíngues, tendo como primeira língua a Libras e o Português como PSL (Português como Segunda Língua). Felizmente a vida também nos reserva boas surpresas! Em 2017, fui trabalhar na mesma escola que acolheu meus antigos alunos surdos, a EBT/SEEDF, a primeira escola para surdos do Distrito Federal. Mas desta vez, eu queria fazer a diferença entre aqueles jovens e crianças.

Em oportunidades de observá-los notava suas ágeis mãos a criar uma dança no ar, seus rostos expressivos que demonstravam uma certa força e vontade em se fazer entendido. Quis compreender o que era toda aquela expressividade e gestualidade corporal tão latente naquele povo. Como professora de Arte dramática, tive a sensibilidade de notar naqueles gestos uma beleza ímpar, que iam além dos signos e estrutura de uma língua. O ser humano se adapta às mais variadas situações em busca de estabelecer uma melhor convivência com o outro. Em busca por tornar minha experiência ali mais amena, me esforçava a cada dia para entendê-los e me fazer entendida. Fui aprendendo Libras por meio de cursos e o contato com alunos e professores surdos. A colheita por meu esforço e dedicação veio, como observamos nesse relato, da minha aluna Maria Graziella Ribeiro sobre meu desenvolvimento e aquisição da língua de sinais, após assistir à primeira performance da Vovó Rosalinda. No

vídeo-entrevista, ela explica em Libras que notou minha evolução na comunicação com os alunos surdos.



Figura 4 - *Thumbnail* para o vídeo-entrevista da aluna surda Maria Graziella Ribeiro em 2018, sobre minha evolução na aquisição da língua de sinais. *Link* de acesso em https://drive.google.com/file/d/17kZBHcxT4xS4KfUWUGH_3uwKvaSMsPr4/view?usp=share_link.

Acredito que a imersão na cultura surda e proximidade com a língua de sinais pode ajudar na melhor compreensão o sujeito surdo e contribuir positivamente para mudar a forma como a sociedade tem taxado a surdez. É uma oportunidade de rever a forma como tratamos as diferenças e deficiências do outro.

1.3 Artesanato na educação do surdo

Esse projeto consistia numa exposição e feira com artesanatos produzidos pelos alunos numa proposta de caráter interdisciplinar. Além do estímulo à criatividade e à vivência artística, o projeto ainda proporcionou a integração nas diversas áreas do conhecimento, contribuindo para uma maior autoestima e destaque ao aluno surdo como protagonista nessa ação. Na educação inclusiva a Arte possui um destaque como linguagem de apoio nesse processo de ensino-aprendizagem. Tenho constatado na prática o quanto a Arte é capaz de promover uma educação de qualidade, além de possibilitar a inserção

dessas crianças e jovens ao convívio social de forma autônoma, destacando seu protagonismo.

O formato interdisciplinar integrando diversas outras áreas do conhecimento contribuiu para o desenvolvimento das habilidades de uma forma lúdica, dinâmica e interativa. Precisamos também pensar sobre a “educação das sensibilidades”, sobre isso Read explica que

O cultivo da Arte é uma educação das sensibilidades e, se não tivermos uma educação desse tipo, nossas mãos ficarão vazias e nossa percepção da forma não será exercida, ocorrendo então uma ociosidade e vagabundagem que reverterão à violência e crime. (READ, 1981, p. 170)

Em seu livro sobre criatividade e processos de criação, Ostrower diz que “... muito do que imaginamos é verbal, ou torna-se verbal, traduz-se em nosso consciente por meio de palavras. Pensamos através da fala silenciosa.” (1986, p. 20) Mas esse processo de aprendizagem e comunicação não é o mesmo para o surdo. Eles não pensam com palavras, pois não conhecem a fonética da Língua Portuguesa. Eles pensam em imagens, e, por meio delas, visualizam em seu pensamento o que significa o simbolismo desse universo de imagens, assim constroem suas ideias e compreendem o mundo. Essa forma peculiar da cultura surda de ver o mundo por meio de imagens é denominado por Strobel como “percepções visuais ... através de expressões faciais e corporais, das atitudes dos seres vivos e de objetos em diversas circunstâncias.” (2008, p. 39) Entendemos o quanto o ensino das Artes Visuais é imprescindível para que os surdos possam aprender a ler estas imagens em seus diversos contextos culturais, épocas e signos.

Quando Ostrower (1986, p. 21) dá o exemplo da palavra MÃO como sendo um som articulado, tendo o entendimento como objeto e imagem a qual esse som se refere, fica mais claro a compreensão dessa decodificação e percepção imagética, que neste caso serve tanto para os surdos como para os não-surdos. Essa visualidade na percepção de Strobel fica evidente quando ela define as Artes Visuais como sendo um dos artefatos culturais da cultura surda, quando “povos surdos fazem muitas criações artísticas que sintetizam suas emoções,

suas histórias, suas subjetividades e sua cultura.” (2008, p. 66) Observe o exemplo na prática, por meio desta imagem de uma pintura em tela feita por uma aluna surda na aula de Artes na EBT/SEEDF.



Figura 5 - Pintura em tela da aluna Vanessa Barbosa de Araújo com comorbidades como surdez e DI (Deficiência Intelectual) na EBT/DF, 2018.

Para essa aluna surda o mesmo exemplo da mão dada por Ostrower jamais fora um som, talvez na sua escrita em Português como segunda língua representasse um símbolo, um agrupamento de letras. No entanto, “mãos” para ela é sobrevivência, é resistência. O sinal feito pela mão ilustrada nesta imagem mostra-nos um sinal específico perfeitamente compreendido pela comunidade surda ou aqueles que se expressam através da língua materna do surdo. Nesse singelo fazer artístico, ela expressa sua “fala”, imprimindo sua identidade como sujeito surdo que resiste, apesar de ser minoria na representatividade social. Hegel fala sobre essa força extraordinária capaz de extrair o melhor do espírito sensível:

Uma tal resistência inspira ao pintor formas em que a força e a constância se encontram mais pronunciadas, onde as cicatrizes dos golpes infligidos a esta resistência, que se tinha de vencer, são mais visíveis e duráveis, em detrimento da beleza das formas. (HEGEL, 1974, p. 78)

Mesmo com sua surdez profunda e um diagnóstico de deficiência intelectual, ela é capaz de criar, se expressar e sentir. Pode parecer uma observação óbvia, mas para muitos não é. E, ao perceber e ter ciência disso, ela se sente capaz de transformar sua própria vida de forma positiva e íntegra. Foi munida dessa força que ela desenhou sua própria mão, em que observamos a representação de sua língua que, nesta configuração em língua de sinais, significa “Eu te amo”. Eis aí uma função da Arte, promover a sensibilidade. Sendo que “...a sensibilidade guia o indivíduo nas considerações do que para ele seria importante ou necessário para alcançar certas metas de vida.” (OSTROWER, 1986, p. 17)

Para auxiliar nesse propósito de construção do ser e de sua própria identidade é que acreditei no potencial da Arte como instrumento importante para auxiliar nesse processo de ensino-aprendizagem do indivíduo surdo. Sobre cultura surda, Strobel define como

... o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 22)

O projeto tinha como objetivo desenvolver habilidades e alguns conhecimentos específicos para esta linguagem artística de acordo com o referencial teórico proposto para cada turma. Sobre a prática na aula de Artes, demos início a confecção de peças artesanais dentro do contexto artístico estudado. Surge então a ideia de implementar no projeto uma maior abrangência das áreas do conhecimento e participação de toda a escola de forma interdisciplinar. A intenção da proposta era o desenvolvimento integral do aluno para atuar de forma livre e efetiva na sociedade, promovendo a autoestima, autoconhecimento, criatividade e desenvoltura física e emotiva. Buscamos promover uma vivência lúdica com uma aprendizagem capaz de romper as barreiras impostas pelo preconceito perante a surdez dos alunos e suas demais limitações.

A integração dos saberes tornou a proposta pedagógica desafiadora e dinâmica. Na sala de Artes, a combinação estética entre cores, design, texturas, técnicas e culturas eram pensadas e elaboradas antes da execução. O projeto também contribuiu para promover uma consciência mais sustentável, pois pouca matéria-prima foi comprada, a maioria veio de reaproveitamento e doações. A finalização aconteceu na escola para exposição e venda dos produtos feitos pelos alunos. Para tornar possível a presença e prestígio de todos, disponibilizamos um vídeo-convite para o evento, amplamente divulgado nas redes sociais da escola no *Youtube*.



Figura 6 - *Thumbnail* para o vídeo-convite com janela em Libras. *Link* disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=Hz9BBmYEsV8 & t=31s](https://www.youtube.com/watch?v=Hz9BBmYEsV8&t=31s).

O projeto foi aplicado durante o ano de 2018 e nesse período diversos alunos se destacaram. Um dos talentos evidenciados foi da aluna Geicyane Pereira Canuto. Ela é surdocega, se comunica através da Libras tátil e escrita em Braille. A Arte para ela ganha um sentido especial por possibilitar a comunicação e expressão de seus sentimentos, seja por meio do desenho, pintura ou, neste caso, do artesanato. Ao final deste projeto, segui convicta de estar no caminho certo: o caminho transformador da Arte. Segue o vídeo da produção da aluna. Segue o vídeo ilustrativo da atividade da aluna:



Figura 7 - *Thumbnail* para o vídeo da aluna Geicyane, surda e cega realizando a confecção de artesanato na EBT, 2018. *Link* disponível em https://drive.google.com/file/d/1InVc-4JWDCUSveWclp9hjDto0hzFEJ1d/view?usp=share_link.

1.4 Festa Cultural de Halloween

A cultura do *Halloween* não tem tanta relevância em nossa cultura como é nos Estados Unidos da América – EUA. O “Dia das Bruxas”, uma celebração cultural que acontece em 31 de outubro em diversos países ocidentais, tendo sua origem nos antigos festivais celtas de colheita. Percebemos nessa temática uma oportunidade de promover a aprendizagem em Artes Cênicas de forma lúdica e interativa naquele contexto escolar. O projeto aborda diversos elementos da linguagem teatral como a construção de cenário, personagens, figurinos e maquiagem. A parceria acontece entre as aulas de Artes e inglês.



Figura 8 - *Thumbnail* para videoaula sobre o *Halloween* na EBT. *Link* de acesso disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DMh60qe9XUA&t=186s>.

Embora inspirada na cultura Norte Americana, conseguimos adaptar os personagens para nosso contexto e cultura. Pontuamos a importância da temática da morte e seus personagens fantásticos e mágicos. A origem da festa, a cultura, o vocabulário, os personagens e suas características, tudo foi pensado. Alunos e professores formaram uma equipe dando vida ao projeto. Fizemos as ornamentações que iriam compor o cenário da festa. Parcerias para a iluminação também foram bem-vindas, inclusive para o som. Sim, apesar da festa ser de surdos, também tivemos música. O surdo não ouve, mas sente as vibrações da música, sendo capaz de dançar no ritmo daquilo que sente. Os personagens deram o toque final à festa. Além do figurino e maquiagem usados por eles, era visível como a criação dos personagens dava mais veracidade a cada um, livrando-se do estereótipo, principalmente quando temos um contexto com tantos personagens centrais como bruxas, monstros, vampiros, caveiras, entre outros. A proposta didático-pedagógica da Festa de *Halloween* era de socialização, ludicidade, enfoque cultural e aos elementos cênicos.



Figura 9 - Personagem idealizado pelo aluno Wesley Vinícius Florentino Damacena do ensino médio na EBT, 2018. O aluno é surdo e possui implante coclear, é oralizado, mas comunica-se por meio da Libras.

Na ilustração acima, observamos a idealização criativa do personagem de uma caveira feita pelo próprio aluno. Ele compôs seu personagem com riqueza de detalhes e trouxe para o contexto escolar a forma como via a morte presente em seu dia a dia no curso profissionalizante que fazia na área de saúde. Ele pesquisou e executou também a maquiagem. Assim como ele, diversos outros alunos tiveram a possibilidade de aprender com a Arte de forma lúdica e criativa. Eles apresentaram os personagens idealizados, fazendo sua leitura sobre aquela obra viva que eles mesmos criaram. Além de mostrarem-se caracterizados, também apreciaram a Arte dos outros colegas num clima festivo e propício à aprendizagem. Os professores também deram uma pausa à rotina enfadonha da forma tradicional de educar e entraram de cabeça no projeto, como podemos ver na imagem seguinte:



Figura 10 - Foto das professoras da EBT com seus personagens na Festa Cultura de *Halloween*, realizada na escola EBT, 2018.

Apesar das dificuldades e dos recursos parcos no ambiente escolar na rede pública de ensino, não medimos esforços para a realização de um sonho: educar com esmero e prazer. Estou ciente da ideia romantizada quando falamos que educar é um ato de amor, o que justificaria o professor tirar do seu próprio

salário para realizar momentos como esse. Não compactuo com esse pensamento. É certo que, apesar de muita criatividade, faltou sim recurso para o lanche e confraternização dos alunos, figurinos e material para o cenário. Mais uma vez a vontade de ver o projeto acontecer foi mais forte que todo o descaso imposto à educação em nosso país. Uma emprestou uma tiara com chifres, outra um vestido, suas maquiagens pessoais, uma capa, copos, pratos, sendo o lanche uma contribuição de todos. Assim, essa aula foi de solidariedade na prática. O ideal seria que isso não fosse preciso e que a educação contasse com recursos suficientes para acontecer sempre de forma plena e igualitária para todos. Não sei se um dia isso será realidade em nosso país, talvez, se a corrupção for definitivamente banida da política brasileira. O que sei é que alguém precisa dar o primeiro passo, e assim o fizemos. Inclusive eu arqueei com os custos do meu figurino de Malévola⁵, mas o “pagamento” me veio através do comentário de uma da aluna surda que quando me viu exclamou eufórica em língua de sinais: “Malévola, você veio na minha escola! Que alegria, eu vi todos os seus filmes e não acredito que você está na minha escola!” Tiramos uma foto e ela saiu saltitante. É assim que seguimos com esses projetos que, apesar de muito trabalho, a colheita é farta e certa.

A parceria com a família também é muito importante nesses projetos. Cito duas situações exemplificativas que ocorreram durante a realização desse projeto que envolveu a atuação direta das famílias no processo criativo. O primeiro caso foi uma aluna do 6º ano que tinha acabado de chegar à escola. Ela era ouvinte, mas, por um problema de saúde, estava perdendo a audição muito rápido. Segundo os médicos relataram, ela ficaria totalmente surda e por isso indicaram que a matriculasse em uma escola onde pudesse ter contato com a Libras. A família não aceitava o problema de saúde da menina, o que dificultava ainda mais a adaptação da criança à sua nova realidade. Fato esse que dificultava o diálogo entre a escola e a família. No dia da culminância do projeto, um dia festivo na escola, a irmã da menina fez toda a caracterização da criança.

⁵ Malévola: protagonista do filme inspirado no conto da Bela Adormecida, estreou em 2014 com direção de Robert Stromberg, encenado por Angelina Jolie. Filme americano produzido pela Walt Disney Pictures de aventura, drama e fantasia.

A falta de recursos para comprar uma “fantasia” possibilitou que todos se envolvessem na solução do problema. Ficaram tão felizes com o resultado que todos compareceram ao desfile para a escolha do personagem mais bem caracterizado.



Figura 11 - À esquerda, foto da aluna Júlia Nascimento de Jesus, ganhadora do concurso da Festa Cultural de *Halloween* da EBT em 2017. E à direita, foto do aluno Willyan Avelino ganhador do mesmo concurso em 2020 durante a pandemia.

Nesta imagem à direita observamos a caracterização do aluno Willyan Avelino. Foi no ano de 2020, quando o concurso precisou migrar para o universo digital. Estávamos todos isolados em nossas casas devido à pandemia da COVID-19, mas não podíamos parar. Para a caracterização do personagem, o aluno que é surdo e autista, contou com o apoio e participação da mãe para o processo criativo. Embora sempre tenha participado do evento, antes ele mostrava-se mais tímido e preferia esconder-se atrás das máscaras dos seus personagens preferidos. Desta vez, resolveu mostrar-se mais. Quando tudo estava pronto, ele parou em pose expressiva e pediu para que tirasse a foto. Valeu a parceria da família, pois ele ganhou o concurso.

O trabalho nesse difícil momento continuou como um grande desafio, principalmente para os profissionais da educação em todo o mundo. Para nós

que trabalhamos no ensino especial foi um desafio a mais, além daqueles enfrentados em dias normais. Os alunos, em sua maioria, não tinham acesso à *internet*, quando tinham o sinal era ruim, o que fazia com que a sinalização em Libras ficasse lenta, cortada e incompreensível. A solução era gravar os vídeos sinalizados e com imagens ilustrativas para só depois postá-los. Aulas simultâneas foram quase que impossibilitadas. Não foi fácil, mas situações assim nos tiram da zona de conforto e da inércia. Foi nos reinventando que aprendemos, mudamos e transformamos a forma de educar. Experiências como essas nos mostraram o quanto somos capazes. Desafios que me levaram a migrar para as performances em vídeos a serem disponibilizadas no universo digital da internet. A diferença para este formato em relação ao Teatro é que esse formato envolve geralmente diversas outras linguagens artísticas e, uma vez disponíveis nas plataformas digitais, vão integrar o ciberespaço com possibilidades de alcance às pessoas de todo mundo e das mais diferentes culturas.

Levados pelo sucesso do evento, organizamos um baile de carnaval. Essa segunda proposta veio um mês antes da suspensão das aulas em março de 2020, nunca podíamos imaginar o que nos aguardava com o isolamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19. Era preciso promover oportunidade de agregar conhecimento e cultura que contemplasse o currículo escolar, sem esquecer o quanto a convivência entre surdos é importante para o desenvolvimento de uma identidade desse grupo. Muitas pessoas criticam as escolas especiais, dizendo que são depósitos de estudantes e segregam essas crianças do convívio social. Mas nessas mais de duas décadas dedicadas ao trabalho na educação, o que tenho observado quanto a inclusão em escolas regulares não é esse *glamour* todo que costumam relatar. De fato, há exceções, a educação é única para cada indivíduo. O que dá certo para um, pode não ser a melhor opção para outro. Mas, muitas vezes, as crianças especiais em uma escola regular de ensino sofrem *bullying*, como discriminação, agressão e intimidação. Não é que eu defenda o isolamento dessas crianças entre seus iguais e que somente tenham contato com deficientes, mas que haja um maior

preparo e aptidão dos profissionais para atendê-las, preparando-as melhor para o convívio social. A sociedade é voraz até com quem não possui deficiência. Strobel, como surda e estudiosa do assunto, reafirma a importância desse convívio entre crianças surdas com seu povo.

Quando a família nega a participação das crianças surdas ao povo surdo, poderá fazer com que estas crianças acreditem que é ruim ser surdo, e isto prejudicará o desenvolvimento sadio de identidade das mesmas... (STROBEL, 2008, p. 81)

O Baile de Carnaval foi como um refúgio de alegria que movimentou toda a escola. Foi nossa última festa antes da pandemia. Dois anos depois, os veríamos voltar às aulas de forma tão distantes, com pouca interação entre eles, um tanto deprimidos e desmotivados com as atividades escolares. Hoje entendo que vale a pena aproveitar cada segundo para fazer o nosso melhor na intenção de inovar o processo educativo e construir melhores oportunidades. Afinal, não sabemos como será o dia seguinte, por mais que tenhamos planejado. Como pontuou Rubem Alves, o objetivo da escola não está pautado na formação dos alunos para que ingressem no mercado de trabalho simplesmente, o objetivo da escola é "... criar as condições possíveis para a experiência da alegria. Porque é para isso que vivemos. A escola deve ser um espaço em que isso acontece." (ALVES, 2004, p. 55) E alegria não faltou em nosso baile de carnaval.



Figura 12 - *Thumbnail* para vídeo do Baile de Carnaval na EBT, 2020. À esquerda temos a professora Rosa Pires, e à direita, a aluna Karine Alves Oliveira que é surda e autista. *Link* de acesso ao vídeo disponível em https://youtu.be/k-3eByX6_vc.

1.5 Meu contato e aquisição da Língua de Sinais (Libras)

“A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda...”

(STROBEL, 2008, p. 44)

Comecei com cursos básicos *online*, de forma não-presencial, depois fiz o curso básico na EAPE - Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação da SEEDF. Na sequência, fiz um curso avançado de Libras ofertado na própria escola onde participaram todos os professores. Esse contato direto com os surdos, alunos e colegas de trabalho, ajudou bastante na prática e uso da língua. Dos cursos de Libras que se seguiram na minha formação não posso deixar de mencionar o curso de Libras Intermediário que fiz na APADA - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos, em 2018. Lá tive um professor surdo, o Davi Pereira. Eu o admirava por sua didática e paciência em ensinar alunos ouvintes. Um dia, em uma das propostas de avaliação, ele sugeriu que fizéssemos uma apresentação teatral em Libras no formato de monólogo. Como professora de Artes Cênicas e atriz achei que seria fácil compor um personagem e apresentá-lo em Libras, deveria apenas suprimir os sons e falas, fazendo a tradução do texto para uma encenação em língua de sinais.

Foi justamente nesse processo de construção cênica que comecei a perceber que não seria tão simples como eu imaginava, a apresentação em Libras implicava também perceber as nuances culturais daquele contexto. Precisei ir além dos elementos cênicos como o cenário, o figurino, maquiagem e criação do personagem. Recordo que durante todo o curso já havia presenciado inúmeras performances do meu professor surdo que se mostrou extremamente expressivo, desenvolto e teatral nas suas aulas. Não sabia ainda explicar do que se tratava, mas tinha percebido que havia algo diferente além dos parâmetros da língua de sinais. Seria preciso que eu entendesse primeiramente a história de vida daquele povo para então dar vida àquela minha proposta de encenar uma personagem surda. Nessa construção pensei inclusive no que o levou a perder a audição e como se sentia num universo de silêncio vivendo numa sociedade de maioria ouvinte. Mesmo sem ter consciência, naquele momento já havia

percebido o quanto o surdo podia mostrar-se teatral na sua forma de comunicação e expressão.

Aos poucos fui entrando no universo convidativo do meu professor sobre a surdez. A comunicação entre nós foi evoluindo para uma forma cada vez mais natural e a vergonha que tinha em “errar” ou não saber um sinal foi ficando de lado. Certo dia após a aula, no caminho de volta para casa, avistei meu professor atravessando a faixa de pedestre e numa alegria descontraída buzinei para ele. Sim, buzinei! E nem preciso dizer que ele não me viu e nem respondeu ao meu chamado sonoro insistente. Poderia ter piscado os faróis ou ligado o pisca-alerta para que ele me visse, mas fiquei sem reação. Por um momento, eu me esqueci de que ele era surdo desde o seu nascimento, surdez ocasionada pela contaminação da sua genitora com o vírus da rubéola durante a gestação. Segui o caminho muito decepcionada comigo mesma, pois a comunicação entre nós era completa e fluente, eu o admirava! Eu simplesmente esqueci que ele era surdo. A partir daquele momento, investi na construção da história da minha personagem que o professor avaliaria. Esta personagem ultrapassou os limites daquela sala de aula e viria a contar muitas histórias para as crianças surdas, a Vovó Rosalinda. A personagem também se apresentou em outros locais além da APADA, como na EAPE, em outras escolas e em vídeos para o canal do *Youtube*. Antes de relatar sobre este projeto em que nasce com a Vovó Rosalinda, gostaria de pontuar um pouco mais sobre a história dessa personagem.

1.6 A Vovó Rosalinda

O seu nome foi escolhido como forma de homenagear *in memoriam* ao meu pai biológico, Rosalino Pereira Neves, que faleceu em 2008 de forma trágica sem que eu o tivesse conhecido ou mesmo perdoado pelo abandono. Eis-me aqui oportunizando essa retratação com o meu passado.

Na sua primeira apresentação, estava na plateia o meu professor surdo, o Davi. Sabia que com aquele olhar atento de quem tem a percepção das coisas através do visual, ele observava cada detalhe, movimento e sinais da

personagem. E mesmo ele tendo dito que gostou ao final da apresentação, eu sabia que faltava algo. Esse “algo” que seria capaz de transpor a barreira daquele muro entre alguém que é surdo e um personagem que fingia ser surdo. Sabia que a resposta a essas indagações dependia de um longo caminho que ainda teria de trilhar até compreender mais sobre o universo do surdo e sua cultura. Sempre que me deparava com um obstáculo desafiador, me lembrava de Rubem Alves sobre ganhar um brinquedo novo: “não existe nada mais sem graça que um brinquedo que dá certo sempre. Brinquedo, pra ser brinquedo, tem de ser um desafio.” (ALVES, 2004, p. 39) A cada peça nova desse “quebra-cabeça”, meu desafio e minha habilidade eram postos à prova.



Figura 13 - Vovó Rosalinda em apresentação na Escola Classe 18 de Taguatinga da SEEDF para crianças ouvintes, 2018.

A ideia era que as crianças surdas tivessem contato com o lúdico e o afeto, coisas que elas têm sido privadas desde a infância. Poucas são as crianças surdas que têm o carinho e atenção de uma vovó que se comunica com elas em sua língua materna, pois muitas dessas crianças só têm contato com uma língua quando chegam à escola. A maioria fica isolada da família, se comunicando apenas com gestos e poucos sinais. Na intenção de resgatar essa figura emblemática de uma vovó, continuei as pesquisas para criação dessa personagem de forma a ter mais proximidade naquele contexto do universo das

crianças surdas. Embora estejam sedentas pelo conhecimento, estão muito aquém de serem abraçadas e acolhidas por meio do afeto. Sobre isso, Strobel exemplifica relatando um fato que ocorreu com ela. Certa vez, numa escola de ouvintes, quando a professora falava de Deus, ela teria se sentido ansiosa. Embora soubesse que Ele era alguém importante e que quando morresse estariam frente a frente, tinha receio de Ele não a entender. Contando isso a sua mãe, ela a acalmou.

expliquei a ela através de gestos e vocabulários isolados que, se eu morresse, como Deus iria me entender? Não sabia falar. Minha mãe explicou que Deus entendia qualquer língua. (STROBEL, 2008, p. 44)

Acredito que a Vovó Rosalinda possa ser “a pessoa” com quem essas crianças dialoguem e a tenham como referência identitária na comunidade surda. Ela entende qualquer língua, pois sua linguagem é de amor e Arte. Outras pessoas na escola também acreditaram na capacidade de interação da Vovó e das crianças, umas delas foi a professora Edileusa dos Santos, responsável pela biblioteca da EBT/SEEDF. A convite dela a Vovó contou suas histórias às crianças surdas da escola na Semana Nacional do Livro e da Biblioteca. Ela explicou porque se lembrou da Vovó para compor essa semana tão importante:

A criança que teve o privilégio de ter um contador de histórias na sua vida, seja na figura da vovó ou de outro adulto qualquer, tem hoje, na alma, sementinhas de sonhos que podem, a qualquer momento, germinar e criar forma ao deparar-se com um “Era uma vez” ou “Há muito tempo atrás”... (SANTOS, 2021)



Figura 14 - Vovó Rosalinda contando história na Biblioteca da EBT/DF, 2021.

Assim, na certeza da importância da leitura para essas crianças e jovens na sua formação intelectual, cultural e mesmo de mudança de paradigmas em relação ao mundo e à sociedade, ela viu na personagem da vovó a possibilidade de tornar a leitura um hábito ao incentivá-las por meio das histórias que perpassam pelo universo lúdico da Arte. Como professora de Língua Portuguesa, considerou o quanto tem experienciado a importância da Arte na educação voltada à inclusão. Após assistir a performance cênica da Vovó e observar a interação dos alunos surdos, ela pontuou que

O teatro, além de encantar, tem esse poder “mágico de transportar”, é um facilitador da leitura e da escrita, principalmente para o surdo que naturalmente possui dificuldade com o português escrito sendo que sua língua materna é Libras, pois proporciona a ele compreender as funções da leitura e da escrita. (SANTOS, 2021)

Encontrei em Stanislavski a base para construção da personagem e preparação enquanto atriz, tendo como laboratório a oficina com os alunos surdos. A intenção é a referência e a inspiração nas orientações deste importante diretor de teatro, nunca de copiar ou de reproduzir como um método. Sobre as características físicas da personagem, pensei num corpo já debilitado pelo tempo e pelas dificuldades enfrentadas durante a vida. Um andar lento, coluna ligeiramente curvada, mas de movimentos leves e suaves. Considerei para isso a descrição de um personagem velho feito pelo próprio Stanislavski em exercício de improvisação para seus atores, descritos em seu livro *A Construção da Personagem*

o tempo e o ritmo nos movimentos dos velhos são tão vagarosos, tão flácidos. Todos esses fatores de moderação, para vocês que interpretam papéis, tornam-se integralmente ligados às *circunstâncias dadas*, ao *mágico se* do enredo de uma peça. (STANISLAVSKI, 2016, p. 52)

Devendo então considerar as instruções de seu método quanto às *circunstâncias dadas* sobre a vida e trajetória da personagem que definem sua personalidade e ações. O *mágico “se”* nos convida a pensar sobre uma possibilidade. Se eu fosse a Vovó, como eu agiria e porquê. Com essas primícias, passei a visualizar a personagem de uma forma poética, mesmo que em alguns momentos revele um certo estereótipo de uma pessoa de mais idade. Sobre a relevância das características físicas da personagem, ele diz:

Porque, se não usarmos nosso corpo, nossa voz, um modo de falar, de andar, de nos movermos, se não acharmos uma forma de caracterização que corresponda à imagem, nós, provavelmente, não poderemos transmitir a outros o seu espírito interior, vivo. (STANISLAVSKI, 2016, p. 23)

Era isso que queria que todos encontrassem na Vovó Rosalinda, o “seu espírito interior vivo”. E em alguns momentos tive a comprovação de ter conseguido atingir esse objetivo. Na apresentação que ocorreu na Biblioteca da escola a professora Edileusa relatou: “Fiquei com um nó na garganta, me perguntando se a Vovó Rosalinda realmente ainda pertence a esse plano físico...” (SANTOS, 2021) A percepção dessa personagem para ela transcende a matéria, é espiritual, tem alma própria, tamanha sua verdade e magia em cena.

Mas essa dinâmica na personagem não surge a partir da sua caracterização teatral. Stanislavski sobre isso já considerava,

Por que se preocupar com trajes e maquiagem, quando só servem para atrapalhar? Esse também é um erro do qual precisam se libertar. Aprendam a amar seu papel em vocês. Vocês têm a capacidade criadora necessária para construí-lo. (STANISLAVSKI, 2016, p. 43)

Primeiramente nasce seu interior com emoções, vivências e sentimentos, o reflexo da sua história de vida. Conseqüentemente, surgem as características exteriores e físicas. Esse processo de construção de uma personagem se dá de dentro para fora. Stanislavski esclarece-nos um pouco mais sobre isso: “A caracterização externa explica e ilustra...” mas “a materialização física de uma personagem a ser criada surge espontaneamente, desde que se tenha estabelecido os valores interiores certos”. (STANISLAVSKI, 2016, p. 23) Foi assim que, para ilustrar os elementos cênicos que serviram para compor o figurino e os adereços desta personagem, construí este o vídeo com as etapas desse processo criativo.



Figura 15 - *Thumbnail* para o vídeo da Vovó Rosalinda: Criação de Figurinos (2023).
Link de acesso ao vídeo disponível em https://youtu.be/QdVv_B8xbrY.

Para criar a história de vida da vovó, minha primeira inspiração e referência veio da minha própria história. Apesar de não ter tido a presença da figura da avó em minha infância, lembro-me da minha mãe, que nos criou todos juntos: eu, a caçula, e os netos dela. Ela que fazia os bolos saborosos, colocava-nos para dormir, contava histórias fantásticas e tinha para com todos nós o amor maior do mundo. Lembro das suas mãos calejadas e o rosto muito enrugado. A vida na roça era muito dura e ela foi bastante penalizada pelo tempo. Ela era uma personagem que se encaixava perfeitamente no cenário bucólico do rancho de palha em que morávamos. Tinha fogão a lenha rebocado com barro branco, que, aceso todas as manhãs, produzia um café de cheiro forte sem igual. Era tudo muito simples, mas carregado de simbologia e história. Aliás, há um elemento no figurino da personagem que possui uma relevância nesse processo criativo. O xale branco feito de crochê e bordado com miçangas e vidrilhos foi feito por mim. O crochê foi minha mãe quem me ensinou e, durante essa confecção artesanal, muitas lembranças boas acenderam a chama da saudade em meu coração. Durante a performance a personagem usa um xale preto que foi adquirido em um brechó, com certeza este também tem muitas histórias a contar. Registro esse detalhe aqui porque entendo que na criação de uma personagem cada detalhe é importante, como ressaltou Stanislavski

Cada indivíduo desenvolve uma caracterização exterior a partir de si mesmo e de outros; tirando-a da vida real ou imaginária conforme sua intuição, e observando a si mesmo e aos outros. Tirando-a da sua própria experiência da vida ou da de seus amigos, de quadros, gravuras, desenhos, livros, contos, romances, ou de algum simples incidente, tanto faz. (STANISLAVSKI, 2016, p. 27)

Sobre esse laboratório de experiências que é a própria vida, comecei também a observar os surdos. Não bastava apenas trazer ao palco a memória emotiva daquela personagem que fez parte da minha infância. Para essa apresentação em Libras iria demandar uma maior percepção sobre os surdos e suas expressões faciais, a forma de andar, agir e até mesmo a possibilidade de pensar como um surdo. Passei a “parar” o tempo num olhar em câmera lenta, observando cada quadro desse *stop motion*⁶ detalhadamente. Uma chuva na janela me colocou a imaginar a possibilidade de eliminar o som das gotas de água batendo no vidro, o ruído agora era “visual”. Foi mágico cogitar transcrever o som em imagem. Em todo processo criativo, “Não tenham pressa, sondem o caminho.” (STANISLAVSKI, 2016, p. 84) Então, para dar vida a essa personagem foi necessário construir seu interior, onde tudo está implícito na sua história, do que viveu e sentiu. É isso que molda seu físico e atitudes de agora,

Simplemente usando um gesto não se pode transmitir o espírito interior de um papel nem a principal linha contínua de ação que corre por ele. Para conseguir isto, temos de usar movimentos que induzam à ação física. Eles, por sua vez, transmitem o espírito interior do papel que estamos interpretando. (STANISLAVSKI, 2016, p. 84)

Vejamos então que *ação interior* conduzem os movimentos da Vovó Rosalinda, segue a sua “biografia”:

1.6.1 Era uma vez, a Vovó Rosalinda:

"Uma figura que à primeira vista pode até assustar pela aparência frágil e feia, muito mais próxima de representar aquelas coisas velhas que tiramos de um baú que um dia, talvez tenha representado uma pessoa. Cansada, de movimentos lentos e debilitados, mas cheia de histórias de vida para contar. Ela

⁶ *Stop motion*: palavra de origem inglesa que significa “movimento parado”, remete a uma técnica que simula o movimento a partir de uma série de fotografias ou desenhos de uma mesma imagem com sutis alterações que sobrepostas e passadas em certa velocidade dão a ilusão de movimento.

cativa e amolece o mais endurecido dos corações, pois, apesar das dificuldades, ele conservou o amor pelas pessoas e o respeito pela própria história. Vive perdida no passado de suas lembranças, o que norteia completamente suas ações e dizeres solitários. Pode ser alegre, divertida ou mesmo rude e amarga, tudo depende das lembranças que ela traz e do momento. Seja como for, uma coisa ela jamais perderá: a saudade. Sente falta profunda do que foi um dia, do que viveu e da família que teve e acredita que ainda irá recuperar. Sem fazer julgamento se ela merece ou não a vida que tem hoje por algo de bom ou ruim que tenha feito, ela é uma boa pessoa. Sonha apenas ser amada. Em troca, ela conta histórias para se fazer admirar. Sabe valorizar a presença e companhia de todos, aproveita cada segundo junto com as crianças para ensinar algo, ou mesmo aprender. Escolheu acreditar na esperança até o último suspiro seu.

Vive sozinha em uma fazenda típica do interior, tem um olhar mareado pela mansidão e apreço pelo tempo e lembranças. Seu andar é arrastado, traz no corpo o peso do que viveu, a fragilidade no corpo mas a força na alma. Ela pode “falar” apenas por gestos e Libras, dependendo do estado da sua alma. Na verdade, não faz diferença a maneira como ela fala, pois seu diálogo limita-se a comunicação com os bichos que ela cuida nesta fazenda, lugar que parece perdido no passado, onde o tempo não permitiu que chegasse a tecnologia, a modernidade ou mesmo as pessoas queridas. Mas o que poucos sabem é que ela não nasceu surda, embora hoje sua escuta seja bem limitada. Sua surdez foi trazida pelo contato prolongado com o silêncio e a solidão. É este o motivo pelo qual insiste em contar histórias às crianças surdas, para que elas não se entreguem à solidão achando que esse silêncio é tristeza eterna.

Ela teve 12 filhos. Todos foram embora há muito tempo, no mesmo dia em que seu marido morreu. Ela nunca entendeu por que todos a deixaram ali sozinha. Não se lembra também do motivo da morte do marido, tem uma vaga lembrança de uma promessa que até hoje alimenta seus dias, um dizer que saiu dos lábios de um dos seus filhos: “Nós voltaremos para te buscar!” Isso bastou para que ela deixasse tudo no mesmo lugar, cada prato, panela e as colchas de retalhos nas camas arrumadas. Ela lembrava de cada aniversário, cada gesto e

gosto de cada um dos filhos. Já os netos, não teve tempo de conviver com eles. Os netos agora eram representados pelo público das crianças em cada lugar que ela se apresentava.

Nos natais ela espera por todos os filhos de forma mais ansiosa. Ninguém confirmou que viria, mas ela não se entrega à certeza do abandono. Ela ainda é capaz de amar a todos como quando eram crianças e estavam todos ali, juntinho dela e do esposo. Por isso, uma das suas histórias mais famosas é “Noite Feliz”, um título bem irônico quando lembramos que ela passa essa importante data esperando a família que só existe no passado. Nesta noite da história de natal ela prepara a árvore como todos os outros anos. Não compra os presentes, pois não tem recursos para tal. Pensa nas guloseimas e doces, mas não consegue executar. Não há nada o que comer, nem o chocolate que as crianças adorariam provar! Mas como de costume ela espera, espera... e ninguém vem. Mas ela acredita que naquela noite terá uma surpresa e nunca mais estará só. O que ela nunca soube foi que naquela noite em que todos foram embora, a fazenda ficou vazia. O acidente que ceifou a vida do marido foi o mesmo que pôs fim à sua. O marido entendeu, ela não! Para crer estar ainda viva, ela segue contando histórias e espalhando vida no coração das crianças. Nesta história um dos desfechos possíveis na encenação é que finalmente chegou o dia em que o espírito dela será livre. Ela será levada ao lugar que há muitos anos está seu amado, onde não existe espaço para a solidão ou infelicidade. Enquanto essa noite memorável não chega, ela segue contando suas histórias.”

A construção da história de vida da Vovó foi necessária para dar consistência às ações internas da personagem. Cada olhar, gestual e movimentação em cena depende do seu pensamento, da história vivida até aquele momento, capaz de explicar sua trajetória e a pessoa que ela se tornou sem recorrer ao caricato. Seus trejeitos, forma de andar e interação com o público são devidamente pautados no que ela viveu e sente naquele momento. Para Stanislavski, essas ações do personagem não vêm do seu exterior ou mesmo pela repetição mecânica dos gestos, para que haja uma ação verdadeira é preciso

...antes adaptar essas convenções do palco, essas poses e gestos, à execução de algum objetivo vital, à projeção de alguma experiência interior. Então o gesto deixará de ser apenas um gesto, convertendo-se em ação real, dotada de conteúdo e propósito. (STANISLAVSKI, 2016, p. 71)

A história de vida da Vovó Rosalinda transforma um simples gesto em ação real. O jeito que encontrei de levar aos palcos, uma forma poética de uma realidade presente na proximidade entre a Arte e a vida.

1.7 A presença da música nos projetos e sonoplastia

“O objeto da música não é o som, mas a própria música”.

(FERRAZ, 2021)

Embora a música não seja parte da cultura surda, “os sujeitos surdos podem e têm o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural” (STROBEL, 2008, p. 70) Alguns indivíduos surdos sentem a vibração do som e apreciam essa linguagem, incluindo a essa experiência uma vivência estética atribuída à dança. Observei esse gosto pela música e dança nos intervalos das aulas, nas festas, nas brincadeiras entre os alunos e numa apresentação do projeto da Rádio Verde-Oliva, realizado na escola, em 2017. A Banda de Música do Batalhão da Guarda Presidencial tocou ao vivo na escola para a gravação do programa apresentado na 98,7 FM, Rádio Verde-Oliva. Os alunos se encantaram com os instrumentos musicais e a gravação foi revestida de grande emoção. Pela primeira vez, o "Momento Cívico nas Escolas" ocorreu em um estabelecimento voltado para a educação de portadores de deficiência auditiva...” (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2017) Na tentativa de manter o interesse dos alunos pela linguagem musical, continuamos incentivando o contato com essa linguagem em diversos momentos na escola. Em 2021, arrisquei organizar uma cantata de natal.



Figura 16 - *Thumbnail* para o vídeo da Cantata de Natal na EBT, 2021. Apresentação da Musiart¹ com canto, violino e violão. *Link* do vídeo disponível em <https://youtu.be/R9Vcj634ccY>.

Esse trabalho foi um daqueles que chamamos de “trabalho de formiguinha”, quando cada um dá a sua contribuição, uma a uma, até chegar a um resultado final surpreendente e inimaginável, tamanho esforço dos envolvidos e empenho no projeto. Não tínhamos a árvore, nem os enfeites e quiçá os presentes. Fomos juntando as doações: um enfeite aqui, outro acolá. Os presentes tiveram de ser falsos, quando o embrulho esconde uma caixa vazia de sapatos velhos e papel de presente reaproveitado de outros natais. O cenário contou com o tapete verde da minha sala e, claro, não faltaram os EVA e TNT. Mas com muita criatividade, purpurina e dedicação, chegamos a um espaço digno de receber a apresentação voluntária da escola de música Musiart. Tivemos contação de história sobre a vida de Jesus e o verdadeiro sentido do Natal, além da linda voz da professora Andréia Soares e seu violão, acompanhados do violino da musicista Júlia Batista. O resultado encheu nossos corações com a beleza da Arte. A intérprete deu forma às falas da história contada e a letra da música, mas a vibração do violino e a energia que emanava de todos ali presentes fez com que aquelas crianças sentissem a música, o que é mais que a ouvir. Observando a reação das crianças no registro do vídeo, podendo até mostrar-se dispersas para muitos que não entendem a visualidade na cultura surda. É normal que as crianças conversem durante as apresentações

sobre o que estão vendo, até para expressarem e questionarem sobre aquele repertório novo. Mesmo parecendo dispersas algumas vezes, tudo soava como novidade e os olhares atentos se seguiram percorrendo o cenário, figurinos e instrumentos musicais. Na ausência do som a percepção visual tornava-se mais aguçada.

A linguagem musical é uma experiência estética, podendo ir além do som. A música pode ser sentida, além do aparato visual que acompanha uma apresentação, incluindo instrumentos musicais, cenários e mesmo a performance dos músicos. Os surdos têm o direito de serem apresentados a esta linguagem e experienciar este deleite artístico sem serem excluídos pela visão restritiva de que somente os ouvintes são pessoas capazes e “normais”, já os surdos seriam deficientes e incapazes. A música é uma atividade educativa na qual

o processo de organização do espaço educativo intencionalmente estruturado em uma prática colaborativa, para trocas de experiências, em meio à vivências de percepções, compreensões, emoções, expressões e criações musicais que criam condições de possibilidade para o desenvolvimento da musicalidade... (PEDERIVA e GONÇALVES, 2018, p. 2)

Acrescentam ainda que “todas as pessoas são musicais e podem se desenvolver musicalmente.” (PEDERIVA e PAULA, 2018, p. 3) Pessoas surdas também podem compor esse grupo de indivíduos capazes de se desenvolverem musicalmente. A música é um fenômeno físico e além das notas musicais, o tempo do silêncio entre essas notas também possuem igual valor e assim

a música vai sendo entendida como um conjunto de elementos que vão muito além das formas e regras de composição, abrindo possibilidades praticamente infinitas para interpretar, compor e apreciar. (VALENZUELA, 2021, p. 34)

Sobre educação musical em sua totalidade, Valenzuela afirma que

A música não é aprendida exclusivamente através do sentido da audição, mas também através de todo o corpo. Afinal, a música como expressão da alma humana, é um conjunto complexo de fenômenos físicos e psíquicos, que faz com que ela se manifeste para além do som audível. A música não começa e nem termina no som. (VALENZUELA, 2021, p. 33)

O nosso corpo também é musical, possui ritmos que podem ser sentidos e percebidos. Essa educação musical então pode contribuir para a expressividade corporal dos surdos, uma vez que a percepção dos ritmos abre espaço aos movimentos e a dança. Pensando no ritmo, na expressividade corporal e na máxima que o próprio corpo pode sentir a música, optei em não excluir a sonoplastia na performance em vídeo a ser estrelada pela Vovó Rosalinda. Incluo esse elemento da linguagem teatral como expressão e experiência vivida por mim no meu contato com os surdos.

METODOLOGIA

A curiosidade investigativa voltada à vontade de encontrar respostas aos problemas vivenciados na minha prática pedagógica me conduziram até Tardif. Esse autor apresenta uma possibilidade de pesquisa sobre as diferentes formas de saberes profissionais que podem ser construídos a partir da nossa prática e vivência pedagógica. O autor reúne em um quadro explicativo (2002, p. 63) diferentes formas de saberes como aqueles em que nós professores já trazemos a partir da nossa história de vida e os saberes adquiridos em nossa formação escolar e no magistério. O que mais me chamou atenção foi o saber construído pela prática do trabalho e socialização profissional, proveniente da vivência e prática pedagógica. Essas vivências são dinâmicas, interativas e próprias de cada profissional embora dependam da socialização entre alunos e outros profissionais da educação.

Para compreender essa prática profissional em meu dia a dia, adentrei nessa imersão cultural no sentido de entendê-los para melhor ensinar e aprender. Diante de tantos desafios ao exercício da educação, não houve como estar em meio a tantos problemas de ordem social e educativa e simplesmente não fazer nada. Minha ação efetiva veio ao encontro ao pensamento de Braga, quando afirma que

Minha atitude diante do processo de criação, estudo-vivência, é a de conhecê-lo, não para explicá-lo, necessariamente. Estudo-o e conheço-o para perceber o que ele me possibilita como ser humano (estético também). (BRAGA, 2006, p. 80)

Sem este avanço nas pesquisas em Artes eu não estaria nesse processo de estudo e sistematização do meu trabalho, contribuindo para o entendimento da arte-educação voltada à inclusão. Nessa construção do conhecimento nesse formato de pesquisa, Rey acrescenta que

A realização da pesquisa não apenas coloca o artista como um produtor de objetos que lançam sua candidatura ao mundo dos valores artísticos, mas pressupõe que, ao produzi-los, o faz de tal modo que esses objetos são oriundos de um questionamento, delimitando um ponto de vista particular, propondo uma reflexão sobre aspectos da própria arte e da cultura. (REY, 2002, p. 127)

A Arte e o fazer cultural são identidades de um povo, mas sem seu registro e compreensão fica difícil nos inteirar desse saber de forma consciente. Em algumas culturas a ausência do registro pode ser transmitida por meio da oralidade, mas para o surdo essa possibilidade não existe. Mesmo assim, a identidade e cultura entre esses indivíduos persiste. “Os surdos são reinventados a partir dos próprios surdos construindo outra história a partir da cultura.” (STROBEL, 2008, p. 14) Assim, eu não poderia seguir com essa pesquisa antes de definir uma historicidade sobre as lutas do povo surdo, a formação da sua identidade cultural e conceituar o que vem a ser a “cultura surda”. Para essa tarefa fui buscar uma legítima representante dessa comunidade que tem escrito alguns livros sobre suas pesquisas e conhecedora da causa, pois é surda. Refiro-me a Strobel, já citada aqui algumas vezes. Essa autora em muitos de seus escritos nos coloca em posição desconfortável para falarmos sobre a surdez. Lembra, a nós ouvintes, que

muitos autores escrevem bonitos livros sobre os surdos, mas eles realmente conhecem-nos? Sabem sobre a cultura surda? Eles sentiram na própria pele como é ser surdo? (STROBEL, 2008, p. 11)

Me sensibilizo com sua colocação, mas apesar de não ser surda, me sinto confortável para falar sobre minhas experiências com alunos surdos e sua comunidade. Não falo com a propriedade de um surdo, mas de alguém que respeita o espaço do outro, mas também sabe que através do meu trabalho como profissional da Arte tenho muito a contribuir para com a educação voltada à inclusão. É verdade que até agora não saberia qual o real sentimento de uma pessoa que se sente excluída da sociedade por ter uma deficiência, seja ela a

surdez ou outra comorbidade. Mas o sentimento daquele que passa por algum tipo de preconceito nos une. Ao final, todos nós desejamos um mundo melhor, mais justo para todos. É o sonho da equidade. E é sobre o que vi e senti junto aos surdos que vou citar aqui, para que injustiça e exclusão não ganhem mais espaço em nossa sociedade. Unir forças à luta do povo surdo pela efetivação da sua identidade e cultura, sendo “através dela que os sujeitos asseguram a sua sobrevivência e afirmam as suas identidades.” (STROBEL, 2008, p. 11)

Eu recebi a minha “identidade” como pertencente à comunidade surda em 2017 quando cheguei na EBT/SEEDF. Foi a professora surda, Adriana Gomes, que me deu meu sinal representativo do meu nome. Um presente, pois segundo a tradição na cultura surda, ganhar um sinal representativo do seu nome o coloca como novo integrante da comunidade surda. De posse do meu sinal de identificação, percebi-me apta a fazer parte do universo cultural dos surdos.



Figura 17 - *Thumbnail* para o vídeo com meu sinal em Libras. *Link* do vídeo disponível em https://drive.google.com/file/d/1Slg7eL6hSs1-Mlm6woL5zkyVWJgDmbcW/view?usp=share_link.

Entendendo o surdo sob sua própria perspectiva

Antes de discorrer sobre o surdo no contexto de seu povo, consideremos este indivíduo sobre sua própria perspectiva. Me propus então compreender o sujeito surdo por meio de algumas análises fílmicas. Considerei nessa análise o documentário *Sou surda e não sabia* (2009) e outros filmes relevantes sobre o

surdo e a própria comunicação humana e suas possibilidades. O intuito era que o próprio sujeito surdo trouxesse informações sobre sua história e cultura. Inicialmente considerei o que nos traz Fernandes sobre a evolução na comunicação e linguagem humana que tem início desde os primórdios da humanidade, ainda na Pré-História. Como referência e ilustração ao seu entendimento sobre as diferentes formas de comunicação e gestualidade, ela relembra o filme *A guerra do fogo* (1981). Nesta obra podemos entender os primórdios da nossa evolução, principalmente quanto à forma de nos comunicarmos

os primatas se expressavam por gritos, grunhidos, imitavam os sons de animais ou de elementos da natureza para o possível entendimento da mensagem que queriam transmitir e a captação da mensagem que era transmitida. Toda a gestualidade utilizada para expressar sentimentos e pensamentos era o que estabelecia a comunicação entre eles... (FERNANDES, 2021, p. 38)

Por muitas vezes, na escola, recebemos alunos ainda nesse estado bruto tal qual se encontrava o próprio homem primitivo: sem uma língua ou qualquer compreensão do mundo à sua volta. São crianças de diversas idades que até chegarem à escola estavam sendo criadas isoladas do círculo social e até mesmo do convívio familiar por não terem como se comunicar. Para as famílias, estas crianças surdas teriam mais que uma limitação auditiva, mas também uma deficiência intelectual. Achando-as incapazes de formar seu próprio pensamento, opinião e mesmo comandar a própria vida. Na ânsia de sobrevivência, tal qual os personagens do filme, o instinto fala mais alto e lançam mão de gestos e grunhidos. Essa falta de aquisição da língua e mesmo quando acontece de forma tardia, nos tem mostrado o quanto prejudica o desenvolvimento do surdo. Na maioria das vezes, tem sido na escola o primeiro contato do indivíduo surdo com a língua de sinais. Apesar dessa lacuna na comunicação com sujeitos surdos, Strobel constata situações como estas de tentativas de contato com o mundo, aquém da Língua de Sinais, como válidas.

... os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros” dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e se procuram comunicar apontando e criam

sinais, pois não têm conhecimentos de sons e de palavras. (STROBEL, 2008, p. 44)

Sobre a comunicação e as formas de aprendizagem do indivíduo surdo, Fernandes (2021, p. 25) faz outra análise fílmica, desta vez a referência é o clássico *O milagre de Anne Sullivan* (1962) que se passou no século XIX. Um filme muito importante para entendermos a evolução que ocorre na educação dos surdos. A personagem principal é *Helen Keller*, com apenas 7 anos de idade, nasceu surdocega. A forma comum de educação das pessoas com estas deficiências era através de tutores contratados para lhes ensinarem uma língua, alfabetizar e mesmo modos e hábitos para o convívio social. Neste caso, a responsável pela educação da menina que se mostrava quase que uma selvagem, foi a professora *Anne Sullivan*. Esse foi também o primeiro filme a que assisti com essa temática referente à educação de surdos. Uma história que encanta por ser baseada em acontecimentos verídicos, Fernandes conclui sobre este clássico que

Anne incentivou Helen a utilizar o tato; era como se pudesse ver o mundo com as mãos. Com o tempo, a menina aprendeu a língua de sinais e a pronunciar algumas palavras. Helen foi a primeira Surda a terminar o curso universitário. (FERNANDES, 2021, p. 15)

Estes dois clássicos, citados por Fernandes, foram também para mim referências importantes para compreender a comunicação do indivíduo surdo, bem como suas dificuldades e processos de aprendizagem. No entanto, o documentário *Sou surda e não sabia* (2009) é o que melhor representa minha busca pela compreensão do sujeito surdo e a inclusão desse indivíduo na sociedade. É um documentário voltado à narrativa de uma surda sobre seu ponto de vista sobre a inclusão e sua relação com o mundo onde a maioria é ouvinte, a *Sandrine Hermanse*. A história se passa na França, sua comunicação se dá por meio da língua de sinais francesa, a *Langue des Signes Française* - LSF.

Apesar de diversos depoimentos de especialistas apresentados no filme sobre a surdez, é o relato da protagonista surda do documentário que melhor esclarece sobre o drama vivido por uma pessoa surda durante toda uma vida de exclusão e busca pela própria identidade e reconhecimento. Ela começa com a

afirmação “Quero lhes mostrar quem eu sou”, é assim que ela tenta explicar como “pessoas como as outras, que não são como as outras”, referindo-se aos sentimentos de uma pessoa surda sobre sua própria deficiência. Com riquezas de detalhes, ela conta o quão perfeita era sua vida enquanto criança, pelo menos até o momento em que seus pais não haviam percebido a sua deficiência auditiva.

Ela se recorda de todos os carinhos, gestos e contatos por meio do tato com seus pais que lhes proporcionaram uma vivência sensorial surpreendente de amor e carinho.

Minhas primeiras lembranças são visuais. As cores, as paisagens, as expressões de quem me cercava... Tudo isso me causava emoções. O sorriso da minha mãe...(...) Quando minha mãe entrava eu sentia seu cheiro...(...) Também havia o toque... (HERMANSE, 2009)

A partir do momento em que os pais notaram que ela era alheia aos ruídos e sons, se inicia uma saga pela busca de “consertá-la”. Então vem o sentimento de não pertencimento àquele lugar, sente-se excluída pois “todos têm pena porque não ouço... não falo.” O que era alegria e amor, torna-se sofrimento e dor. Eles não sabiam o que tinham feito de errado para que a filha nascesse assim, tudo era escuro quanto ao seu futuro uma vez diagnosticada como surda.

Hoje entendo o que aconteceu com meus pais quando souberam que eu era surda, ficaram arrasados, totalmente perdidos. E as ligações que tínhamos, aquela harmonia, se desfez. Tinha a impressão que eles não me viam mais como um bebê, mas como um enorme ouvido, um ouvido ambulante. (HERMANSE, 2009)

Podemos imaginar o sofrimento de uma criança com deficiência auditiva quando todos no mundo passam a ignorar quem ela é, o que sente ou pensa, tudo se resume a questão de ouvir ou não. Ela deixa de ter um nome, uma existência, apenas para ser a pessoa surda. Mas para nossa personagem *Sandrine*, ao contrário do que pensavam seus pais, ela não sabia que era surda. Não entendia o que havia de errado. E se havia algo errado não era com ela, mas com as pessoas que não a entendiam. Strobel também identifica comportamentos semelhantes em outras crianças surdas, elas não teriam consciência da sua surdez e nem veem isso como um problema. Segundo ela

“... podem ocorrer que as crianças surdas não se acham diferentes do resto do mundo, elas creem que os sujeitos ouvintes é que são “estranhos”, “esquisitos” ou “diferentes” deles...” (2008, p. 53) O mesmo que *Sandrine*, pois os pais já não demonstravam mais carinho por ela e transferiram seus dias alegres em casa para hospitais e clínicas. Ela não entendia o motivo dessa mudança brusca na sua rotina e atitudes dos pais. Para ela, “A casa e minha família eram a minha vida”. Mas o tempo que ela passava agora com a família ficaria restrito ao ambiente hospitalar, seus dias seriam então repletos de pessoas estranhas, frias e convictas da missão de “consertá-la”. Achando aquelas pessoas de roupas brancas e seus pais bastante estranhos, ela se perguntava “quem está doente?” Tudo que sentia era “a sensação muito forte de que chorava por dentro”, o que enfatizava a certeza de que ali não era seu lugar. E essa não consciência da sua própria surdez a fazia imaginar que nem sequer pertencia a este mundo. Ela fantasiava que um dia os seus viriam de outro mundo para resgatá-la, então, finalmente, seria entendida por estar entre os seus. Chegou também à crença quando crianças de que

as pessoas se comunicavam por telepatia, que conversavam com o cérebro. Eu dizia coisas mentalmente, enviava mensagens, mas ninguém me respondia. Tentava chamá-los mentalmente, mas eles não respondiam. Acabei desistindo. (HERMANSE, 2009)

É incrível estar em contato com um relato desses, tão forte e sincero. Jamais imaginei o que se passava no íntimo de alguém que nasce predestinado à invisibilidade segundo a sentença dada pela sociedade. Essa sina não está restrita aos surdos, mas também a todos aqueles que não se enquadram aos padrões impostos. Não que essa situação do ser invisível à sociedade não possa mudar ao longo da vida, mas muitos sequer têm consciência desse processo. Vive alheio à própria sorte. As pessoas acabam se acostumando, infelizmente, com o que há de ruim também. Quantos são os excluídos no mundo que aceitam a invisibilidade que lhes é imposta? Muitos. Eu, assim como a protagonista desse documentário, não aceitei pacificamente a margem social que me reservaram. Ela desistiu da tentativa de se comunicar telepaticamente, mas não desistiu da sua história.

Dos momentos mais difíceis enfrentados por ela, a rejeição na escola foi dos mais significativos. Rendimento ruim, isolada dos colegas e nenhum acolhimento. Ela passou por classes de “inclusão”, só com ouvintes e apenas ela surda. Outras escolas de classes bilíngues, com ouvintes e surdos se comunicando em língua de sinais. Nessas tentativas de torná-la “normal”, incluíram uso de aparelhos, oralização e diversos métodos de alfabetização. Houve também lugares em que foi colocada que a linguagem de sinais era proibida, assim “batiam nas mãos para nos lembrar”. Mas foi nesse mesmo lugar que ela entrou em contato pela primeira vez com outros surdos. Eles faziam sinais escondidos para se comunicarem. Foi então que ela entendeu sua real situação.

Lá realmente fiquei perturbada, mas no bom sentido. Foi forte. Eu caí na real, a solidão havia acabado. A bolha que me envolvia se rompeu. Eu encontrara meus iguais que eu conseguia entender e que me entendiam. Isso me perturbou. Mas todos os meus temores desapareceram, eu não estava mais sozinha. Eu tinha nove anos. (HERMANSE, 2009)

Eis a importância da convivência com seu círculo cultural e identitário. A convivência dentro da cultura surda não existe para isolar o surdo dos ouvintes, nem tem o propósito separatista. Trata-se de uma forma do surdo ter consciência da sua própria identidade e sentir-se pertencente a um povo. A partir dessa consciência, ele é capaz de conviver com a diversidade e ambientes diversos sem se sentir inferior. Ele torna-se capaz de reafirmar quem ele é, aceitando a si e ao outro. Para exemplificar, trago essa foto que tirei na formatura dos alunos em 2017 com minha amiga Mayrla. Aparentemente nessa foto não há diferença entre mim e a professora de Educação Física. A fotografia não expõe preconceitos e nem há nenhum fator que ponha em dúvida nossa pseudodefinição de normalidade. Eu e Mayrla desempenhamos a mesma função enquanto professora dessa escola, apenas lecionamos disciplinas diferentes. Os nossos salários são iguais. Mayrla é surda, ex-aluna da escola e professora de Educação Física. Essa é a representatividade que nos enche de orgulho e motiva nossos alunos a acreditarem que também podem e o quanto são capazes.



Figura 18 - Foto na formatura dos alunos na EBT, em 2017. À direita a professora de Artes Rosa Pires e à esquerda, Mayrla Sales, professora de Educação Física.

É de uma representatividade incrível para os alunos surdos terem professores que superaram as dificuldades que eles conhecem muito bem. São pessoas que, apesar da surdez, fizeram faculdade, têm suas vidas independentes, são excelentes profissionais e não sucumbiram aos obstáculos que lhes foram impostos ao longo da vida. Foram capazes de fazer suas escolhas e fugir do peso dos rótulos que lhes deram.

“Deficientes? Não quero saber desse rótulo. Não me reconheço nele. É a minha vida! Quero crescer, construir meu caminho e me nutrir, ir até o fim. Não quero que lancem esse olhar sobre mim”, diz nossa personagem da vida real. (HERMANSE, 2009)

Infelizmente, para a personagem do documentário, *Sandrine*, essa representatividade não existia. Seus pais eram ouvintes e não sabiam a língua de sinais, ela vivia isolada em sua própria casa. Assim como ela, era o caso de tantos alunos nossos. “Eu via meus pais conversarem e me sentia excluída. E eu me distanciava”, afirma ela. Imagino quantas festas, natais e momentos em família em que o surdo é um invisível em meio à própria família. É então que aparece outra personagem no documentário, a *Mathilde*. Ela foi a primeira amiga de *Sandrine*. Era filha de pais surdos e foi possível sentir a diferença na convivência e interação nesta família. Foi lá na casa da amiga que ela entendeu

Quando vi adultos surdos entendi que ia crescer, que era possível! Que eu era livre. Eles eram autônomos. E percebi que tinha minha vida pela frente e que podia ser como eles. Eu era livre para fazer sinais. Foi muito revigorante. Não precisava mais me controlar.” (HERMANSE, 2009)

E como fica a Arte nesse processo de percepção do sujeito surdo sobre si mesmo? A Arte está num patamar de extrema relevância para o sujeito surdo, principalmente no ambiente escolar. Através do teatro, por exemplo, os surdos podem exercitar seu autoconhecimento, trabalhar emoções, sensações, comunicar-se e promover a socialização. O teatro é uma linguagem que promove a consciência crítica do indivíduo, um veículo capaz de tirar o sujeito da condição passiva de mero observador para a ação efetiva no palco da vida, tornando-o protagonista de sua própria história. *Sandrine* conta que

Um dia fui ao teatro. Havia atores surdos e atores ouvintes. Todos usavam a linguagem de sinais. Por que não era assim na sociedade? Foi isso que me deu coragem de fazer teatro com a linguagem de sinais. Isso me permitiu construir minha identidade. Senti orgulho de mostrar minha língua. (HERMANSE, 2009)

Precisamos nos inteirar mais sobre essa causa. Não é uma causa somente do indivíduo surdo, mas de todos nós. Em qualquer momento podemos ter nosso destino alterado e podemos ficar surdos, ou ter um filho nessa condição. Senão, que seja por empatia e desejo de findar toda e qualquer invisibilidade nesse mundo impregnado de todos os tipos de preconceito. *Sandrine* é cirúrgica ao afirmar que “Todos os dias nascem surdos. Os surdos estão por toda parte, mas não os vemos.” Mais uma vez: onde estão esses surdos? Reflita sobre quantos surdos você se lembra de encontrar ao longo de sua vida. É sobre esse povo e a formação de sua comunidade que iremos voltar nosso olhar agora para melhor compreensão sobre esses indivíduos.

Identidade e cultura surda

Passei a observar e pesquisar referências que me elucidassem sobre o que viria a ser a cultura surda. Inicialmente cheguei à definição de Laraia tendo cultura como “... a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana.” (LARAIA, 2001, p. 34) Uma reflexão que nos coloca a considerar quais seriam as características, histórias, fazeres artísticos

e hábitos que compõem uma comunidade de pessoas surdas. A doutora surda, Strobel, entende que essa aquisição de “conhecimento através da língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento dentre outras manifestações” (STROBEL, 2008, p. 17) pode contribuir para a consolidação da cultura de um povo. Na sequência, ela define cultura como sendo “a herança que o grupo social transmite a seus membros através de aprendizagem e de convivência”, podendo todos interagir entre si de forma a modificar ou ampliar esse universo cultural de cada geração e sujeito surdo.

Observamos nesses preceitos sobre cultura o quanto é importante a convivência e integração da pessoa surda com seu grupo, o que possibilita a identificação das características próprias e como percebem o mundo, a comunicação pela língua de sinais e construção da própria identidade. Apesar de a inclusão de surdos no ensino regular acontecer em escolas que acolhem pessoas portadoras de diversas outras deficiências, cuja maioria são ouvintes, percebo que, no caso de uma escola direcionada ao atendimento exclusivo do surdo, o benefício é a interação desse sujeito com sua própria cultura e identidade. Não pretendo com isso defender o isolamento da pessoa surda em relação ao convívio em diferentes sociedades, mas possibilitar a interação entre seus semelhantes de forma a fortalecer a própria identidade, autoaceitação e referências sólidas quanto a seu povo e luta, para assim serem integrados gradativamente ao convívio com maior pluralidade cultural. Ao definir cultura, Strobel fortalece essa importância na convivência entre os indivíduos surdos quando considera que “os elementos mais importantes da cultura podem ser destacados como as habilidades dos sujeitos para construir sua identidade” (2008, p. 18). Considero esse espaço de convivência dos surdos na EBT/SEEDF um terreno fértil para a construção e fortalecimento do indivíduo surdo como cidadão e agente da sua própria cultura. Essa interação pode ser facilitada por meio da Arte, que aliada à educação, é imprescindível nesse espaço de formação do sujeito surdo, tornando-o ciente da sua própria cultura e protagonista da sua vida. Assim, Strobel conclui que

um ser humano, em contato com o seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, isto significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados. A cultura não vem pronta, daí porque ela

sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado... (STROBEL, 2008, p. 19)

A percepção de pessoas ouvintes sobre a identidade e óptica que o surdo vê e interage com o mundo é muito diferente. Crianças surdas que nascem em família de ouvintes vivem uma saga entre clínicas e hospitais na ânsia de consertarem um suposto “defeito” ou a cura para uma doença que muitas vezes sequer é percebida pelo surdo que seria o mais interessado nesse processo. Muitas vezes, vi pais aflitos sem saber como lidar com o próprio filho que era incapaz de ouvir. Tomavam então para si um problema que, para a criança, até o momento, nem existia. Os pais, frustrados com as negativas na solução definitiva para a deficiência do filho, acabavam sendo levados a um problema ainda maior, o do preconceito. Em diversas situações, os filhos eram tolhidos de se expressarem em público por meio da língua de sinais, como em shopping ou na rua. Os pais sentiam-se constrangidos pelos olhares de pessoas estranhas sobre os seus filhos que gesticulavam e emitiam sons na tentativa de se comunicarem. Em vez de essas crianças serem acolhidas pela família e sociedade, na maioria das vezes, eram conduzidas ao isolamento que resultava em depressão e pouco estímulo ao seu desenvolvimento e à capacitação para uma vida independente e autônoma.

Enquanto para um ouvinte ter um filho surdo pode significar uma tragédia familiar, para um surdo, essa situação é vista sob outra perspectiva. Conheci na EBT/SEEDF duas famílias inteiras de pessoas surdas. Por questões genéticas, ambas as famílias tinham pessoas surdas há várias gerações. Eram filhos, netos, avós, tios, primos, todos surdos! O desenvolvimento das crianças surdas nessas famílias acontecia de uma forma muito mais produtiva e dinâmica do que os surdos filhos de pais ouvintes. Desde cedo as famílias surdas acolhiam e estimulavam os filhos a se comunicarem em língua de sinais. Até mesmo o letramento em português como PSL (Português como Segunda Língua) acontecia de forma mais fluida. Situações assim são percebidas pela autora surda Strobel

o povo surdo acolhe o nascimento de cada criança surda como uma dádiva preciosa e não age como os pais ouvintes que sofrem

exageradamente o desapontamento inicial de gerarem seus filhos surdo, isto é evidenciado nas várias gerações de famílias com todos os membros surdos. (STROBEL, 2008, p. 23)

Para Strobel, trata-se de um discurso ouvintista que reforçaria que “o sujeito surdo, para estar bem integrado à sociedade, deveria se adaptar à cultura ouvinte, porque somente assim poderia viver “normalmente”.” (STROBEL, 2008, p. 23) Eis que nestes casos além do entendimento sobre a óptica do surdo, falta afeto e empatia para com o outro. É justamente esse acolhimento que tem se mostrado determinante na construção da identidade da criança surda em uma família de surdos, em relação às outras crianças surdas, nascidas em família de ouvintes que têm evidenciado a rejeição. Por isso, é tão importante essa convivência entre pessoas surdas. Independente da família em que nasceram, há ainda a possibilidade do resgate de suas identidades e cultura do seu povo. Faz-se necessário então, mais uma vez, elucidar termos recorrentes aqui como “povo surdo” e “cultura surda”. Strobel torna-se assim nossa referência na definição de cultura surda como sendo

o jeito do sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas... (STROBEL, 2008, p. 24)

Observe que na cultura surda encontramos pessoas que “comportam-se como sujeitos surdos e compartilham entre si das crenças de sujeitos surdos, sendo estes membros pertencentes ao povo surdo.” (STROBEL, 2008, p. 31) Sendo que nessa cultura poderemos nos deparar com comunidades de pessoas voltadas às causas e às temáticas dos surdos, como associações e grupos diversos, mas que são compostas tanto por pessoas surdas quanto ouvintes. Entende-se que, na comunidade surda, também encontraremos “sujeitos ouvintes - membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros.” (2008, p. 31) No que tange a denominação de “povo surdo” considere a referência à existência de

sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (STROBEL, 2008, p. 31)

Entendida a importância dessa interação entre o sujeito surdo com membros que integram a cultura desse povo, ressalto mais uma vez a importância das Artes na efetiva construção e percepção dessa identidade cultural da pessoa surda. Por meio do teatro, promovemos essa interação com mais ludicidade, dando ao surdo a possibilidade de exercício do seu protagonismo em relação à sua vida e na própria comunidade. Já as Artes Visuais atuam diretamente na forma como o surdo percebe o mundo à sua volta, promovendo a compreensão de um lugar que para ele é compreendido na forma visual. Mais uma vez, os convido a tentar entender a forma que o surdo estrutura seu pensamento. Não em palavras ou frases que jamais ouviu, mas num universo inteiro de imagens que dá sentido às ideias. Quando esse universo de ideias transpõe o imaginário para o exterior, o faz por meio de gestos que irão compor um sinal. Num depoimento de uma surda em seu livro, Strobel transcreve que “aprendeu que todas as coisas têm nome (para os surdos, todas as coisas têm um sinal, ou nome gestual)”. (STROBEL, 2008, p. 54)

As Artes podem ser um benefício na comunidade surda, seja na forma de entretenimento, socialização ou formação. Ciente disso e a fim de fomentar ações efetivas para o desenvolvimento dos nossos alunos surdos, muitas vezes na escola promovemos saídas de campo, levando os alunos para espaços culturais, exposições ou facilitando as apresentações culturais na própria escola. Essas atividades eram momentos de muita alegria, em que os alunos surdos, em contato com as várias formas de Artes, se sentiam acolhidos e pertencentes àquele meio. Certa vez, fomos ao Museu da República localizado na Esplanada dos Ministérios, no centro de Brasília. O objetivo era apreciar uma exposição de fotografia feita por artistas surdos. Além do reconhecimento da capacidade da pessoa surda em criar e fazer Arte, eles se sentiram ainda mais representados com a presença de intérpretes de Libras para explicar a eles, em sua língua, detalhes sobre a exposição.

Strobel classifica esses momentos como sendo um artefato cultural

a vida social e esportiva do povo surdo, são acontecimentos culturais, tais como casamentos entre os surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros. (STROBEL, 2008, p. 61)



Figura 19 - Foto da visita dos alunos da EBT/DF na exposição de fotografia de profissionais surdos no Museu da República em Brasília-DF, 2018.

Como sabemos que a condição social dos alunos não os beneficia para que tenham uma vida socialmente ativa, a escola cumpre seu papel como facilitadora dessa socialização e inserção do indivíduo à sociedade. Por diversas vezes, superamos as dificuldades geradas pela omissão do Estado em dar a todos uma educação de qualidade. Enfrentamos muitas vezes a falta de recursos para pagar o ônibus para levá-los aos locais dos eventos, falta de lanche, água e até mesmo falta de profissionais que se dispusessem a acompanhá-los nas saídas de campo. Mas todo o esforço era recompensado na gratidão desses alunos, que, em extrema alegria, demonstraram a satisfação de saírem do espaço restrito aos muros da escola e do cantinho modesto reservado a eles em suas casas. Foi assim, noutro passeio que fizemos ao CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília/DF), na exposição sobre a África. Antes do dia marcado, eles tiveram aulas sobre o tema com os professores de Artes, Geografia e História. Lá fomos todos surpreendidos com a riqueza deste continente, bem além da demonstração recorrente de uma África pobre e repleta de miséria. As novidades para eles não pararam aí, seguindo com o requinte do lugar, a visita aos banheiros impecavelmente limpos e encontro com outros

estudantes de outras escolas que também estavam visitando a exposição. Tiraram muitas *selfies*⁷ e postaram tudo em suas redes sociais.



Figura 20 - Foto da visita dos alunos da EBT/SEEDF na exposição de fotografia do Centro Cultural do Banco do Brasil - CCBB, 2018.

Escolhi essa foto não por acaso, mas porque ela tem muito a nos dizer sobre a vida. Esse menino negro no centro da foto de boné azul tinha o mesmo nome do meu filho, Rafael. Nesse dia ele se divertiu muito com os colegas no passeio da exposição sobre a África. Ganharam até lanche do CCBB. Também conheceram um surdo que coordenava as visitas das escolas à exposição, um funcionário do museu que poderia ser um ótimo exemplo de superação para ele. Eu disse “poderia” porque pelo menos para o aluno Rafael Silva não houve tempo de traçar um futuro de sucesso. Ele morava no entorno de Brasília, na Cidade Ocidental, em Goiás. Acordava todos os dias de madrugada e vinha para a cidade de Taguatinga onde se encontra a única escola para surdos da Capital. Apesar da distância, ele amava a escola e não se importava com o longo percurso que fazia todos os dias, queria estar entre seus amigos igualmente surdos. Infelizmente, sua vida foi curta. Aos 18 anos, no ano de 2020, ele nos

⁷ *Selfies*: palavra em inglês que significa um autorretrato, foto que a pessoa faz de si mesma com o recurso de uma câmera digital.

deixou. Não foi a pandemia da COVID-19 que o levou, não ficamos sabendo ao certo a causa da sua morte. O que sei é que nesse dia a vida valeu a pena. Rafael viu a vida por outro ângulo, bem mais suave e alegre sobre a perspectiva da Arte. Esse acontecimento me levou a uma reflexão sobre minha responsabilidade enquanto Arte-educadora, a de que, se formos fazer algo em prol da educação, que seja agora. Não sabemos o tempo de cada um, nem a demanda e, muitas vezes, até desconhecemos a história por trás de cada indivíduo. A educação urge por efetiva transformação, concreta e eficaz.

Luta e trajetória do povo surdo

O preconceito e rejeição do sujeito surdo na sociedade não está restrito ao convívio familiar, tão pouco é algo recente. Em 1880, em Milão, na Itália, acontece o Congresso Internacional de Educadores de surdos que marcaria profundamente a trajetória do povo surdo. Há a proibição total de qualquer forma de comunicação dos surdos que não fosse a oralização. E a barbárie não parou por aí

As crianças surdas não podiam participar nas comunidades surdas e, inicialmente, os espaços compartilhados eram os dormitórios das instituições e asilos, onde os sujeitos surdos eram entregues pelas famílias em regime de internato, até que estivessem aptos para retornar para o convívio familiar... (STROBEL, 2008, p. 25)

Os surdos viveram longos processos de opressão, mas a aculturação fez-se presente quando por diversas vezes eles tiveram seu direito de expressão cerceado por grupos que se intitulavam de “salvadores” do “pobre deficiente surdo”. Mas, na verdade, a história nos mostra que “travam-se lutas pelo poder e se fazem relações de poder de colonizadores (os sujeitos ouvintes) em cima de colonizados (os sujeitos surdos).” (STROBEL, 2008, p. 90) É marcante a citação que Strobel faz de Skliar (1998) sobre a opressão que recai sobre o povo surdo ao longo da história

Foram mais de cem anos de práticas engeceadas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; (...) ... requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos

surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. (SKILIAR, 1998, p. 7)

Trabalho para que situações como esta não se perpetuem fazendo com que a história do povo surdo seja contada por ouvintes, que sonho em capacitá-los a exercer seu protagonismo por meio da Arte a fim de que tomem o seu lugar no mundo. Pode parecer utópico esse sonho, considerando que sou uma professora de Arte e ouvinte. Todavia, acredito no poder da semente e na capacidade do tempo de realizar grandes transformações. Assim, vou traçando meu próprio caminho de forma a realizar meu compromisso no exercício do ofício da Arte. Como pontuou Paulo Freire, ninguém melhor que os próprios oprimidos para dizerem o que sentem, compreenderem sua história e efetivar sua libertação. E são eles que devem lutar por essa libertação, usando as armas do conhecimento

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação ... pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 2013, p. 32)

Construindo sua própria história, o povo surdo enfrenta ainda hoje inúmeros desafios, principalmente na forma de se comunicar, seja "... através da língua de sinais, desenhos, expressões faciais, corporais, imagens visuais, artes, movimentos de lutas, criações, pedagogias..." (STROBEL, 2008, p. 92) Então, a trajetória de luta desse povo passa pela Língua de Sinais, pois

no encontro do surdo com outro surdo que também usa a língua de sinais se faz brotar novas probabilidades de subjetividades, de compartilhar a cultura, de aquisição de conhecimentos, que não são plausíveis por meio da língua oral e da cultura ouvinte. (STROBEL, 2008, p. 89)

Uma das conquistas do povo surdo relevante sobre sua língua foi a possibilidade de grafá-la. Essa escrita ficou conhecida como *Signwriting* - SW. Esse sistema teve sua origem numa forma de "escrita" criada para a dança, sistematizada por Valerie Sutton em 1974. Então, pesquisadores da Dinamarca acoplaram esse conhecimento para a língua de sinais. A responsável por esse sistema de escrita, conhecido como ELS (Escrita em Língua de Sinais), no Brasil

foi a doutora surda Marianne Stumpf. Sempre achei uma incoerência não ser ofertado para os alunos da EBT/SEEDF como disciplina que lhes ensinasse escrever na sua própria língua. Aliás, essa escrita é bem restrita ao meio acadêmico, até mesmo nos cursos de Libras não costumam ofertar a ELS. Quem se interessa tem que buscar cursos complementares. Em nossa escola também não dispomos de nenhuma disciplina no currículo que contemple a escrita em língua de sinais, pelo menos por enquanto. Aliás, a bem pouco tempo, nem Libras era ofertado enquanto disciplina específica.

O assunto é amplo, não se finda aqui. Mas nosso foco é entender um pouco a história desse povo por meio da Arte, contribuir de forma positiva com essa causa. É pela Arte que busco promover a inclusão do sujeito surdo na sociedade. Esse propósito se estende a todos os campos da sociedade e eu começarei pela escola com “exemplos da interculturalidade que vão moldando as nossas maneiras de ser e de viver” (STROBEL, 2008, p. 103) Ainda sobre inclusão, a autora nos esclarece que

... a educação inclusiva não se refere apenas aos sujeitos surdos, refere-se também a “educação para todos”, então vamos refletir, o fato desses sujeitos estarem dentro da escola significa que eles estão incluídos? (STROBEL, 2008, p. 98)

Sobre essa “educação para todos”, acredito que, ao invés de exigirmos que os surdos sejam oralizados ou implantados para se adequarem à sociedade, seria menos penoso e mais propício que todos aprendessem língua de sinais, incluindo os ouvintes. Uma língua é sempre um acréscimo à nossa forma de comunicação e interação com o mundo. Para quem acha a ideia esdrúxula, cito a referência de Gesser sobre uma pequena ilha em *Massachusetts* nos Estados Unidos, *Martha's Vineyard*:

... uma incidência hereditária da surdez foi observada entre os séculos XVII e meados do século XX. (...) Estavam tão integrados ao dia a dia da ilha que não se consideravam nem eram considerados deficientes ou um grupo à parte. Até os dias de hoje, essa ilha é conhecida como a única comunidade bilíngue na qual tanto os ouvintes como os surdos usam sinais na mesma proporção que a língua inglesa em todos os âmbitos da interação cotidiana. (GESSER, 2009, p. 35)

CAPÍTULO II - Oficina teatrais: laboratório e construção da performance

A condução da oficina possibilitou uma imersão junto à comunidade surda que é composta por alunos e todas as outras pessoas que partilham da causa surda naquele ambiente escolar. Esse contato com os alunos possibilitou trazer para a performance elementos que deixassem a apresentação mais próxima possível daquela usada pelos surdos em suas encenações e expressividade inerente aos surdos. Houve uma melhor compreensão sobre a teatralidade presente naquele grupo de alunos surdos, o que não significa afirmar que o surdo por ser teatral não necessita do contato com essa linguagem artística. O teatro naquele ambiente mostrou-se um meio de interação social entre aqueles jovens, um fomento ao protagonismo daquele indivíduo e percepção do próprio espaço social a ser ocupado por cada um.

As atividades desenvolvidas nessas aulas tiveram como intuito a iniciação teatral com atividades de improvisação, jogos teatrais e exercícios corporais específicos do teatro. Essas dinâmicas contribuíram para o desenvolvimento da expressividade corporal e desenvoltura na atuação no espaço cênico. Durante esse trabalho aproveitei para documentar todo processo e dinâmicas em vídeo e fotos, o que resultou em um rico material que em muito me inspirou para a construção da performance. O material coletado foram verdadeiros artefatos culturais a serem analisados. Refiro-me a artefatos, conforme conceito definido por Strobel como “aquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo.” (2008, p. 37) Foram materiais que não me restringiram à uma análise técnica, mas a uma percepção inerente a alguém que viu e sentiu muito além do material e físico. Considero o processo como uma percepção emotiva que adentrou aos valores, tradições, sentimentos e vivências trazidas por cada indivíduo que ali estiveram a partilhar um pouquinho de si em prol da construção de um coletivo por meio da troca de saberes.

A oficina teatral ocorreu durante o primeiro semestre de 2022. Quanto à adesão dos alunos em relação à oficina, apesar do interesse deles em participar,

poucos se matricularam no curso que aconteceu no período contrário ao turno da aula. Foram 7 (sete) alunos frequentes, porque houve um obstáculo inimaginável que ocorreu em plena capital do país. A escola não tinha educação integral, que é quando as aulas ocorrem nos dois turnos para todos os alunos. Essa situação resultou numa barreira burocrática que impede que o governo ofereça almoço para os alunos entre os turnos. Sendo a maioria dos alunos moradores do entorno de Brasília, eles não tinham como ir almoçar em casa ou comprar comida para permanecerem na escola no turno da tarde. Eles saem de casa bem cedo, por volta das 5h e 30 min para chegarem às 7h na escola. Muitos sequer tomam café-da-manhã, tendo a primeira refeição na própria escola durante a merenda escolar. Assim, ficou inviável a participação deles na oficina de teatro que terminava às 15h 30 min. Imaginem que horas essas crianças chegariam em casa para terem a segunda refeição! Uma ação paliativa para o problema veio por parte da direção que alterou o cardápio do dia da oficina. Antes era biscoito com suco, passando a ser então uma refeição mais reforçada como a galinhada. Tentei também um lanche solidário entre os alunos da oficina, mas como são muito carentes, não funcionou. Mas uma vez o descaso com a educação é escancarado aos olhos de todos, negando às nossas crianças e adolescentes o compromisso com uma educação de qualidade e comprometida. A oficina continuou com esses poucos alunos, mas a ideia inicial, de realizar uma encenação com os próprios alunos ao final do projeto, teve que ser repensada. O problema referente à alimentação dificultou a preparação dos alunos para uma possível montagem teatral, o que fez com que a performance fosse encenada por mim na personagem da Vovó.

As atividades na oficina não foram em vão por não resultar em uma encenação final. O sentido do teatro sempre esteve em seu processo de vivências, o espetáculo é a amostra de toda a produção e construção desse processo. O objetivo da oficina voltou-se para a interação dos alunos, contato com os elementos da linguagem teatral, desenvolvimento da expressividade corporal e percepção de si e do outro como agente transformador em um meio social, dinâmico e produtivo. Nesse processo busquei atividades e conceitos de

autores como Spolin e Stanislavski. A oficina também funcionou como uma pesquisa investigativa em que fosse possível observar a expressividade inerente à cultura surda. Vejamos como se deu o processo na oficina de teatro.

2.1 Dinâmica das oficinas:

Durante as aulas na oficina observei o quanto os alunos surdos mostraram-se expressivos em sua comunicação não-verbal. A própria língua de sinais tem em seus parâmetros a expressão corporal e facial, mas o desejo desses jovens de serem capazes de se comunicar e se sentirem acolhidos numa sociedade onde são minoria foi o diferencial nesse processo. Ressalto que, mesmo com todas essas habilidades observadas, há também aqueles alunos surdos com dificuldade em se expressar e comunicar. Alguns chegam à escola sem ao menos ter tido contato com a língua de sinais, problema somado às dificuldades de socialização. Assim, é necessário a prática teatral no cotidiano escolar como forma facilitadora do processo de ensino-aprendizagem. A Arte em todas as suas linguagens nunca deveria se ausentar da educação.

Os jogos teatrais para Spolin são “... uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência.” (2010, p. 4) Nessa linha de pensamento, eles estiveram presentes no decorrer da oficina, pois havia o objetivo de destacar a interação entre os alunos e apresentar a eles um primeiro contato com a linguagem teatral como não-atores. Havia a possibilidade de desenvolver neles habilidades como a percepção rítmica, espontaneidade, expressividade corporal, atenção, autoconhecimento e conseqüentemente uma maior interação com o mundo, pois, “Quando o artista cria a realidade no palco, sabe onde está, se percebe e se abre para receber o mundo fenomenal.” (SPOLIN, 2010, p. 13) Para criar essa realidade no palco após os jogos propostos, recorreremos aos exercícios de improvisação contendo conflitos a serem solucionados pelos próprios alunos-atores a fim de dar maior dinamismo às cenas. Essa dinâmica por meio do improviso objetivava o despertar do interesse dos demais alunos enquanto plateia das cenas, impedindo assim que a atuação transcorresse de forma linear. Nestes exercícios

de improvisação foram observadas algumas questões apontadas por Stanislavski como a fé cênica, ação anterior, o mágico “se fosse” e a visualização. Assim, foi possível cenas mais coesas e verdadeiras.

Vejamos o apanhado visual das atividades desenvolvidas na oficina:



Figura 21 - *Thumbnail* para o vídeo da oficina teatral com alunos surdos da EBT, 2022. *Link* do vídeo disponível em <https://youtu.be/p8pogIPQA4E>.

O vídeo traz diversas atividades desenvolvidas ao longo do semestre de 2022 na oficina de teatro com os alunos surdos. Durante esse processo de atividades lúdicas para introdução da linguagem teatral por meio de jogos dramáticos, exercícios de improvisação e expressão corporal, foi possível constatar o quanto os jovens são carentes de uma educação que possibilite a diversidade de linguagens artísticas. Mesmo eles não tendo como se alimentar para permanecer de forma integral na escola, procuraram não faltar e ainda chegavam às aulas cheios de entusiasmo e disposição. A vontade de experimentar algo diferente e novo, para a maioria deles, fez toda diferença. Talvez seja por estarem cansados da mesmice na forma ultrapassada de ensino na qual ainda persistem. Eles querem interagir, manifestar suas opiniões e se movimentar. Não só eles, mas todos nós queremos nos sentir vivos, capazes e valorizados. A escola precisa ir ao encontro desses anseios, pois passar 5 horas sentado, observando um professor à sua frente, não é um caminho que promova e estimule a construção do saber e identidade de uma pessoa.

2.2 Análise de dados da pesquisa qualitativa:

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa com análise subjetiva dos dados, realizada junto aos professores envolvidos com a educação de surdos que voluntariamente responderam ao formulário digital encaminhado aos participantes por meio de *link* para acesso imediato. Esteve em aberto recebendo as respostas durante os meses de novembro e dezembro de 2022. Foram 26 professores participantes da pesquisa, dentre eles, duas eram surdas. As áreas de conhecimento dos participantes contemplaram diversas áreas como Português, Educação Física, Inglês, Artes, Pedagogia, Biologia, intérprete de Libras, coordenador pedagógico e matemática.

Apesar do comprometimento afirmado por cada um desses participantes com a educação de pessoas surdas, me chamou atenção muitos desses profissionais não serem fluentes em Libras. Observem o gráfico geral sobre o índice de domínio da língua de sinais dos entrevistados:

5 - Em relação a Língua de Sinais você se considera:
26 respostas

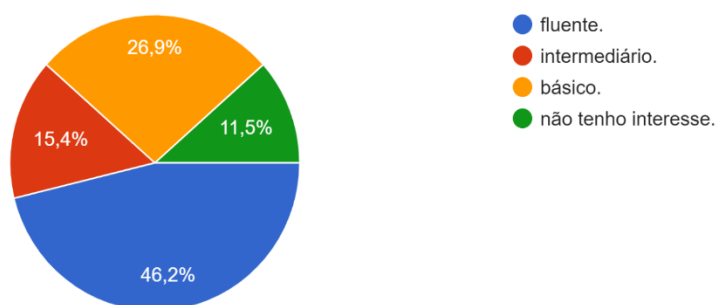


Gráfico 2 - Dados estatísticos gerados em conformidade às respostas no formulário em relação ao nível de fluência na língua de sinais dos entrevistados.

Partindo da premissa que o trabalho e interação com os surdos perpassa pelo domínio de sua língua materna, alguns desses profissionais sequer têm interesse em aprender a língua do surdo. Mesmo sem preparo, a vida nos traz algumas surpresas e, quando menos esperamos, somos colocados em situações que não esperávamos, como disse um dos entrevistados: *“tive um filho que nasceu deficiente auditivo”*; este outro diz que precisou aprender Libras porque se deparou com a *“presença de alunos surdos sem intérprete”* ou

simplesmente porque os surdos *“foram incluídos nas turmas regulares”*; noutro caso, o relato foi ainda mais preocupante, pois ir para a educação de surdos *“foi impositivo, por falta de professor”*; noutro, observei relatos de situações pessoais que o levou ao estudo da língua de sinais, pois precisou ajudar pessoas da própria família com deficiência auditiva: *“auxiliar meu irmão surdo”*.

Felizmente, a falta de interesse pela língua de sinais ou o acaso não foi o que levou a maioria a trabalhar na educação de surdos. Alguns apreciam esse idioma e se encantaram pelo trabalho inclusivo, o que os fez buscar uma qualificação voluntariamente. Me encantaram relatos aos quais pude constatar a plena consciência da importância de se aprender a língua de sinais e o respeito à inclusão: *Libras é um instrumento eficaz na facilitação da comunicação e no processo ensino-aprendizagem. Conhecer esta língua é fundamental para atender com responsabilidade às reais necessidades deste público e favorecer a educação bilíngue de surdos.* Encarar esse desafio como uma missão e entender a nossa responsabilidade social com a inclusão também é um diferencial no aprendizado da língua: *“conhecer e dominar a língua de sinais com profundidade a ponto de ser uma profissional voltada para a inclusão com o objetivo de colaborar para o avanço dos estudantes surdos em seu desenvolvimento escolar, intelectual e social.”* Mas há quem considere a fascinação pela língua um fator motivador: *“A Língua gestual e expressiva me cativou profundamente.”* Mas de todas as respostas, a que mais resumiu meu interesse em aprender Libras e a persistência em continuar nesse desafio para com a educação inclusiva, veio em um relato numa única palavra: *“Amor”*. Sem essa premissa é fato que todo processo educativo estaria comprometido.

Identifico-me com a porcentagem que relatou estar entre o nível básico e intermediário em relação a aprendizagem da língua de sinais. Quando iniciei meu trabalho com os surdos eu também não tinha qualquer conhecimento com essa língua deles. Mas faltavam profissionais que preenchessem os requisitos para a carência na escola e para que não ficassem sem professor, fui direcionada para lá sem que me informassem do desafio ao qual estava sendo conduzida. A escola tinha intérpretes de Libras, mas essa peculiaridade não ajudou muito na

comunicação direta com os alunos surdos. O ideal seria que houvesse um maior investimento do governo na qualificação dos profissionais de educação ou mesmo outras formas de incentivos para que se preparasse mais pessoas para o trabalho com a educação inclusiva. Penso que essa profissionalização deveria ser expandida inclusive a outros profissionais para que pessoas portadoras de necessidades especiais fossem acolhidas com respeito e cidadania em todos os setores da sociedade. A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, institui a *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência* e é também conhecida como *Estatuto da Pessoa com Deficiência*, garante que todos sejam atendidos em bancos, hospitais, delegacias e demais serviços conforme suas necessidades em relação à sua deficiência. Em seu Art. 3º a Lei é clara ao definir a acessibilidade a fim de garantir igualdade de condições a pessoa com deficiência, sendo a

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida; (Brasil, 2015)

Mas aprendemos na prática que as Leis em nosso país não são cumpridas como deveriam ser. Todavia, esperar a solução do problema para agir corretamente e só então fazermos nossa parte é delegar ao outro uma tarefa que é de toda sociedade. Embora a Lei nº 13.146 em seu Art. 10. transcorra sobre a responsabilidade do Estado “Compete ao poder público garantir a dignidade da pessoa com deficiência ao longo de toda a vida”, considere fazer cada um a sua parte e aos poucos vamos construindo juntos uma sociedade melhor, igualitária e ética. Talvez não sejamos ainda beneficiários diretos dos benefícios desta Lei de acessibilidade, mas o respeito é direito e dever de todos.

Os relatos dos entrevistados sobre suas primeiras impressões no contato com alunos surdo me passaram uma certa tranquilidade. A princípio achava que só eu tinha sentido medo, frustração por não conseguir me comunicar e mesmo injustiçada de ter que ministrar aulas para surdos sem nenhum conhecimento

sobre aquele grupo. Em cada relato que lia, revivia o que tinha sentido no passado com meu primeiro contato com alunos surdos: *"Foi difícil por causa da barreira da língua"*, *"dificuldade pela minha falta de preparo naquele momento"*, *"foi desesperador, pois eu não sabia me comunicar"*, *"Desastroso... Ao mesmo tempo estimulante"*, *"Senti-me incapaz e envergonhada por não conseguir estabelecer comunicação"*, *"Não sabia o que fazer"*, *"acreditava que eram mudos"*, *"Foi desafiador, percebi que ainda precisava aprender mais"* e assim por diante.

Se tem uma coisa que as dificuldades da vida me ensinaram foi enfrentar com garra os desafios que nos são impostos pelas adversidades. Desistir não estava no meu dicionário, restava-me seguir buscando estratégias para que aquele caminho fosse menos doloroso, mais suave. A solução a essas angústias e incertezas veio através do conhecimento. Entender a língua e conhecer os surdos me deu mais confiança para desempenhar meu trabalho. Se o governo fizesse cumprir a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com Deficiência no que diz o Art. 28 no item XI *"formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio"* não faltariam profissionais, o sofrimento que passamos teria sido evitado e nossos resultados seriam mais exitosos.

O despreparo para lidar com a inclusão vai além da figura do professor, a falta de qualificação no âmbito da inclusão abrange toda a equipe escolar. O porteiro que é incapaz de dizer um *"bom dia"* ao aluno surdo em língua de sinais à secretaria que muitas vezes não entende o que o aluno precisa. Assim, o surdo transita nas escolas quase que em total invisibilidade, não fosse pelos gestos exagerados e grunhidos que despertam em muitos apenas risos e desprezo, ninguém iria perceber sua presença. A equipe de coordenação pedagógica, apoio e sala de recursos também tem sua responsabilidade nessa falta de comunicação, como evidenciamos nesses relatos aos quais as professoras sequer foram avisadas sobre as condições dos alunos surdos em sua sala: *"Eu ministrava a disciplina de Matemática e tinha uma aluna muito dispersa, e nunca*

fui informada que tinha deficiência auditiva. Só depois que procurei o motivo do desinteresse, foi possível atendê-la melhor". A outra professora da disciplina de Arte também teve experiências semelhantes: *"Foram duas alunas, eu não sabia que elas eram surdas até um aluno ouvinte me dizer que elas estavam lá. Fiquei atônita, sem saber o que fazer, mas também curiosa"*. Em geral o descaso se repete, e nós *"não sabíamos que eles estavam lá"*, mas estavam. Aliás, sempre existiram surdos. Onde eles estavam até agora que não os vimos?

Arte é fundamental para promover a visibilidade do aluno surdo, dando a ele ferramentas concretas e eficazes para construir seu conhecimento. Para definir o papel da Arte nesse processo de descoberta e formação do indivíduo surdo, busquei os relatos dos professores de outras áreas de conhecimento. A ideia era observar se além dos professores de Artes, outros também percebiam na Arte essa relevância para a implementação da inclusão nas escolas. Todos participantes já trabalharam em algum momento com surdos em períodos que variaram entre 1 a 33 anos de exercício efetivo na educação inclusiva. Das observações que fizeram sobre suas próprias experiências ao longo desses anos, eles transcreveram as seguintes opiniões sobre a Arte na educação de surdos:

"... é imprescindível em qualquer processo educativo, visto que sua linguagem é universal, pois toca a alma e o coração do sujeito-educando." (Entrevistado 1)

"... nos possibilita ver a vida de forma diferente." (Entrevistado 2)

"Ela é essencial a todo cidadão. Para o surdo é ainda mais relevante, pois sua aprendizagem é visual ... possibilita-o, de forma lúdica, sentir e se expressar." (Entrevistado 3)

"É de fundamental importância porque a Arte chega por meio de outros sentidos de maneira a auxiliar o surdo nas competências da vida diária." (Entrevistado 4)

"... reflete a beleza de todas as coisas. Os Surdos precisam dessa beleza como todos os alunos." (Entrevistado 5)

"uma forma de inclusão. Conseguem expor seus pensamentos/sentimentos através de uma linguagem, não necessitando de uma língua para sua realização. Por ter aspectos mais visuais, notadamente os Surdos apresentam ótimos desempenhos." (Entrevistado 6)

“Desenvolver habilidades artísticas e a sensibilidade trazem o conhecimento e o desenvolvimento do indivíduo surdo de forma integral. Além do que os aspectos relacionados à cultura e identidade surda são fortalecidos e preservados.” (Entrevistado 7)

Essas considerações de professores de outras áreas do conhecimento me fizeram refletir sobre o motivo pelo qual sempre tive meus projetos acolhidos por toda a equipe pedagógica. Além de darem credibilidade e demonstrar confiança no meu trabalho, eles também têm consciência sobre o quanto a Arte sempre foi um diferencial na educação inclusiva. Não me refiro a Arte meramente ilustrativa tão vista nas festividades escolares, como peças de teatro para apresentação em datas comemorativas, confecção de murais ou ornamentação das festas juninas. Me refiro a *Arte integrativa* que consiste em diferentes formas artísticas que integram outras linguagens de conhecimento, rompendo fronteiras à medida que interagem com diferentes grupos. Esse tipo de Arte interage com projetos interdisciplinares com construção de saberes e vivências, na qual há a valorização do processo e construção prévia do projeto pedagógico com suas finalidades, conceitos e objetivos bem definidos por toda equipe. Como esclareceu este entrevistado em reflexão sobre a importância da presença da Arte na escola:

“Por ser uma ação que traz uma efetiva consciência dos valores, conhecimentos, fazendo com que os estudantes surdos possam repensar sua própria história por meio das histórias de pessoas surdas ou não, ser o protagonista e realizar suas escolhas embasadas no entendimento do contexto e da realidade que o envolve. Para tanto se faz a necessidade de haver a transdisciplinariedade.” (Entrevistado 8)

Os participantes que transcorreram sobre a possível relação entre o Teatro e a expressividade na língua de sinais trouxeram reflexões pertinentes que cabe analisarmos. Observe que apesar de não terem a formação em Teatro, há um conhecimento mais aprofundado da língua de sinais quanto sua composição e gramática. Não há uma negação quanto a importância do teatro no desenvolvimento da expressividade humana, nem que esta linguagem não se faça presente na expressividade do surdo e em sua língua. Porém, segundo a entrevista, há que se observar que

“O teatro se utiliza de vários artefatos presentes na Língua de Sinais. Mas cabe destacar que o Teatro ou outra forma de expressão artística

em Libras envolve muitos outros componentes que trazem à tona as questões históricas, identitárias e sociais que envolvem a pessoa surda e que perpassa pela língua.” (Entrevistada CODA)

Outro, cita a importância do Teatro no uso do classificador durante o processo de comunicação da língua de sinais. Os classificadores em Libras são formas que complementam a descrição do objeto ou ideia, dando-lhe uma possibilidade de compreensão maior e mais detalhada. Por exemplo, ao mencionar uma blusa listrada, faz-se o sinal em Libras correspondente à blusa e com os dedos das mãos mostramos em que direção essas listas estão impressas na blusa, bem como sua largura. Sendo *“O classificador a personificação do objeto ou da expressão, se você souber usar fica mais fácil o outro entender, passar o sentimento, a poesia ou música...”* Além dos classificadores, a linguagem teatral pode contribuir com a comunicação e entendimento da língua com o uso das *expressões faciais* que compõem um dos parâmetros da gramática na língua de sinais. Gesser esclarece o assunto quando diz que *“sinais não são gestos”* (GESSER, 2009, p. 23) e continua na mesma linha de pensamento sobre as possibilidades de comunicação da língua de sinais: *“expressam sentimentos, emoções e quaisquer ideias ou conceitos abstratos.”* Os surdos se destacam nessa expressividade durante a comunicação em sua língua. Como observou um dos entrevistados, eles possuem *“uma capacidade incrível de percepção e de transmissão de sentimentos, situações, ou seja, uma comunicação visual extremamente rica permitindo que sejam perfeitamente compreendidos. Eles têm uma plástica corporal impressionante e uma expressão facial espetacular...”* Para tanto, nossos entrevistados concordaram que *“é necessário se expressar com muito sentimento em cada palavra comunicada, além do uso dos gestos, precisam também encarar a vergonha de olhar, olho no olho e se expressar com muita emoção com a face do rosto.”* Aqui está uma das atividades desenvolvidas em sala de aula na oficina teatral com os alunos surdos.

Os profissionais envolvidos com educação de surdos também têm ciência que a linguagem teatral é igualmente importante para os não-surdos. Professores, intérpretes e alunos ouvintes também se beneficiam desse universo

de expressividade, autoconhecimento, observação e compreensão do mundo à sua volta: *“O teatro abarca tudo o que há em nossas vidas. No teatro, o corpo do ator é sua maior expressividade, portanto, a expressão corporal, neste momento, não há o som da voz, apenas a expressividade do intérprete.”* Sendo a *“expressão corporal importante para a comunicação”*. A prática do ensino da Arte pode promover meios aos quais os alunos possam *“vencer seus medos, expressar suas emoções, no uso da criatividade, trabalho em equipe, na estética e nos relacionamentos e comportamentos interpessoais e sociais, na aceitação do outro e apreciação do novo.”*

Além da linguagem do Teatro, o ensino da Arte e projetos artísticos e culturais na escola podem contribuir para um melhor desempenho escolar dos alunos. Em observância a essa consideração, os entrevistados reiteraram que a Arte pode contribuir com a *“criatividade, interação e solução de problemas”* na escola e que *“todos precisamos da arte para nos expressar”*. Se fosse possível sintetizar meu pensamento sobre esse assunto tão vasto quanto é a importância da Arte na educação, eu elegeria esse relato como exemplo:

“A Arte nos instiga a viver o social e isso é um grande incentivo ao seu próprio desenvolvimento pessoal, pois nos leva a expressar, compreender e serem compreendidos. Nos auxilia a ampliar a visão do mundo, e também se torna uma excelente estratégia interdisciplinar para trabalhar as outras disciplinas que às vezes podem se tornar engessadas sendo ministradas apenas a partir de um ângulo formal, o da sala de aula. É necessário para o aluno surdo ampliar os conhecimentos adquiridos em sala para se solidificar e significar, ensinar um estudante surdo é algo bem específico, peculiar e geralmente complexo.” (Entrevistado 9)

Aqui trarei a questão mais polêmica das perguntas no questionário, pois trata da aceitação das escolas bilíngues na inclusão de alunos surdos. Será que esta é a forma mais assertiva para promover a inclusão em escolas públicas? Ou seria melhor as *classes mistas* no ensino regular com alunos? Para responder a esta questão refleti sobre minhas experiências como professora de Arte no ensino regular quanto tive classes inclusivas com alunos contendo inúmeras deficiências (surdos, deficientes físicos, cegos ou portadores de alguns transtornos de desenvolvimento como TOD, TGD, TDAH, TEA ou DI). Essas foram as situações mais comuns que encontrei no ensino regular e confesso que

não tive muitas experiências exitosas. Algumas vezes eram disponibilizados monitores para ajudar em sala de aula, outras não. O governo poderia ou não disponibilizar esses profissionais conforme os recursos disponíveis para tal fim. Minha dificuldade era atender esses alunos conforme suas necessidades e mais o restante da classe que variava entre 35 a 40 alunos por sala. Considerando que o professor de Artes tem 2 aulas por semana, sua carga horária deve comportar cerca de 15 turmas. Uma situação exaustiva, traz uma sensação de incapacidade quando percebemos que não vamos seguir com o trabalho como gostaríamos. Nem o nome dos alunos conseguia lembrar, muito menos quem eram os que necessitavam de atendimento especializado, o medicamento que cada um tomava e suas reações, suas dificuldades e o transtorno que o aluno apresentava. Ainda tem o agravante que muitos pais não acompanham o desenvolvimento do próprio filho e muitos não possuem laudos e diagnósticos precisos sobre as dificuldades apresentadas. Acrescido a tudo isso, há os casos de *bullying* de todo tipo. O combate a esta prática de violência não tem contemplado as necessidades das escolas, e situações de desrespeito e agressão são cada dia mais frequentes. Infelizmente, o que vemos são alunos com deficiência sendo “jogados” nas escolas regulares a pretexto da inclusão, mas que na prática têm sido experiências desastrosas. Para exemplificar essa situação trago relatos de dois alunos da EBT/SEEDF que conheceram os dois lados. Ao serem perguntados sobre suas experiências em escolas inclusivas no ensino regular, responderam não ter boas lembranças. A aluna Jamile disse que em sua outra escola no ensino regular ela se sentia sozinha, vivia triste pelos cantos. Ninguém queria brincar com ela e não tinha amigos. Depois que chegou nessa escola para surdos logo fez amigos, conversava bastante e ninguém praticou mais *bullying* com ela. Agora se sentia feliz em ir para a escola, ao contrário do que sentia antes em escolas com ouvintes. O aluno Kauan que chegou à escola aos 11 anos de idade também teve algumas vivências ruins no ensino regular. Naquela época, ele e a irmã, que também é surda, não tinham tido contato com a língua de sinais. Em um mês eles já conseguiram se comunicar com os novos amigos. A partir de então, tudo mudou. Se sentiram acolhidos e até a aprendizagem melhorou.

Claro que cada indivíduo é único e que a família tem o direito de decidir o que acha melhor para o desenvolvimento do seu filho. E acontecem casos que fogem à regra, como do meu aluno Fernando na extinta Escola Normal de Taguatinga em 1998. Ele não era surdo, sua deficiência era visual. Ele era muito bem acolhido pelos colegas de sala, lembro-me o quanto ele gostava das aulas práticas de Teatro. Não apresentava dificuldades em desempenhar as atividades propostas. Outro caso que me recordo foi do aluno Gabriel no CEM 3 de Taguatinga em 2014. Ele ficou deficiente físico no decorrer do ensino médio após um câncer na coluna, situação irreversível e degenerativa. Com o passar do ano, ele piorava, perdia a voz e os movimentos gradativamente. A turma o ajudava com muito esmero e carinho, era um exemplo de luta e perseverança para todos nós. Ensaíamos o espetáculo *O Fantasma da Ópera*⁸, a turma era coordenada pela professora de Português Janaína Almeida, era um projeto da escola denominado de *Literatura em Cena*. Esse projeto era um evento de apresentação teatral que acontecia todos os anos na escola. O destaque ficava a cargo da participação e envolvimento de todos os alunos, turmas e professores. Neste ano de 2014, integrei a equipe, foi uma experiência maravilhosa. Durante todo o ano letivo o aluno Gabriel participou dos ensaios, mas na véspera da apresentação ele veio a falecer. Essa foi uma grande lição para todos, pois ele só tinha 17 anos e lutou até o último instante pela vida e honrou seus compromissos com o grupo. O aluno-ator que o ajudava empurrando sua cadeira de rodas o substituiu no dia da estreia. Recordo-me do ensaio geral em que a turma ficou em completo silêncio no teatro da escola, para que ele fosse ouvido no momento de sua fala, ele quase não tinha mais voz, mesmo assim, foi ao ensaio. Foi um momento que marcou a todos nós que lá estávamos, como relata a professora Janaína:

“Lembro, como se fosse hoje, o dia do ensaio geral do Fantasma da Ópera, em que o Gabriel, já com a voz fraca, participou do ensaio na cadeira com rodas. Aquele silêncio respeitoso dos colegas já nos mostrava que a partida dele estava muito próxima. Aquele jovem nunca reclamou de nada, nunca se lamentou, viveu o máximo que

⁸ O Fantasma da Ópera: romance francês inspirado em fatos históricos da Ópera de Paris no século XIX e contos apócrifos de um músico famoso. Adaptado para musicais, cinema e teatro em todo mundo, sendo o original datado de 1910 com autoria de *Pierre Lafitte*.

pode perto dos colegas, tentando manter uma vida normal até o fim.”
(ALMEIDA, 2023)

Esses foram casos de inclusão que eu presenciei e atesto que deram certo. Podemos observar também inúmeros outros exemplos de experiências bem-sucedidas de inclusão em escolas regulares, como no relato de um dos entrevistados:

“... num determinado momento do ano tivemos que preparar uma dança cujo tema era festa junina e eu tinha um aluno autista surdo profundo. Ele era extremamente tímido e fechado não aceitava o contato visual muito menos o físico, a partir do momento que eu, demais professores e alunos interagimos com ele numa roda e começamos a dançar, ele começou a se soltar e despertar, quis fazer par de dança comigo, percebi que isso representou um marco para que a comunicação dele fosse despertada desenvolvida daí em diante ele passou a se comunicar e se expressar e até mesmo sorrir foi um salto! Guardo isso pra sempre, foi muito bonito, emocionalmente e gratificante!” (Entrevistado 10)

Mas a maioria das minhas experiências na inclusão no ensino regular não me alegram muito. Algumas situações que presenciei ao longo dos anos me fizeram avessa a essa forma de inclusão. Vi muitas crianças deficientes sendo motivo de risos e chacotas pelos colegas. Algumas dessas crianças eram postas de lado porque “fediam”. É comum terem dificuldade de fazerem suas necessidades no banheiro e algumas até usavam fraldas. O mais comum e mais triste são as agressões físicas. A socialização que tanto pregam dificilmente é vista, o que vemos são esses alunos no canto da sala ou sozinhas pelos corredores da escola. Os alunos surdos são chamados de “mudinhos” e muitas vezes tidos como deficientes intelectuais pelos colegas que os chamam de “retardados”. Não quero aqui descrever em minúcias situações fortes e tão vexatórias dessas experiências negativas, me atenho a transcorrer de forma mais genérica a estes casos. Em todas as situações que presenciei algo assim, encaminhei à direção para que medidas disciplinares fossem tomadas, mas observei que os fatos sempre se repetiam. Mudava a escola, os alunos e passavam-se os anos, mas os problemas eram os mesmos. Recorro a fala de um dos entrevistados como sugestão para que um dia, quem sabe, a inclusão exista de fato em nossas escolas:

“Precisamos entender que a escola regular ou pública necessita ser interessante e motivadora para todos: professores, estudantes e comunidade. Ademais, quando ela atende sua comunidade de forma ampla, atende sua função que é de agregar.” (Entrevistado 11)

Sobre a inclusão realizada em escolas bilíngues onde a Libras é a primeira língua, tive melhores impressões. Uma das entrevistadas que participa ativamente do movimento surdo e atuante na escola explica bem o que é uma escola bilíngue para surdos:

“As escolas bilíngues são espaços em que a Libras, sua primeira língua, é a língua de ensino, instrução, comunicação e interação e o Português escrito desenvolvido em uma metodologia de segunda língua. Ao desenvolver esse trabalho o estudante surdo terá acesso aos diversos conhecimentos e informações. Os materiais didáticos bilíngues, pedagogia e recursos visuais e estratégias que considerem essas questões são melhor desenvolvidas nesse espaço. Ao passo que na inclusão em uma escola regular esses aspectos não são considerados. A presença do intérprete de Libras acompanhando o estudante surdo, apenas, não garante o desenvolvimento de sua língua e de suas potencialidades.” (Entrevistado 12)

Mas há alguns que preferem não ter que escolher entre uma forma ou outra de ensino: *“Fico dividida... o surdo ser educado em sua primeira língua é de suma importância, porém, acho que há perda de contato e socialização com o ouvinte, que também é importante para o desenvolvimento social do surdo.”* Para termos uma melhor opinião sobre o assunto, vejamos o que pensa o surdo sobre essa questão. Ninguém melhor do que o surdo para dizer sobre sua preferência em relação a sua própria educação. O relato é da professora surda Mayrla Sales. Para ela, a educação em escolas bilíngues voltadas ao atendimento do surdo é importante, mas

“ainda não é 100%, precisa melhorar mais. O tipo de atrair os alunos interessarem que desejam fazer no projeto ou oficina ou curso. Mas espero que as escolas estejam respeitadas com Libras. Depende cada escola possa receber a inclusão, mas é preciso analisar as propostas e ter os professores capacitados que conhecem em Libras e não tipo com básico e intermediário. É IMPORTANTE ter o contato com os surdos!” (SALES, 2022)

Quem não teve a vivência em uma escola bilíngue para surdos costuma ter uma opinião completamente contrária, acredita que essa é uma forma de educação que não inclui, mas segrega. Para esses a crença é de que *“deveria haver interação entre Surdos e ouvintes no contexto escolar”*. Muitos, por

desconhecerem a realidade desse tipo de escola, acreditam que *“O contato do surdo com o ouvinte enriquece ambos na medida que existe a troca de experiências. Uma escola bilíngue limita essas trocas, pois os alunos ficam em ilhas: surdos e ouvintes precisam de contato para aprimorar suas aprendizagens.”* Esquecem que o surdo tem contato com outras pessoas além do ambiente escolar, muitas vezes sendo a própria família de ouvintes. Mas com outros surdos, como promover essa interação tão importante para construção identitária? É certo que *“é na relação de inclusão que ambas as partes ganham, pois existe uma troca de experiências que faz a gente vencer barreiras no aprendizado chamado: vivências, pois só o igual não faz crescer.”* Não estão completamente equivocados, mas há também que se considerar as vivências que constroem identidades culturais e promovem o reconhecimento da sua própria essência.

Entre as duas possibilidades de inclusão, em classes regulares ou escolas bilíngues, opto pela segunda. Nos relatos alguns entrevistados partilham dessa mesma opinião, quando dizem que *“escolas bilíngues em Libras são melhores preparadas para receber o aluno surdo. Sem dúvida, o aprendizado nas escolas preparadas para receber os surdos conseguem mais sucesso no ensino e aprendizagem desses alunos.”* Sendo um espaço em que *“o aluno surdo não é a exceção, o 'diferente'.”* E no princípio básico da comunicação, de forma bem simples, é possível concluir o quanto *“Se comunicar com quem te entende é muito mais motivador.”* Sabendo-se inclusive que *“muitos alunos estão na escola, mas não estão inseridos de verdade. E uma escola bilíngue tem modelo de surdo adultos, referência para a criança surda.”*

A solução mais plausível para todos os surdos é um sonho distante, talvez até utópico demais. Seria que as escolas bilíngues *“cumpram seu papel com qualidade e que todas as escolas públicas sejam bilíngues, para que a Libras se propague e todos surdos ou ouvintes tenham a oportunidade de aprender a Libras para utilizá-la na sociedade.”* De fato, seria maravilhoso se Libras, a segunda língua oficial do nosso país, fosse ofertada nas escolas e tanto surdos quanto os ouvintes pudessem se beneficiar com a aprendizagem dessa língua.

Não haveria mais dificuldades na comunicação entre surdos e ouvintes, todos seriam acolhidos e respeitados. Neste dia a inclusão estará além dos muros da escola, e entregaremos uma só sociedade. Assim, reafirmando meu pensamento sobre a importância e eficácia das escolas bilíngues na educação de surdos concordando com estes dois relatos de entrevistados:

“Fica evidente a importância da educação bilíngue para a aprendizagem da criança surda, sendo fundamental, para isso, que as atividades realizadas sejam adaptadas conforme suas necessidades. Diante disso, o aluno surdo precisa de uma metodologia de ensino própria, com sala de aula adequada, em que predomine o visual. É importante perceber que a pessoa com surdez tem as mesmas possibilidades de desenvolvimento da pessoa ouvinte, precisando apenas que suas necessidades especiais sejam atendidas.”
(Entrevistado 13)

“Principalmente no que tange a sua interação social, pois a partir da interação com seus pares, ocorre a troca de informações que lhes é muito proveitosa, bem mais do que numa escola regular/inclusiva, ou seja que conta com o intérprete de libras traduzindo as aulas, porque no caso de um intérprete de libras para traduzir todas as disciplinas é necessário uma grande fluência e infelizmente as instituições não contam (geralmente) com um profissional devidamente formado e capacitado para esse fim, o que pode comprometer a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante surdo. A vantagem de um estudante estudar em uma escola bilíngue é que ele vai desenvolver a sua própria capacidade intelectual recebendo os conhecimentos em sua língua materna, que é a Libras, nesse caso o professor de cada disciplina é fluente em libras, sendo assim o professor sabendo dominar a língua de sinais ele mesmo vai identificar as dificuldades que porventura o aluno surdo tenha fazendo as devidas intervenções, mudanças de estratégias de ensino e avaliações assim como sanar dúvidas e lapsos que possam ocorrer e isso numa comunicação direta e oportuna.”
(Entrevistado 14)

O questionário foi encerrado com uma pergunta sugestiva para que os entrevistados relatassem algum caso que tenha lhe marcado nessa trajetória voltada à inclusão. Ninguém se arriscou a citar um único fato, mas sempre enaltecendo o quanto todos os alunos lhes foram caros e únicos. Confirmando que cada ano somos surpreendidos com uma nova história, jornada e capítulo do nosso “diário pedagógico” que nada tem a ver com o fatídico e burocrático *diário eletrônico* de registro escolar. Para mim, todos os contatos e experiências foram marcantes e únicos, mas confesso que os alunos com doenças degenerativas marcaram definitivamente minha trajetória. Eu não sabia como lidar com situações em que via jovens predestinados a um desfecho trágico em que nada

podia ser feito para amenizar ou mudar aquele quadro. Situações como a da Júlia de 11 anos que era ouvinte e estava perdendo a audição por completo; Emanuelle que é surda e ficaria cega até a maioridade; o outro caso que citei anteriormente do aluno Gabriel que lutou contra o câncer. Todos absolutamente inesquecíveis. Não há educação sem que nos envolvamos de forma humana e afetiva.

2.3 A Arte como facilitadora do protagonismo surdo

“(...) quando o surdo diz, “Eu tenho orgulho de ser surdo”, ele choca e confunde o ouvinte. O ouvinte não gosta de ouvir isso, porque começa a colocar em questão a certeza que o ouvinte tem sobre o mundo.”

(MCCLEARY, 2003, p. 3)

Uma vez ciente de sua própria cultura e diante do sentimento de pertencimento a um povo, o sujeito surdo está mais apto a se integrar na sociedade de forma mais efetiva, autônoma e autossuficiente. É chegada a hora de ele exercer seu protagonismo e a Arte é uma facilitadora nessa ação que mudará a própria forma de o sujeito surdo se ver e perceber o outro, aprendendo assim a se relacionar no mundo. Ser protagonista da sua própria história é o sonho libertador para cada indivíduo que vive oprimido numa sociedade repleta de preconceito, discriminação e opressão. Aqueles que não tomam as rédeas da sua própria história ficam a mercê de estigmas impostos por outros, como destaca Gesser, “Não é à toa, as nomeações pejorativas: anormal, deficiente, débil mental, mudo, surdo-mudo, mudinho têm sido equivocadamente atribuídas a esses indivíduos.” (GESSER, 2009, p. 21) É na luta pela transformação dessa realidade que escolhi dar minha contribuição, por meio da Arte, às pessoas surdas para que transformem suas realidades por meio do efetivo protagonismo.

Através da Arte as pessoas irão adquirir ferramentas eficazes para o exercício da cidadania, construção do seu próprio saber e escolha da forma como irão se expressar para se fazerem visíveis na sociedade. Perguntada sobre a importância da Arte como facilitadora do processo de inclusão na escola, a professora surda, Mayrla Sales, relata um fato ocorrido enquanto ainda era aluna,

“estava no ensino fundamental, a professora de Artes pediu que eu participasse com colega no teatro e/ou desenho. Neste caso, ficamos 2º lugar, como fiquei pela falta de comunicação dos jurados que pensavam que a gente era ouvinte.” (SALES, 2022)

Para ela, a Arte deu visibilidade a seu trabalho criativo, ficando como segunda colocada no concurso de talentos artísticos. Mas a falta de comunicação em sua língua, por parte dos professores que integravam os jurados, a prejudicou. Não houve como se expressar e se fazer entendida em regime de igualdade em relação aos demais participantes. Para piorar a total falta de comunicação da equipe pedagógica e organizadora do concurso da escola, não sabiam da sua condição de surdez, uma vez que ela é oralizada, ou seja, se comunicava por meio da fala. Apesar dessas intercorrências, atividades pedagógicas como esta davam visibilidade aos alunos e enaltecia seus talentos e habilidades. Contribuíram para que ela exercesse seu protagonismo como pessoa surda representante de sua cultura e povo. Ela concluiu seus estudos, voltou como professora e hoje é referência e inspiração para outros alunos surdos que também anseiam por uma história de superação.

Outro exemplo que exalta o poder da Arte no estímulo ao protagonismo da pessoa surda é do aluno já citado aqui, Kauan de Sousa. Aluno da EBT, sempre se mostrou bastante tímido e com baixo rendimento escolar, até descobrir seu interesse pela linguagem do desenho. O problema é que sua família não tinha recursos para lhe dar o mínimo de apoio quanto aos materiais necessários à prática dessa atividade. Moradores do entorno de Brasília, na cidade de Águas Lindas de Goiás, com três filhos sendo dois deles surdos, os pais não tinham muito entendimento sobre a capacidade e talento do filho. Essa habilidade para o desenho era desconhecida do próprio aluno. Foi durante as aulas de Artes Visuais e projetos desenvolvidos na escola que o aluno foi se soltando e ganhando confiança, pintando e experimentando traços novos. Durante todo o ensino fundamental ele apresentava consideráveis progressos, cada vez mais desenvolvido e confiante em participar das atividades. No entanto, sem o mínimo de material como papel, lápis de desenho e lápis de cor, não tinha como desempenhar suas atividades artísticas em casa. A solução foi juntar com

os demais professores numa arrecadação solidária, e, com apenas R\$ 5,00 (cinco reais) de cada um, montamos um kit de material artístico. Incrível como o professor, apesar do parco salário, ainda tem que dar conta de sanar déficits como este na educação. Enfim, fizemos um *kit* completo de desenho e pintura para ser doado ao aluno. Apesar de situações de descaso como esta vivenciada nas escolas todos os dias, a alegria em ver a satisfação dos alunos e o brilho da esperança brotar em cada um deles compensa todas as dificuldades.



Figura 22 - Doação de *kits* de pintura e desenho ao aluno Kauan e à direita, desenho com autorretrato feito por ele. Atividades da EBT/DF, 2021.

Este foi apenas um dos primeiros passos dado pelo aluno surdo Kauan para encontrar na Arte o caminho para transformar sua história com confiança e expressividade. Em sua caminhada, destacou-se como ganhador do XI Concurso de Redação e Desenho organizado pelo Sindicato dos Professores do Distrito Federal - SINPRO/DF. O tema proposto pelo concurso era “Eu, estudante na pandemia”. Esse tema não foi apenas um desafio quanto a execução e técnica, mas uma ironia lembrada em situações adversas vivenciadas pelo aluno e inúmeros outros durante esse período marcante para estudantes de todo o mundo, principalmente no Brasil quando as diferenças sociais e lacunas na educação foram escancaradas. Nas aulas *online*, durante o período de isolamento social, nem todos podiam participar em situação de igualdade por

não terem computador ou acesso à internet. No caso do Kauan a família tinha um único celular no qual o uso era alternando entre os três filhos, pai e mãe. A internet era pré-paga e não ajudava na velocidade para que a sinalização em Libras fosse devidamente compreendida na íntegra. Toda essa situação foi evidenciada em seu desenho em preto e branco, com cores de destaque à figura da mãe, que representou o papel importante do apoio da família durante o ensino remoto.



Figura 23 - Desenho do aluno Kauan de Sousa, ganhador do primeiro lugar no XI Concurso de Redação e Desenho do SINPRO-DF, 2021.

A compreensão sobre o que vem a ser protagonista para esse aluno começa a partir do seu entendimento de que era capaz de produzir sua própria Arte de forma livre, bela e criativa. A colheita seguiu após o plantio dessa semente denominada Arte, que possibilitou o florescimento de uma pessoa mais consciente de si mesma, convicta de sua capacidade e confiante. A culminância de todo processo que transformou o Kauan aconteceu na cerimônia de premiação do concurso na sede do SINPRO/DF no Setor de Indústrias Gráficas. Eu mesma o levei, no dia, com direito a um almoço em um restaurante próximo ao local. Ele estava um pouco envergonhado porque foi de chinelo Havaiana e achou o local bem requintado, incluindo um *tour* pelo banheiro que tinha vários

espelhos. Mas o que ele não esperava era que aquele dia a estrela era ele, e, só para ele, dispuseram no evento dois intérpretes de Libras para que ele não perdesse um único detalhe daquele momento ímpar em sua vida. A premiação foi um *tablet* novinho, que ele só teve coragem de desembulhar no carro. Chamou-me atenção também ele se lembrar dos irmãos e pedir para levar os *kits* de lanches além do que já havia consumido.



Figura 24 - Foto do aluno Kauan na sede do SINPRO-DF. À direita, *Thumbnail* para o vídeo do momento em que ele abre o presente da premiação. *Link* disponível em: https://drive.google.com/file/d/12heFK9VJTYBsz2MSzJB8mwvKvp2jKILu/view?usp=share_link.

Todas essas ações que seguiram a trajetória do aluno Kauan foram determinantes para que ele se sentisse capaz de tomar frente diante da sua história, tornando-se finalmente protagonista da própria vida. Atualmente ele continua aprimorando seus desenhos frequentando um curso de altas habilidades ofertado pela SEEDF. Também criou um *Instagram*⁹ onde posta vídeos em Libras e com legendas em português com o processo de criação e desenhos finalizados. Segundo ele, além de divulgar seu trabalho, ainda pode ensinar outros surdos que, assim como ele, têm na linguagem do desenho uma perspectiva de profissão e destaque na Arte.

⁹ *Instagram*: do inglês *Instant Camera*, que significa câmera instantânea e telegram. Representa hoje umas das maiores redes sociais de compartilhamentos instantâneos de fotos e vídeos.



Figura 25 - *Thumbnail* para o vídeo criado pelo aluno Kauan onde divulga seu trabalho com desenhos, incentivando outros surdos para o trabalho com Artes. *Link* disponível em: https://drive.google.com/file/d/11fhxrBawhOJ87TLV5IAfm8-qGsgPyH2Y/view?usp=share_link.

Outras ações seguiram em nosso trabalho pedagógico na Escola para que esse protagonismo do aluno surdo fosse despertado. Um desses momentos importantes ocorreu no dia do lançamento do Canal Educação e do Canal Libras no Palácio do Planalto¹⁰, com a presença e apoio da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e do Excelentíssimo Presidente da República. Foi muito significativo para os alunos surdos da periferia serem recebidos por um chefe de Estado com toda a cerimônia da ocasião. O discurso da anfitriã foi na língua materna deles, em Libras, em cumprimento da Lei de acessibilidade regulamentada pelo Decreto de nº 5.296 de 2 de Dezembro de 2004 e a Lei nº 13.146 de 2015 que trata da inclusão da pessoa com deficiência. Nesta foto, divulgada no *Instagram* da escola e da ex-primeira-dama, o nosso aluno Marlon estava radiante de alegria pelo encontro com essa figura pública e o destaque dado aos surdos no evento. Ele é o mais novo de uma família de quatro irmãos surdos, além dos pais. Muitas vezes acostumado a ser ignorado ou não ter voz em nossa sociedade por ser surdo, Marlon e os demais presentes sentiram-se acolhidos e

¹⁰ Palácio localizado em Brasília/DF, é o local oficial de trabalho do Presidente da República do Brasil. Foi projetado por Oscar Niemeyer.

importantes. Que tenhamos mais ações como esta e que o respeito seja a regra e não a exceção.



Figura 26 - Em ambas as fotos temos a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e o aluno Marlon Alves da Silva no Palácio do Planalto, em 2022, Brasília/DF. *Link* da foto disponível no Instagram oficial da ex-primeira-dama do Brasil @michellebolsonaro em <https://www.instagram.com/p/Cc1VpletRtP/?igshid=MDJmNzVkMjY=>.

Em outro momento, nossos alunos surdos já tinham sido recebidos pela ex-primeira-dama para um café da manhã no Palácio da Alvorada, local projetado por Oscar Niemeyer, localizado em Brasília/DF. Essa obra arquitetônica é uma manifestação do modernismo e funciona como residência oficial do Presidente da República.

Marlon também teve seus momentos de protagonismo nos projetos da própria escola, a EBT/SEEDF. Todo ano é comemorado com grande festividade o dia 26 de setembro, Dia Nacional do Surdo. Essa festividade na escola recebe o nome de *Festsurdo*. Em 2018, promovemos um concurso para escolha do melhor desenho sobre a temática que iria compor a ilustração da camiseta da festa a ser usada por todos da comunidade escolar, alunos e professores. Com originalidade e simplicidade, ele deixou impressa sua Arte nas camisetas da festa. Foi a ilustração da sua mãozinha que nos encantou, lembrando nas cores toda alegria presente nesse grande dia para aquela comunidade.



Figura 27 - Desenho ilustrativo do aluno Marlon Alves da Silva do 6º ano da EBT em 2018, ganhador do concurso de desenho para ilustrar a camiseta do *Festsurdo*.

Todas essas experiências exitosas vividas na escola com os alunos surdos evidenciaram o quanto a Arte é importante na formação de indivíduos cada vez mais conscientes de sua cultura, identidade e capacidade de atuarem como protagonistas de sua própria vida.

CAPÍTULO III - Processo criativo da performance: Vovó Rosalinda em “O Silêncio que vos fala”

“A arte desafia a tecnologia, e a tecnologia inspira a arte”.
John Lasseter – diretor e animador.

Antes de adentrar nesse processo criativo, preciso evidenciar os motivos pelos quais escolhi esse formato digital para apresentação dessa performance. Cunha (2008) em seu capítulo sobre Políticas Educacionais sobre inclusão digital faz uma análise sobre o tema evidenciando documentos importantes para a educação e ensino da Arte abordando

as propostas educacionais inclusivas das tecnologias da informação (TIs), tendo como base os Decretos-Lei, as publicações do Ministério da Ciência e Tecnologia sobre Sociedade de Informação no Brasil e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais apresentam as diretrizes educacionais brasileiras para Inclusão digital das tecnologias contemporâneas utilizadas no processo atual de ensino/aprendizagem da Arte. (CUNHA, 2008, p. 87)

Com base nessa análise documental, percebo que parece haver preocupação por parte do governo em promover essa inclusão digital a todos, inclusive no que envolve a Arte e suas linguagens. Pelo menos na teoria esse interesse “parece” existir, pois na prática educativa, tenho observado uma distância entre o progresso tecnológico e a prática pedagógica, principalmente no que remete às escolas públicas de todo país. E quando o assunto é educação inclusiva de pessoas portadoras de necessidades especiais essa lacuna é ainda maior. Faltam equipamentos, acesso à internet e mesmo o preparo dos profissionais para uso adequado dessas novas tecnologias em sala de aula. A exclusão digital ficou ainda mais evidente durante a pandemia da COVID-19, quando alunos foram impedidos de estarem de forma presencial nas escolas devido às medidas sanitárias de segurança por meio do distanciamento social. Veio então a proposta paliativa das aulas virtuais por meio do acesso remoto. Assim, as deficiências na educação puderam ser percebidas pelo despreparo dos professores quanto ao uso adequado das novas tecnologias e alunos sem acesso aos meios digitais, tudo isso somado a diversos outros problemas sociais. É pesaroso saber que até hoje há pessoas no país que ainda não têm

acesso à internet. Nos soa estranho imaginar os muitos brasis que existem, aqueles da exclusão e abismos sociais.

Consciente dessas inúmeras dificuldades, entendi porque nem com todo empenho e dedicação de todos foi suficiente para manter a rotina dos nossos estudantes. Uma educação de qualidade requer mais que boa vontade, é necessário investimento a longo prazo, planejamento e estruturação por meio das políticas públicas voltadas à educação. Como exemplo de perseverança e esforço para vencer as limitações, trago o caso do aluno Marcos Gabriel. Com o celular da mãe, lutou para continuar os estudos no fatídico ano de 2020. Além da surdez, ele também tinha dificuldade de teclar no celular, pois possui comprometimentos motores em seus movimentos. Optou então por fazer um vídeo dando sua opinião sobre a atividade proposta. A ideia era promover um momento de reflexão sobre a inclusão de pessoas surdas em eventos de Arte. Mesmo com os movimentos lentos e por vezes repetitivos, a tecnologia foi fundamental para dar “voz” a quem é de direito.

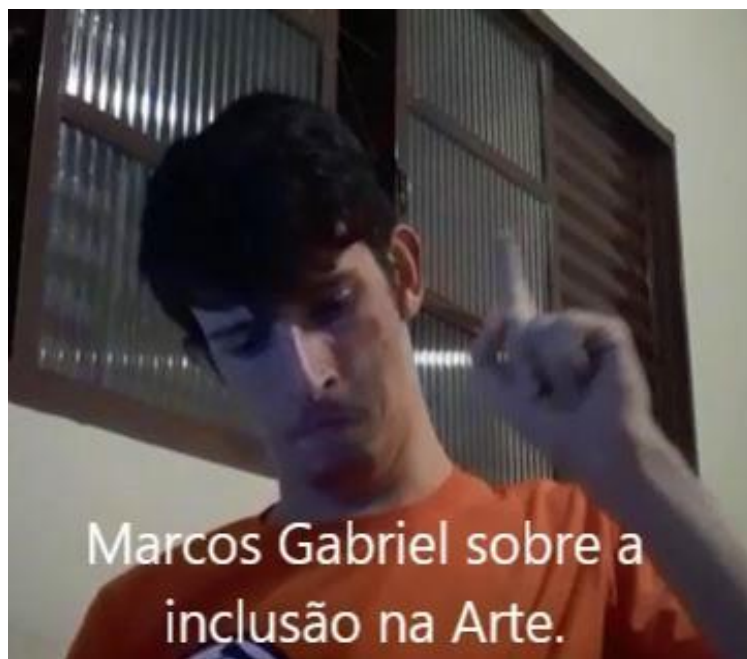


Figura 28 - *Thumbnail* para o vídeo exemplificativo do aluno Marcos Gabriel Barteli Lustosa. Uma das poucas atividades de Artes que conseguiu enviar durante a pandemia. Ele explica porque é importante a inclusão na Arte (EBT/2020). *Link* disponível em: <https://drive.google.com/file/d/18Lp1BWzpkryKg2QV8FjoJpxcwXIIBu9-/view?usp=sharing>.

Pensando sobre a Inclusão digital, essa proposta carece ir além da mera presença de um computador na escola. Para Cunha, se concebida dessa forma seria uma proposta *tecnicista*, que ocorre quando está restrita à execução mecânica e automatizada (CUNHA, 2008, p. 87) dos recursos tecnológicos. Uma inclusão real deve ser pautada numa proposta *tecnocrítica*, que segundo Cunha seria um “meio de expressão autônoma da pessoa, como linguagem.” (2008, p. 87) É nesta forma de inclusão digital que pensei na proposta da execução e apresentação da performance em vídeo para meus alunos surdos, exemplo para eles de uma linguagem que se evidencia nas Artes num mundo cada dia mais tecnológico ao qual todos têm o direito de conhecer e estar inserido. Acredito que esse produto em forma de performance pode inspirar outras produções de pessoas surdas, evidenciando o protagonismo e evitando que sejam mais um na geração de “info-excluídos”. Esse termo é citado na tese de Cunha (2008, p. 102), referindo-se a Takahashi sobre a citação no *Livro Verde* (TAKAHASHI, 2000, p. 31). A definição remete a pessoas que não têm acesso à *internet* ou recursos digitais; são excluídos socialmente e como consequência do não acesso às tecnologias tornam-se analfabetos digitais.

Dispor destas performances no ambiente virtual ou limitar-se a apresentá-las aos alunos não garante a eles a inserção digital. Seria como dispor de um computador na escola para o aluno e acreditar que isso bastaria para sua educação no que se refere a tecnologia. Cunha pontua que é “imprescindível que se postulem políticas educacionais que promovam a criticidade.” (CUNHA, 2008, p. 107) É nesse quesito que acredito ser a performance um diferencial. Sua construção permeia pelo respeito e interação com a cultura surda, além de valorizar o aluno durante sua construção na oficina de teatro. Há muito deles nessa performance, mesmo não sendo eles a encená-la. Quanto à finalização do projeto com sua exibição no ciberespaço, “Compreendemos que ver não é o termo mais adequado para a fruição da obra de arte digital, mas vivenciar, ou, de forma metasensorial, perceber” (CUNHA, 2008, p. 225-226). Logo, a atuação do professor em dar continuidade à dinâmica do projeto após a apresentação

com análises das nuances da performance, o tema, o contexto e a repercussão junto à comunidade surda, é de suma relevância para o êxito do projeto.

O produto final foi pautado na construção da performance interagindo com várias linguagens artísticas e a importância da inclusão digital na educação também do ensino especial. De acordo com Cunha, ao que se refere à educação digital

Faz-se necessário eliminar as diferenças educacionais setoriais, de forma a disponibilizar uma educação digital que promova pessoas capazes de gerar, de criar, de elaborar digitalmente, com base na ética e na liberdade, postulando o direito de expressão, sem distinção. Nesse sentido, a arte digital, pela sua natureza epistemológica, deve estar presente e ser obrigatória... (CUNHA, 2008, p. 149)

3.1 A performance “O Silêncio que vos fala”:

A criação artística dessa performance em vídeo nasceu da vivência e imersão na cultura surda. A filmagem da encenação da personagem Vovó Rosalinda é realizada no teatro do CEM 3 de Taguatinga, sem a presença de público. A edição das imagens foi feita no programa Filmora. A ênfase no formato é voltada ao poético. A língua da encenação é a Libras, embora também contenha narração em português e sonoplastia. A exibição foi vinculada ao ciberespaço como nas redes sociais do *Youtube*, *Instagram* e *site* para todos os públicos que tenham acesso aos ambientes virtuais. Como pontua Cunha, há

a necessidade de nos dedicarmos, como educadores, a investigações filosóficas sobre a cibercultura que venham a impulsionar o exercício da promoção de práticas educacionais calcadas em atos artístico-educativos-intermediáticos. Refiro-me às performances pedagógicas digitais críticas que postulem ritos intermediáticos voltados à produção de culturas educacionais on-line ideologicamente demarcadas no campo da formação do desenvolvimento do pensamento digital autônomo de nossos alunos. (CUNHA, 2017, p. 170)

A linguagem evidenciada nesta produção artística são as Artes Cênicas, pois segundo Cohen “a performance é antes de tudo uma expressão cênica: um quadro sendo exibido para uma plateia não caracteriza uma performance” (2002, p. 28). Neste formato adentro outras linguagens artísticas à medida que vivencio uma maior liberdade estética de construção e interação, a exemplo das Artes Visuais, e a própria língua de sinais. Esse processo criativo se difere do teatro

em alguns tópicos, como o de não se tratar de uma criação coletiva. Na performance tenho a liberdade da criação individual. Cohen evidencia essa característica em seu texto falando sobre essa criação solitária do artista

É a expressão de um artista que verticaliza todo seu processo, dando sua leitura de mundo, e a partir daí criando seu texto... seu roteiro e sua forma de atuação. O performer vai se assemelhar ao artista plástico, que cria sozinho sua obra de arte; ao romancista, que escreve seu romance; ao músico, que compõe sua música. (COHEN, 2002, p. 100)

E assim, de forma silenciosa e solitária, dou vida à Vovó Rosalinda em “O Silêncio que vos fala”:



Figura 29 - Thumbnail para o vídeo da performance em vídeo “O Silêncio que vos fala”, em 2023. Link disponível em: <https://youtu.be/SgY0BYkAhs4>.

Ao apreciar as reações do público sempre me surpreendo com o poder de alcance da *internet*. Em apenas dois dias, após a postagem da performance no *Youtube*, somaram 500 visualizações, crescendo gradativamente conforme os compartilhamentos em aplicativos de mensagens como *Whatsapp* e no *Instagram*. Algumas pessoas entraram em contato parabenizando pelo trabalho, dentre elas haviam alguns surdos, outros ouvintes, pessoas conhecidas ou não. O SINPRO/DF publicou o *link* da performance no *site* da Instituição e no

Instagram, ajudando a impulsionar o alcance junto aos surdos, professores e comunidade com interesse voltado à temática.

Em sala de aula abri espaço para um debate sobre as impressões que tiveram da performance que assistiram. Eles foram unânimes em dizer que se emocionaram e sentiram uma certa pena da Vovó por ela sentir-se sozinha. Não havia ninguém da família por perto. Alguns arriscaram a dizer que ela era uma boa pessoa, pois mesmo triste e sozinha ela pensou na criança surda e disse que o mais importante era o amor. Um dos alunos, Marlon, se emocionou e disse em Libras que lembrou da sua vovó que já faleceu. Segundo ele, era ela quem lhe dava carinho desde criança. Na empolgação mostrou aos colegas algumas fotos da sua vovó que trazia consigo no celular. No meio do alvoroço em sala, uma das alunas que é CODA mostrou-se mais triste. Perguntada sobre o motivo, revelou que não tem ninguém que lhe dá carinho. Embora seus pais sejam surdos e ela conheça a língua de sinais, ela se sente sozinha. Outra aluna surda disse para ela não perder a fé, vai ficar tudo bem. Achei estranha a convicção com que aconselhou a colega, então perguntei como ela sabia que tudo se resolveria. Ela prontamente me lembrou da “vela” que a Vovó mostra no início da performance. Era essa “vela” que mostrava a fé no caminho. Fiquei muito surpresa com a observação, mesmo tendo pensado exatamente isso na encenação, sei que o surdo tem dificuldades de perceber o uso de metáforas na linguagem. Fiquei feliz com a perspicácia dela na percepção do contexto abordado sobre a vela. E ela não se sentia sozinha, pois tinha muitos amigos surdos na escola.

Assim, a Vovó Rosalinda cumpriu seu papel de falar por meio da Arte sobre sentimentos. Cada um a seu jeito foi encontrando a figura da “vovó” em sua vida, no passado ou no presente, longe ou perto, ouvinte ou surda; aquela figura disposta a acolher independente da língua que usa como forma de expressão, verbal ou não-verbal. Por fim, de pronto identificaram que a atriz que interpreta a Vovó não era uma pessoa surda. Era uma ouvinte encenando em línguas de sinais. Perguntei como poderiam ter tanta certeza, e me responderam: “surdo conhece surdo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.

Paulo Freire, 2013.

A pesquisa resultou na culminância de uma performance em vídeo encenada em Libras pela personagem Vovó Rosalinda. O resultado foi apresentado para comunidade surda, alunos surdos e também ouvintes, sendo amplamente divulgada pelos meios digitais e plataformas virtuais. Esse trabalho me possibilitou compreender o quão relevantes são essas novas dinâmicas mediadas pela tecnologia para divulgação e ensino da Arte. O hibridismo na Arte com integração das linguagens artísticas também abriu caminho para outros campos de atuação como professora e artista.

Em alguns momentos pontuei reflexões sobre o que eu defendo, faço e acredito nesse universo da Arte. Observei as imagens de espetáculos produzidos pelos meus alunos, vídeos antigos, fotos de outros trabalhos e algumas encenações que fiz ao longo da minha vida. Me emocionar com todas essas lembranças que, apesar do trabalho e das dificuldades enfrentadas nessa trajetória, valeram a pena. O que vivemos e experienciamos na Arte deixa sempre uma sementinha que pode vir a germinar, pois a educação sempre será uma troca.

A trajetória que antecede ao trabalho com a educação de surdos foi um laboratório de experiências que entendi terem sido lapidadas ao longo dos anos de efetivo trabalho junto a Arte-Educação. O trabalho com os surdos eu definiria como sendo a “cereja do bolo”, não pelo resultado do trabalho em si, mas por minha própria aprendizagem e amadurecimento quanto ao poder transformador da Arte na formação dos indivíduos e de toda sociedade. Todas essas experiências procurei apresentá-las oportunamente na pesquisa, sistematizando as inúmeras vivências e refletindo sobre a importância da Arte na educação. Deixo aqui minha reflexão sobre o papel da Arte-Educação na sociedade e qual seria meu compromisso como artista e professora de Artes, tendo nessa

linguagem um facilitador para a construção de um mundo melhor, mais justo e igualitário.

O preconceito, a exclusão e discriminação que vivenciei ao longo da minha vida me fizeram sentir próxima dos surdos a ponto de me identificar com a luta deles. Estamos todos à margem dessa sociedade cada vez mais excludente. Em suma, lutamos todos pela mesma causa! Lutamos por dignidade, aceitação e respeito. A arma que empunhei em busca da superação foi a própria Arte. Ciente das minhas conquistas, percebi que eu tinha o dever de compartilhar a minha aprendizagem com outras pessoas. Essa é uma caminhada que devemos fazer juntos, sozinhos não mudamos nada, não há vitórias num mundo desigual. A Arte, uma vez integrada aos propósitos de uma educação comprometida, é uma das linguagens eficazes para nos auxiliar nessa trajetória de forma mais branda e suave. A presença da Arte na educação resulta em uma ascensão que vai muito além da aquisição do conhecimento, o alcance é a própria lapidação do ser.

Não dou por concluído meu trabalho, sei que ainda sigo trilhando esse caminho e semeando Arte, mas sigo agora com a sensação de estar no caminho certo. E essa certeza traz aquela sensação de êxtase após a apresentação de um espetáculo depois de um longo período de ensaios e dedicação. E a vida é esse ciclo de busca por realizações e superação de desafios. Mesmo a cortina tendo se fechado hoje, nos bastidores, já dei início à um novo ensaio para outros papéis futuros. Quando o dia que eu não estiver mais em cena chegar, outros artistas já estarão prontos para continuar esse caminho que chamo de “o grande palco da vida”.

REFERÊNCIAS

A guerra do Fogo. Direção: Jean-Jacques Annaud. Produção de Denis Héroux e John Kemeny. França-Canadá: 1981.

ALVES, Rubem. O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender. Campinas: Fundação Educar DPaschoal, Campinas: 2004. Disponível em <https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/212282/mod_resource/content/1/DesejodeEnsinarBlog.pdf>. Acesso em Out. de 2022.

ARAÚJO, Karla. A teatralidade do surdo na performance. 2015. Dissertação (Programa de Mestrado Interdisciplinar em Performances Culturais). Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BRAGA, Bya. Metodologia de Pesquisa em Artes Cênicas. Diversos autores. Abrace: Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Dia Internacional da Linguagem de Sinais procura promover a inclusão de pessoas surdas: No Brasil, cerca de 10 milhões de pessoas apresentam algum nível de surdez. Disponível em <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?23/09/2021/dia-internacional-da-linguagem-de-sinais-procura-promover-a-inclusao-de-pessoas-surdas-#:~:text=No%20pa%C3%ADs%2C%20cerca%20de%205,7%20milh%C3%B5es%20n%C3%A3o%20ouvem%20nada>>, publicado em 23-09-2021. Acesso em Jun. de 2022.

_____. Ministério da Educação. BNCC: Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseaofinal_site>. Acesso em: 10 Jun. 2022.

_____. Planalto Central, Subsecretaria de assuntos jurídicos. A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 6 de julho de 2015; 194º da Independência e 127º da República. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 25 Dez. 2022.

CALDAS, Renata. Teatro em Taguatinga: Jornal Correio Braziliense, p. 19, Ago. 2004. Disponível em: <<https://www.rosapires.com.br/escoladeteatrodetaguatinga>>. Acesso em 2 Mai. 2021.

CARLA, Maria. Professora interpreta “Vovó Rosalinda e Encena performance em Libras, publicação no Site do SinproDF em 8 de Junho de 2023. Disponível em: <<https://www.sinprodf.org.br/professora-interpreta-vovo-rosalinda-e-encena-performance-digital-em-libras-para-surdos/>>. Acesso em 13 Jun. 2023.

COHEN, Renato. Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

CUNHA, Fernanda Pereira. Cultura Digital na E-Arte/Educação: Educação digital crítica. 208 f. Tese (Doutorado em Comunicação na Escola de Comunicação e Artes) Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-31082015-150049/publico/FernandaPereiradaCunha.pdf>>. Acesso em: 26 Dez. 2022.

CUNHA, Fernanda Pereira. Performances culturais e-arte-educativas: do e-laissez-faire à educação digital crítica. Artes Visuais e Educação: ensino e formação. Uberlândia/MG: EDUFU, 2017. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/ebook_artes_visuais_2017_1.pdf#page=166>. Acesso em: 14 Ago. 2023.

DENIS, Léon. O Espiritismo na Arte. Coleção Religião e Filosofia. Editora Autch, ebook, 2015. Disponível em: <http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/D_autores/DENNIS_Leon_tit_Obras/DENIS_Leon_tit_O_Espiritismo_na_Arte.pdf>. Acesso em: 16 Set. 2022.

Documentário em audiovisual “Sou surda e não sabia” de Sandrine Herman e Igor Ochronowicz, Produção *Point du Jour* – France 5. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Vw364_Oi4xc>. Acesso em Ago. de 2022.

DRUMMOND, Andrade. No meio do Caminho tinha uma pedra. Revista de Antropofagia. Diário de São Paulo, São Paulo, 2ª Dentição, p. 1, Jul. 1928.

FERNANDES, Ariane Patrícia da Silva. Do silêncio ao diálogo: proposições para o ensino de Libras por meio do teatro. Dissertação (mestrado em Artes) - Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Brasília, 2021.

FERRAZ, Sílvio. Apontamentos sobre a escuta musical. Revista Música Hodie, Goiânia, v. I, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido [recurso eletrônico]. 1. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Cilene Rodrigues Carneiro. Processo de compreensão e reflexão sobre iniciação teatral de surdos. Dissertação (mestrado em Artes) - Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Brasília, 2014.

GESSER, Audrei. Libras: Que língua é essa?. Rio de Janeiro: Editora Parábola, 2009.

HEGEL. Estética Pintura e música. Coleção filosofia e ensaios. Tradução de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Editora Guimarães, 1974.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro Zahar Ed., 2001.

MCCLEARY, Leand. O orgulho de ser surdo. In: encontro paulista entre intérpretes e surdos. São Paulo: FENEIS-SP, 2003.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Exército Brasileiro. Projeto da Rádio Verde-Oliva FM leva civismo e cidadania à escola de educação inclusiva em Taguatinga, out 2017. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/znUQcGfQ6N3x/content/id/8352545>. Acesso em 11 out 2022.

MIRANDA, Ricardo. A política cultural é elitista. Revista Tablado, ano 6, 22 out./5 nov. 2004, p.13-14. Disponível em: <<https://www.rosapires.com.br/revistatablado>>. Acesso em 7 ago. 2022.

O Milagre de Anne Sullivan. Direção: Arthur Penn. Produção: Fred Coe. EUA: 1962. DVD, son., p&b.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. RJ: Editora Vozes, 1986.

PEDERIVA, Patrícia L. M.; GONÇALVES, Augusto C. A. B. Educação musical na perspectiva histórico-cultural: uma didática para o desenvolvimento da musicalidade. Revista Obutchénie, v. 2, n. 2, p. 314-338, 22 dez. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.14393/OBv2n2a2018-2>. Acesso em: 15 jun. 2022.

READ, Hebert. As Origens da Forma na Arte. Tradução de Waltensir Dutra. RJ: Zahar Editores, 1981.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 123-140.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes, uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 1998. Disponível em <file:///C:/KINDLE/Vendo%20Vozes_uma%20viagem%20ao%20mundo%20dos%20surdos.pdf>. Acesso em 19 out. 2022.

sem autor: Revista Pense Leve. Histórias de Sucesso: Mais leve, muito mais feliz. São Paulo, ano 15 n. 179, mai. 2007, p. 63. Disponível em: <<https://www.rosapires.com.br/penseleversapires>>. Acesso em 2 mai. 2022.

SKLIAR, Carlos. Educação e Inclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

Sou surda e não sabia. Direção: Igor Ochronowicz. Produção: Point du Jour Production. França, 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Vw364_Oi4xc> Acesso em: 15 jun. 2022.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o Teatro. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2010.

STANISLAVSKI, Constantin. A Construção da personagem. Tradução de Pontes de Paula Lima. RJ: Civilização Brasileira, 2016.

STANISLAVSKI, Constantin. A Preparação do Ator. Tradução de Pontes de Paula Lima. RJ: Civilização Brasileira, 2012.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Editora da UFSC, Florianópolis-SC, 2008.

TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz. O enigma da Esfinge ou a incorporação de Dulcina de Moraes no processo de formação de talentos nas artes cênicas em Brasília. Revista Urdimento. n. 14, 55-69, jul. 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/234146821>. Acesso em: 26 jul. 2022.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 5. ed. Petrópolis, Vozes: 2012.

VALENZUELA, Sandra Daniela Mora. Além do som: a prática da música na experiência de um grupo de surdos e ouvintes. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes. São Paulo, 2021.

VIOTTI, Sérgio. Dulcina Primeiros Tempos. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Artes Cênicas. Lacerda, 1988.

APÊNDICE A – CARTAZ PARA CHAMADA À PARTICIPAÇÃO NA OFICINA TEATRAL DOS ALUNOS DA EBT/SEDF

TODA TERÇA-FEIRA, ÀS 13H30M
Local: Escola Bilíngue Libras Português escrito de Taguatinga

PÚBLICO: ALUNOS SURDOS DA EBT

Já começou a oficina!

PROF. ROSAPIRES

UnB **UDESC**

rosapires.com.br
61 9837-4502

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E NOME PARA ADULTOS

Eu, _____,
portador (a) de Identidade nº _____, e CPF o nº _____,
residente _____ no _____ endereço
_____.

autorizo a professora Rosa Pires Fernandes, aqui pesquisadora e mestranda em Artes do Programa de Mestrado Profissional em Artes na Universidade de Brasília – UnB, o uso e a reprodução da minha imagem e nome, podendo inseri-las nos documentos e arquivos do projeto de pesquisa, bem como em materiais audiovisuais para publicação na biblioteca virtual, revistas de pesquisas acadêmicas, seminários, congressos, nos sites das instituições realizadoras e em canais para consulta online, com fins educacionais, destinados à formação de estudantes. Fica estabelecido que, pela minha participação, não serão pagos quaisquer valores em dinheiro, nem por direitos autorais, nem por direito de uso de imagem e nome. O uso de imagens e nome será realizado sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, sendo vetada a utilização da imagem, nome e da voz para campanhas publicitárias de qualquer natureza.

_____, _____ de _____ de 2022.

Assinatura do Entrevistado

APÊNDICE C – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E NOME PARA MENORES DE IDADE

Eu, _____,
portador (a) de Identidade nº _____, e CPF o nº _____,
residente _____ no _____ endereço
_____,
responsável legal pelo(a) menor _____,
portador de identidade no _____, autorizo a professora Rosa Pires
Fernandes, aqui pesquisadora e mestranda em Artes do Programa de Mestrado
Profissional em Artes na Universidade de Brasília – UnB, o uso e a reprodução da minha
imagem e nome, podendo inseri-las nos documentos e arquivos do projeto de pesquisa,
bem como em materiais audiovisuais para publicação na biblioteca virtual, revistas de
pesquisas acadêmicas, seminários, congressos, nos sites das instituições realizadoras e em
canais para consulta online, com fins educacionais, destinados à formação de estudantes.
Fica estabelecido que, pela minha participação, não serão pagos quaisquer valores em
dinheiro, nem por direitos autorais, nem por direito de uso de imagem e nome. O uso de
imagens e nomes será realizado sem limitação de tempo ou do número de
utilizações/exibições, sendo vetada a utilização da imagem, nome e da voz para
campanhas publicitárias de qualquer natureza.

_____, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do Responsável Legal

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Pesquisa para professores comprometidos com a educação de surdos



Olá,

Convido aos colegas professores comprometidos com a educação de surdos a participar desta pesquisa cujo tema é **Histórias e vivências em uma escola voltada à educação de surdos: a Arte como meio de promover o protagonismo do sujeito surdo**. O trabalho está sendo desenvolvido pela mestranda Rosa Pires Fernandes, aluna do Instituto de Artes da Universidade de Brasília - UnB, orientada pelo Professor Dr José Mauro Barbosa Ribeiro.

O trabalho tem como objetivo entender as contribuições do ensino da Arte na educação dos surdos, estando aberto às contribuições de professores de qualquer disciplina, possibilitando assim que os dados analisados abordam diversos aspectos da contribuição da Arte na educação inclusiva, seja em projetos interdisciplinares, culturais ou que promovam o protagonismo do aluno surdo.

As informações obtidas por meio deste questionário serão utilizadas exclusivamente para embasamento nas discussões e análises propostas nesta dissertação de mestrado no curso já citado, de forma ética, íntegra e coesa.

Desde já agradecemos sua participação, aproveitando para pontuar o quanto sua contribuição pode fomentar transformações positivas na educação.

E-mail*

1 - Você é

() ouvinte. () surdo (a).

2 - Há quanto tempo trabalha com alunos surdos?

3 - O que levou você a trabalhar com a educação de surdos?

4 - Em breve relato, conte como foi seu primeiro contato com uma pessoa surda.

5 - Em relação à Língua de Sinais você se considera:

() fluente. () intermediário. () básico. () não tenho interesse.

6 - Você considera que a Arte seja importante na educação de surdos? Justifique sua resposta.

7 - Qual a disciplina que você leciona ou qual cargo ocupa na escola?

8 - Já teve a Arte como facilitadora em algum projeto do qual participou na escola? Qual?

9 - Você acha que há alguma familiaridade entre o teatro e a expressividade inerente à língua de sinais?

10 - O ensino da Arte e projetos artísticos e culturais na Escola podem contribuir com um melhor desempenho escolar dos alunos? Como?

11 - Você considera que as escolas bilíngues, que têm como primeira língua Libras, sejam mais interessantes à educação dos surdos em relação às escolas regulares com suas propostas de inclusão? Justifique.

12 - No seu trabalho como educador observou algum fato interessante que o tenha marcado, envolvendo alguma linguagem artística como teatro, dança, música ou artes visuais?

13 - Em sua opinião, o que mais dificulta a aprendizagem dos alunos surdos?

14 - Durante sua trajetória na educação de surdos, houve algum aluno que o marcou a ponto de repensar sua prática pedagógica?